LAMPIÃO da esquina

Rio de Janeiro, dezembro de 1980 — CR$40,00
• Leitura para maiores de 18 anos
Ano 3/Nº 31

MASTURBAÇÃO O PRAZER DA MAIORIA!

Ipanema, Rio, verão de 1980

...É UM ENORME PERU DE NATAL

GOZE BASTANTE ESTE VERÃO.

CONVERGETES, HOMOSSEXUALÉRRIMAS, LAMPIONETES: QUANTO ATIVISMO!

CARTAS NA MESA

De Shakespeare

Aproveito para mandar um abraço para todos da redação e pedir que me mandem urgente (mesmo) o calendário "nus Masculinos 81", via reembolso postal, pois não o acho em nenhuma banca da paulicéia. Por que será?

Por ser um dos integrantes do grupo **Outra-Coisa** e um dos elementos que saíram de **Somos** no famoso "racha", eu me senti profundamente tocado e ofendido pelo editorial publicado na página dois do número 29. Está claro que ele foi escrito por alguém que está totalmente desinformado sobre a nossa atitude, mas que não deixa de fazer sua maldadezinha com críticas gratuitas e sem estruturas. Ainda com a pretensão de ser sutil. Sutilidade de elefante.

Ora, sr. João Carlos, acredito que tenha ficado bastante clara a posição do **Outra-Coisa** (Grupo de Ação Homossexualista, sim senhor), no "racha": em vários documentos e depoimentos já enviados ao jornal. Portanto, qual a necessidade de provocação, agora, meses depois do acontecido. Creio que não cabe explicar aqui o por quê de tudo novamente, afinal para um bom entendido... Depois, já deixei patente a minha posição na carta anterior.

Minha queixa agora é mais geral: qual é a do Lampião? Primeiro, vocês dizem "que não estão ligados a nenhum grupo homossexual especificamente" (sic), que estão "vitalmente interessados no surgimento de grupos homossexuais" (outro-sic) e, percebem por acaso, que o **Outra-coisa** foi um grupo que surgiu com o "racha" do **Somos**? Por que nas páginas de Lampião tem sempre critiquinhas, piadinhas de mau-gosto e fuxicos (como os da coluna "Bixórdia"), dirigidos aos grupos ou à este grupo? Parece mais que vocês não apenas estão interessados na não criação de novos grupos, como fomentar o ódio entre os já existentes. Por que não assumem de vez uma postura, uma posição mais clara? Seria menos hipócrita. Aliás, eu sei muito bem o quanto uma "brincadeirinha inocente" de vocês pode ter uma conseqüência destrutiva no trabalho desses mesmos grupos organizados, trabalho de suor e sangue, realizado com carinho. Um jornal é feito por pessoas reais e palpáveis e não por algo abstrato em nome de uma "democracia de idéias. Por mais divergências que exista entre todo o conselho editorial, o jornal sempre terá uma linha mais definida. O resto é tapar o sol com a peneira, coisa muito conveniente e conivente.

É bom não se esquecerem que quando o Lampião sofria um processo na Polícia Federal, foi justamente um grupo organizado, o **Somos**, que criou o Comitê de Defesa do Jornal Lampião. Como na época eu fazia parte do grupo — fui uma das pessoas que saíram atrás de gente famosa e influente, catando assinaturas para um abaixo-assinado em favor de vocês. Um trabalho bastante cansativo, árduo e dispendioso. Portanto, em vez de patrulhamentos ideológicos, ironias destruidoras ou críticas gratuitas, venha trabalhar com a gente. O Segundo Encontro Brasileiro de Homossexuais, vem aí, e vai ser aí no Rio. Tem tanta coisa ainda pra ser feita... Que tal dar uma forcinha pra gente? Igualmente não se esqueçam que o lampião, foi o único jornal ao qual foi permitido cobrir a parte fechada do Primeiro Encontro. Quando as vendas de jornal caíram aqui em São Paulo, também era a gente que saía às ruas fazendo propaganda e distribuindo jornal nos meios.

No mais, uma sugestão: que acham de uma entrevista com o pessoal da "Rose"? Tenho muita curiosidade de ver a cara deles e, acho que eles tem muito a dizer pra gente. Gosto da revista, e eles no momento, estão sofrendo um bocado com a nova onda de "moralismo" surgida no país. Além de tudo, eles sempre cumpriram com o prometido...

Desculpem a carta sem acento, estou usando uma máquina alemã toda maluca e, vergonhosamente, tenho deficiências com a língua portuguesa, não consigo guardar as regrinhas. Na esperança de ver essa publicada no "Cartas na Mesa", deixo beijos bem carinhoso e chupadas nas picas de vocês.

Ricardo III — São Paulo — SP

R — Querida Ricardo III. Será que é coincidência como sua homônima shakespeareana? Depois dessa, vamos à respostinha da sua carta. Antes de mais nada, eu não sou senhor e nem senhora, e sim se-nho-ri-ta. Não posso saber exatamente o que acontece nos grupos, entre outras coisas porque sempre fui contra aglomerados de meia-dúzia que pretendem falar pela maioria. Entendido? Segundinho, se o nome **Homossexualista** era tão bom, porque vocês mudaram para **Outra Coisa**? Porque não **Homossexualérrimas**? Terceiro: eu não sou do Conselho do jornal e sim colaborador desde os primeiros números — muito antes de pessoas como você terem surgido e provavelmente continuarei depois de terem desaparecido. O que acho é que vocês têm atacado **apenas** a esquerda, esquecendo que moramos num país de direita. Tá boa, santa? **(João Carlos Rodrigues)**

Ainda os michês

Sinceramente estou cada vez mais decepcionado com o nosso jornalzinho, parece que o lema e vocês é "vamos deixar como está, para ver como é que fica". Não entendo porque tanta gritaria se o negócio é respeitar as regras do jogo. Como é que vocês se dizem defensores das minoria e depois dedendem e justificam o papel do dinheiro nas transas homossexuais?

Fiquei bastante chocado com a defesa que vocês fazem dos "michês": Ora, como é do conhecimento de muitos, os tais "michês" são ladrões, assassinos e chantagistas em potencial. Será que vocês ignoram os riscos que envolvem tal tipo de transa? Afinal, quando alguém é roubado ou sofre extorsão neste tipo de transa, dificilmente tem coragem de ir à polícia, pois, devido aos preconceitos existentes, a vítima geralmente fica com vergonha...

Outro papo furado é esta questão de "minorias oprimidas". Aqui no Brasil, "consciência de classe" é coisa que não existe. O negócio é cada um por si. Nenhum homossexual, negro ou pobre está se importando com o que acontece com o grupo do qual faz parte, desde que esteja se dando bem (ou pense que esteja).

Será que vocês nunca ouviram isto? "veado pobre não dá pé..." ou "veado só com muito dinheiro...". Resumindo, "michês" e travestis são perigosos, como também bichas pintosas.

Quanto a vocês, parem com este papo furado de defesa das "minorias oprimidas". Afinal, vocês falam muito, mas, na hora "H", acabam pagando em troca de uma transa.

Sabe queridinhos, militante, sou eu, que não estou aqui para dar parte do meu salário, ganho com o meu suor, em troca de alguns minutos (?) de prazer. Quem quiser molesa vá morder água. Se eu admitir recompensar alguém quem faz o preço sou eu. Essencial para nossa sobrevivência é feijão e arroz. Algumas coisas são dispensáveis. Para mim, prazer não é artigo de consumo (ou de luxo?).

Discordo inteiramente da Rafaela quando disse que as outras "minorias" desconfiam dos homossexuais. Eles não desconfiam queridinhas, eles desprezam...

Walmir Souza Lima — Rio — RJ.

R. — Ih, gente, que é que tá havendo? Este pessoal tá muito mal humorado! Quem foi que disse, querido Walmir, que a gente fez a defesa dos michês? A gente apenas apresentou a questão. Quanto ao fato de haver michês assassinos, vamos pôr os pontos nos iis: também há bichas assassinas, meu bem! Também há bicha mau caráter, bichas carecas, bichas manetas, bichas datilógrafas de cartório, etc.. O fato de ser bicha não transforma ninguém em astronauta. E quem foi que falou pra você que o prazer não é artigo essencial? A gente acha que sim, e por isso Lampião existe. Quanto à sua opinião sobre o que as outras "minorias" pensam da gente, bem, é caso pra se pensar...

Paus em Copa

Venha até V.S., solicitar a publicação desta carta, que se refere a um incidente comigo acontecido, e que me faz ficar constrangido e traumatizado em comentá-lo, pois apesar de saber das ondas de violência na nossa cidade do Rio de Janeiro, jamais imaginei que pudesse chegar a esse ponto.

No dia 31 de outubro, participei duma solenidade de formatura no centro, e após seu término, eu e sete amigos fomos convidados a participar de um jantar na casa de um dos formandos. Por volta de uma hora da madrugada de sábado, decidimos ir à Boite Queva (escrevi certo?), para terminar a noite, e assim sendo, pagamos um táxi e para lá nos dirigimos. Ao descermos na Rua Miguel Lemos, fomos abordados por um grupos de rapazes entre 17 a 20 anos, que rapidamente puxaram meu pullover (que eu pusera nas costas), e iniciaram agressões ao meu amigo. Como eram em grande número (aproximadamente 7 ou 8), torna-se desnecessário dizer que não poderíamos enfrentá-los e nos pusemos a correr em disparada, enquanto nos seguiam sob ameaças. Paramos em frente a boite, e enquanto nos refazíamos do susto, porteiros e frequentadores nos informaram que era comum tal acontecimento, e que inclusive na semana anterior já haviam atacado um rapaz — que o fizeram ficar hospitalizados. Momentos mais tarde, fomos notificados que haviam sido presos, e ouvimos o seguinte comentário: "Que nada, não adianta, eles são filhinhos de papai e logo estarão lá novamente e piores do que nunca". Não entendo porque até agora não foi tomada nenhuma providência, (esqueci de mencionar que logo depois os rapazes voltaram e me devolveram o pullover, jogaram-no e disseram que não voltassemos mais senão nos arrebentariam e que não tinham intenção de roubar ninguém).

Ficamos sabendo também que os rapazes normalmente agridem aqueles que suspeitam ser homossexuais e que se dirijam aquela boite ou ao The Club. O que me encabula, é que eu e meu amigo somos enrustidos aos extremos. Que não seja por isso, onde é que nós estamos? Será que dois homens não podem transitar na madrugada pelas ruas de Copacabana ou em qualquer área da Zona Sul que são logo massacrados? Como pode alguém querer bloquear sentimentos alheios, preferências sexuais, através da violência? Eis a resposta do "porque" das vítimas não se declararem nem denunciarem: Medo de serem mais massacradas ainda por duas outras forças maiores; a sociedade e a família. Em outras palavras, este tipo de procedimento só é aceitável (em parte), nas cidades pequenas, no interior, pois nestes lugares o nível de intelectualidade é insuficiente para discernir tais situações, sem contar é claro, com o rigor moral que costuma imperar na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, onde se concentram os mais célebres, os mais famosos... (aliás, muitos homossexuais célebres e famosos), não dá pra entender.

Neste incidente poderíamos até sermos mortos ou ficarmos mutilados fisicamente. Pelo que pude perceber, e politicamente naquelas imediações é quase nulo, e no futuro poderá acontecer outros incidentes, e quiçá não teria conseqüências trágicas. Talvez esses rapazes estejam em conflito com seus interiores, com suas existências, e não aceitando esta condição procuram extravasar naqueles que procuram viver assumidamente suas vidas.

O que peço, e faço encarecidamente, é que haja maior policiamento naquelas imediações, e que o Lampião, como veículo de comunicação dos entendidos, faça um alerta quanto a esta situação, e com isso impedir que pessoas sejam massacradas somente por amarem diferente, ou por não seguirem os nobres preceitos de 80% da nossa sociedade, que nos considera anormais, não atentando para o fato de que anormais são justamente aqueles que encapuçados fogem de suas verdades, extravasando-as em forma de violência.

Jota — Rio

Recado pros assinantes

• Atenção pessoal cujas assinaturas vencem em janeiro e fevereiro: renovem já, e escapem do inevitável aumento do começo de 1981. O Lampião, por mais contestador que seja, não pode fugir aos implacáveis índices de Delfim. Mande cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ): até fins de janeiro o preço continua o mesmo: 450 pratas.

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrisóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet e João Silvério Trevisan.

Coordenador de Edição — Aguinaldo Silva.

Redação — Francisco Bittencourt, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Alceste Pinheiro, Antônio Carlos Moreira, Aristides Nunes, Dolores Rodrigues e Leila Míccolis.

Colaboradores — Rubem Confete, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Edward Mac Rae (Campinas); Glauce Mattoso Celso Cúri, Cynthia Sarti e Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Alexandre Ribondi (Brasília); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); e Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).

Fotos — Cynthia Martins, Dimitri Ribeiro e Iara Reis (Rio); Cris Calix e Dimas Schitni (São Paulo).

Arte — Antônio Carlos Moreira (arte final), Nélson Souto (diagramação), Mem de Sá (capa), Levi, Patrício Bisso e Hartur.

Revisão — Dolores Rodriguez.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF): 29529856/0001-30; Inscrição Estadual: 81.547.113.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11, sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP. 20.400, Santa Teresa, Rio de Janeiro.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio, RJ.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda — Rua da Constituição, 65/67; **São Paulo**: Paulino Carcaneti; **Campinas**: — Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda; **Curitiba**: J. Chignone e Cia Ltda.; **Londrina**: Livraria Reunida Apucarana Ltda; **Florianópolis e Joinville**: Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; **Jundiaí**: Distribuidora Paulista de Jornais e Revista Ltda; **Porto Alegre**: Coojornal; **Campos**: R.S. Santana; **Belo Horizonte**: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda; **Divinópolis**: Agência Souza; **Juiz de Fora**: Ercole Caruzo e Cia Ltda; **Goiânia**: Agrício Braga e Cia. Ltda; **Brasília**: Anazir Vieira da Silva; **Vitória** — Norbin, Distribuidora de Publicações Ltda; **Salvador**: Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda; **Aracaju** — Wellington Gomes Andrade; **Maceió**: Gesivan R. de Gouveia; **Recife**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda. e Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda; **João Pessoa**: Henrique Paiva de Magalhães; **Campina Grande**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda.

Assinatura anual (12 números): Cr$ 450 (Brasil) e US$ 25 (exterior). Números atrasados: Cr$ 50.

As matérias não solicitadas e não publicadas não serão devolvidas. As matérias publicadas neste jornal são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Fotos: Cynthia Martins. Modelo: Hiran

MASTURBAÇÃO

O prazer da maioria

Nem Paulo Francis, um cara que persegue a originalidade 24 horas por dia, escapou ao lugar comum: no seu livro de memórias, recentemente publicado, ele diz que, quando jovem, dedicava-se pontualmente (duas vezes ao dia) ao exercício da punheta: de manhã e ao anoitecer. Truman Capote, que pouca gente sabe, mas é o ideal de Francis em matéria de originalidade (Capote, escritor americano, leva uma vantagem sobre o nosso Paulo: é bicha), também não faz por menos, a julgar pela sua resposta a uma platéia de circunspectos estudantes norte-americanos: ao ouvir um deles dizer que o homossexualismo, praticado por uma minoria, era uma coisa "anormal", fuzilou: "Ora, bofe, se normal fosse o que a maioria prefere, então, em matéria de sexo, o normal seria a masturbação..."

Normal? Maioria? Palavras altamente suspeitas, mesmo em questões menores, como, por exemplo, quem ganhou as eleições (Arena ou MDB?). Uma "reportagem física" (obrigado, Paulo Hecker, por batizar tão bem o nosso trabalho de jornalistas) sobre a masturbação, proposta por Alexandre Ribondi, de Brasília, causou o maior rebu em nossa reunião de pauta deste mês. Vozes iradas se levantaram contra o tema e, em poucos minutos, uma discussão acirrada descambara, da teoria, para o terreno da prática; deu pra sentir que ali mesmo, na própria discussão, já estava nascendo a matéria.

Claro, porque todo o mundo — a chamada maioria — se masturba, mas o assunto, mais que qualquer outro no terreno da sexualidade — incluindo a "vivência homossexual" que alguns heterossexuais praticam às sextas-feiras, depois do terceiro ou quarto drinque — é ainda tabu. Quem faz, por que faz, quando faz, como faz, é isso que a gente resolveu descobrir. Começando por nós mesmos. Por exemplo: é incrível, mas, via Leila Míccolis, soubemos que muitas mulheres sequer conhecem o local correto onde se masturbar; ou que, na cabecinha de alguns homens, nenhum pensamento perpassa enquanto eles se entreguem aos folguedos manuais — há quem goze à base do "branco total". Isso sem falar na "literatura científica" sobre o assunto, de uma pobreza de fazer dó, em português (os chineses não fazem por menos: um recente "manual de educação sexual" lançado na ex-terra de Mao, declara que a masturbação faz um mal horrível ao proletariado: quá, quá, quá!).

Os de mais de 40 anos ainda se lembram do modo como o assunto era tratado em casa, na escola, na igreja — os "pilares da sociedade" eram unânimes: os punheteiros tinham vida atribulada e breve. As gerações mais jovens, se escaparam ao pavor das doenças, dos males atribuídos à masturbação, não fugiram do silêncio fechado quando ao assunto: seus pais, eméritos punheteiros cheios de sentimento de culpa, fingiam ignorar o longo tempo passado por seus ricos rebentos em banheiros e outros locais fechados, a se exercitar na maldita herança paterna. E mesmo os mais jovens ainda — essa geração "menino do Rio" que dizem tão liberada — não acrescentaram nada ao assunto, além dos seus eficientes dedinhos; basta lembrar o que disse um deles, ao responder a uma das perguntas de nossa pesquisa ("Onde você se masturba?"); a resposta cândida: "No pênis".

Assim, na elaboração do nosso trabalho, topamos com dificuldades perto das quais aquelas impostas pela simpática máfia da prostituição masculina (vide número anterior) eram nada; primeiro, nossos próprios pruridos, somente quebrados quando uma mulher maravilhosa, uma leitora, dias após a nossa reunião de pauta — e quando ainda prosseguia, acirrado, o debate sobre o assunto —, nos perguntou: "Vocês já experimentaram com dois dedos?" E deu, eficiente, direta, uma aula que todos, à medida que ela dava a teoria, transformavam em prática; e depois, os pruridos dos outros — dessa famosa maioria que, se não hesita, quando cada um resgata sua própria individualidade, em descascar uma boa banana, prefere nunca falar sobre o assunto. Com vocês, o prazer da maioria. Na qual, naturalmente, nos incluímos nós. (Aguinaldo Silva).

Prazer solitário: eu, hem?

Já faz algum tempo que pensava em fazer, para o Lampião, uma matéria sobre masturbação. Mas tinha apenas a vontade, pois faltava-me a forma __ porque cheguei à conclusão, desde o início, que não bastaria falar de minhas atividades solitárias e tirá-las do banheiro. Queria saber também o que pensavam as outras pessoas. Foi aí que surgiu a idéia de pô-las para conversar em volta de um gravador que, no final, registrou mais risadas e piadas que palavras sobre o assunto.

Mas é fácil entender porque ríamos tanto. Afinal, desde crianças, sempre aprendemos a ligar a masturbação ao ridículo e ao vergonhoso, imagens que ficaram registradas de maneira bem mais forte que a de pecado já que, agora, não tememos mais pecar mas receamos profundamente ser ridículos.

Na verdade, porém, poucas pessoas não se masturbam e, se escondem o prazer que têm sozinhas, é porque ainda acreditam, de uma forma ou de outra, que estão se esforçando em vão ou que não conseguiram nada melhor para fazer. O que há por trás disto, destas acusações que fazemos a nós mesmos, é a projeção de uma ideologia que dá, aos pais, o direito de dispor dos filhos e fechar-lhes todos os caminhos através dos quais eles possam concluir que têm um corpo, um sexo e, principalmente, uma individualidade __ e, se este conhecimento é sempre feito através do prazer, é preciso impedir que o filho goze e deixar bem claro que o pênis e a vagina têm apenas uma função: procriar. Qualquer alteração nesta norma é imoral e suja, o que não nos dá muitas chances de sermos felizes conosco mesmos.

As oito pessoas que participaram desta conversa conseguiram, de uma maneira bastante pública, deixar claro que praticam a masturbação e que, sem nenhum complexo, gostam disto. (Alexandre Ribondi).

* * *

A.R. — Bom, a coisa é a seguinte: a gente percebe que, ultimamente, tem se discutido muito o homossexualismo, mas sempre em relação à sociedade, sempre tendo em mente que há um confronto entre nós e o resto do mundo, mas fala-se muito pouco de sexo mesmo, uma coisa que inclusive pode nem ser social, a masturbação é uma atitude individual, em princípio. A masturbação, como eu a vejo, é uma alternativa de se ter prazer consigo mesmo. Quando eu me masturbo não é porque não encontrei ninguém para levar para a cama, quer dizer, não é um substituto, uma lamentação, mas um momento em que eu uso o corpo que tenho e procuro conhecê-lo, tocá-lo, pôr o dedo onde quiser, visitar todos os buracos, sem nenhuma outra pessoa que possa me inibir, só tenho eu mesmo para me inibir. Eu acho maravilhoso poder me conhecer, em ponho o dedo e quero saber como é a minha textura interna e isto é fantástico porque é justamente no meu corpo que está o princípio de todas as repressões. Então, se você está sozinho em seu quarto e tenta se conhecer e com isto chega até a gozar, bom, você não pode fazer isto sem parar para pensar depois. Poder fazer isto merece uma salva de palmas. Inclusive o Mick Jagger diz que prefere se masturbar a trepar. Eu não; eu gosto de todos os dois. Bom, então eu vou fazer uma pergunta que vem bem ao caso. Todo o mundo aqui se masturba?

Todos — **Sim! Mas é claro!**

A.R. — Mais de uma vez por semana?

O.P. — Mais de uma vez por dia, às vezes. Olha, uma coisa que eu pensei é que se você faz sexo muito bom com alguém, geralmetne você se masturba alguns dias depois. A masturbação está sempre ligada a uma passagem sexual boa que você teve e você rememora aquilo com o maior prazer. Quer dizer, usa toda uma experiência anterior.

F.S. — É, entra muito a fantasia.

A.R. — Mas você se masturba em você mesmo, olhando para o seu corpo e ficando excitado com isto?

F.S. — Eu fico excitado com o meu corpo, claro.

M.T. — Mas eu acho também que é sempre possível se masturbar sem recorrer a nenhuma fantasia, sem guiar o pensamento para nada, usando apenas você mesmo.

A.R. — É, eu concordo. Eu tento não pensar em nada, sem fantasiar. A não ser que vocês considerem fantasia enfiar o dedo.

O.P. — Mas eu não sei se o caso que eu citei é fantasia. Você está rememorando uma coisa que aconteceu, não há criação, há apenas lembranças de um prazer.

L.T. — Então, o que é fantasia?

O.P. — É você criar algo que não aconteceu.

L.T. — Mas é uma coisa que está em sua cabeça.

A.R. — Então, todas as suas recordações são fantasias?

F.S. — As minhas fantasias sempre partem de algo concreto ou de uma pessoa que eu conheço e que me atrai.

L.T. — Eu já tentei me masturbar sem pensar em ninguém, já consegui mas é uma coisa muito mais elaborada, mais difícil.

A.R. — Pois eu me excito, sim. Se olho para meu peru, eu gosto, eu uso um espelho para alcançar partes do corpo que normalmente não posso ver.

O.P. — É uma coisa muito narcisista.

A.R. — **É, é narcisista. Eu tinha mais ou menos 16 anos e estava sozinho em casa, de noite, vendo televisão pelado. Começou a chover, aquelas chuvas escandalosas, com muito trovão e eu morava perto do rio. Eu fui para a varanda, para pegar a chuva no meu corpo. Toda aquela chuva, a escuridão, e eu sozinho, tudo aquilo excitava muito a minha imaginação aos 16 anos, eu acho. Quando percebi que a coisa me agradava, fui até o guarda-roupa de minha mãe, que tinha um espelho grande na porta e fiquei me olhando, virava de um lado para o outro e acabei me masturbando. Foi a partir daí que me dei conta que meu próprio corpo me excitava.**

F.S. — Quando eu me masturbei pela primeira vez, tive um complexo de culpa incrível, claro. Achei que aquilo era pecado, estas coisas todas. Mas no meu colégio tinha aula de educação sexual e o professor falou sobre higiene corporal e masturbação e aquilo me ajudou a tirar os grilos. Depois eu falei com a psicóloga do colégio. Ela me perguntou se eu ainda tinha muito grilo com a masturbação e eu fiquei vexado com a pergunta. Mas ela teve paciência de me explicar que masturbação era uma coisa normal e que era uma fonte de prazer como outra qualquer e, principalmente, que não havia nada de pecado.

A.R. — Eu, quando ia estudar matemática e não conseguia aprender nada, ficava parado olhando para o livro aberto e aquilo me provocava muita ansiedade e eu tinha que me masturbar. Depois, eu me relaxava e voltava a estudar para, mais tarde, sentir vontade de bater punheta outra vez.

F.S. — Uma coisa que me excita muito é a água. Acho que pela massagem que ela faz em meu corpo.

F.S. — É engraçado isto, porque eu estudava em colégio de padre e não tinha tanta repressão assim.

O.P. — Colégio jesuíta?

A.R. — Por que? Os Jesuítas promovem a masturbação?

O.P. — Não, não é isso. Só queria saber.

M.N. — Eu estudava com os Irmãos Maristas e sofri muita repressão.

F.S. — O meu era Salesiano.

M.N. — Mas eu passei uma repressão violenta.

A.R. — Você era interno?

M.N. — Não.

A.R. — Porque em internato eles mandam inclusive você tomar banho de água fria para diminuir a vontade. O que é um engano, porque não diminui.

M.N. — No meu caso, embora eu tivesse desejo, comecei a me masturbar com 18 anos. E eu me sentia culpado até mesmo por minha polução noturna.

F.S. — A minha primeira vez foi muito engraçada. Eu ouvia falar em gozo mas não sabia o que era aquilo. Aliás, eu achava que urina e gozo eram a mesma coisa. Pensava que transar com uma pessoa era fazer xixi nela.

A.R. — Meu Deus, isto é escatologia!

F.S. — Eu me masturbava, me masturbava e nunca chegava ao gozo.

A.R. — Quer dizer, você fazia xixi e não conseguia nada.

F.S. — **Aí, quando eu tinha 12 anos, eu gozei. Foi aquela explosão, parecia que o mundo ia cair para o lado. Eu ejaculei e foi uma coisa linda. Fiquei excitado com o próprio gozo e tornei a me masturbar mais duas vezes no mesmo dia e achei tudo ótimo. Mas fiquei frustrado porque, mesmo assim, não foi tão bom quanto eu queria. E sabem para quem eu fui contar o acontecido? para a minha empregada.**

A.R. — Contou para empregada? Viva a inocência!

F.S. — Contei. E minha primeira transação foi com ela.

O.P. — Quanto a isto de polução noturna, era terrível, porque eu acordava todo esporrado e ficava com medo que descobrissem. Eu corria para lavar o meu pijama.

A.R. — Eu escondia o meu pijama e minha mãe, invariavelmente, o achava. E para mim foi terrível também porque quando eu tive a minha primeira polução noturna, eu já tinha começado a bater punheta. Foi meu irmão quem me ensinou.

M.N. — E você pensava em que?

A.R. — Quando? Quando o meu irmão me ensinava a me masturbar?

M.N. — Não. Quando você começou a bater punheta sozinho.

A.R. — Não sei. Não meu lembro. Mas o que eu queria dizer é que quando eu tive a minha primeira ejaculação involuntária foi quando eu me aposentei da masturbação porque eu entrei numa que era um grande pecado, eu me sentia mal, tremia todo, a cabeça doía, dava vontade de vomitar, eu tinha uns treze anos na época. Então, eu jurei nunca mais fazer aquilo, passei a ser profundamente religioso, rezava todas as seis horas da tarde e dormia com minha mãe, quer dizer, na mesma cama que ela. E minha primeira ejaculação noturna foi ao lado de minha mãe, o que me tornou mais religioso ainda para me salvar do pecado e da doença.

F.S. — **Para mim, a masturbação não era um problema. Problemática era a polução noturna e por isso eu me masturbava antes de ir dormir.**

A.R. — **Ah, é? Quer dizer que em vez de rezar, você batia punheta?**

F.S. — **Bom, eu via a coisa como uma questão de higiene.**

D.V. — Pois é, a idéia de limpeza. Eu achava que me masturbando eu me tornava imundo. E que ia ficar doente.

A.R. — O pulso não afinava, não? Na minha escola todo mundo media o pulso. E a gente aprendeu que o esperma era sangue batido, uma espécie assim de **milk-shake**.

D.V. — É isto mesmo. Tanto que quando eu me masturbava eu não deixava ejacular. Parava antes para economizar o sangue.

O.P. — Ai, que coisa horrível.

F.S. — Pois eu não posso me queixar tanto assim. Quando eu tinha 14 anos eu operei a fimose e meu pai chegou para mim e disse: "Você bate punheta?" eu respondi que sim e ele me disse que eu não poderia fazer aquilo por um certo tempo. Tudo bem, mas passou um mês, ainda tinha a marca bem visível da operação e eu já não aguentava mais e fui procurar meu pai e contei para ele. Ele me disse para eu experimentar e ver como é que ficava. Quer dizer, eu nunca tive repressão em casa. Nem no meu colégio, porque o próprio padre que dava aula de educação sexual era bem aberto. O meu único problema mesmo era a população noturna por uma questão de higiene.

A.R. — você ligava sexo com coisa suja, com falta de higiene...

F.S. — Não, não era ligar sexo com coisa suja, não. Era por causa da melequeira mesmo.

A.R. — Sim, claro, mas aquela melequeira não é suja.

F.S. — Não é suja porque é uma secreção interna, uma secreção minha.

A.R. — Mas eu concordo com você que era uma sensação desagradável o contato do esperma com o corpo.

F.S. — Mas, hoje em dia, eu já não acho isto não. Eu não acho a melequeira desagradável, agora.

D.V. — A gente só vai ficar falando da masturbação da genitália...

O.P. — Masturbação da genitália? O que é isto?

D.V. — Ou a gente vai falar de objetos inanimados também?

A.R. — A gente vai chegar lá. Objetos inanimados e animados também. Porque, claro, todo mundo pode usar recursos como garrafas, escovas de dente.

D.V. — É, tem égua, colchão...

A.R. — Égua?, Ah, sim, você comeu uma égua. Usava bananeira também?

D.V. — Não, mas descobri um buraco no meu colchão e usava aquilo para pôr o meu piru dentro. Isto é masturbação, não é?

F.S. — **Eu, uma vez, achei uma caimisinha de vênus e a vesti para me masturbar. Achei lindíssimo.**

H.F. — Eu, quando me masturbo, acabo tendo o problema de gozar logo.

A.R. — Você pode retardar o gozo.

D.F. — Mas é muito difícil...

A.R. — **Existe uma lista de conseqüências graves da masturbação que eu já ouvi falar. Por exemplo, que fica difícil o piru levantar numa relação sexual quando você tem o hábito de se masturbar muito. Outra coisa é que você pode virar bicha.**

O.P. — **Bom, aqui ninguém corre mais este perigo.**

D.V. — Foi sua mãe quem te disse isto?

A.R. — Ela e outras pessoas. Diziam também que você pode ficar brocha, que nasce pêlo na mão.

L.T. __ Eu ligava o homossexualismo à masturbação porque, como eu nunca havia tido uma relação com homem, eu via um cara, achava ele bonito e me masturbava. Era uma coisa terrível, porque meus sonhos eram horrosos. Eu sonhava que estava tentando comer uma mulher, não conseguia e chegava um homem por trás, me comia e eu gozava.

A.R. — **Que esforço você fez, hen? Ninguém pode acusá-lo de não ter tentado ser heterossexual...**

L.T. — E para me livrar do desejo de ir para a cama com um homem, eu me masturbava também. Acabava ligando mais ainda o homossexualismo com a masturbação.

F.S. — Bom, mas voltando ao assunto dos objetos inanimados, a primeira vez foi com minha avó...

Todos — **Sua avó?!**

F.S. — Não, é que minha avó tinha o intestino preso e tinha a mania de tomar lavagem com aquela bombinha. Eu tentei, não gostei e utilizei o dedo mesmo.

A.R. — Que não é um objeto inanimado...

F.S. — Pois é, mas eu tentei a bombinha, não gostei e passei a usar o dedo.

D.V. — Posso perguntar quantos?

F.S. — Um só.

Caçando eirá no meio da cabunga*

D.V. — **Tinha uns tubos de plásticos onde eu gostava de enfiar o piru para me masturbar.**

F.B. — Eu gostava de usar camisinha de vênus porque descobri que podia bater punheta onde quisesse que não sujava nada.

M.N. — Eu tenho dois amigos, que são caso há uns dez anos, e que buscam constantemente recursos novos. Eles usam camisinha de vênus para transar.

A.R. — Como material erótico? Isto é bem chegado ao fetiche, não é não? É quem nem cheirar calcinha de mulher.

A.R. — É verdade. Eu conheci um cara que dizia gostar de **cheirar** cuecas usadas. E ele tinha uma aparência bem saudável, no bom sentido do termo, não parecia com nenhum tarado clássico.

F.S. — Pode ser, mas eu prefiro cheirar **lá** a cheirar cueca.

O.P. — **Claro, se você gosta de homem, você gosta também de sentir o cheiro dele. Todos os cheiros, inclusive o cocô dele.**

A.R. — Eu concordo que é saudável, mas do meu ponto de vista estritamente pessoal, isto me dá ânsia de vômito. Eu tenho muito grilo com cocô.

D.V. — Mas eu acho que tem muita relação entre evacuação e masturbação. Quem é que não sente um certo prazer quando está evacuando?

M.N. — Eu tenho a impressão que a maioria das pessoas não curte cocô.

D.V. — Da mesma maneira que não curte o cheiro de suor.

O.P. — **Todos os cheiros são profundamente humanos. Antinaturais são os perfumes e os desodorantes. O cheiro de meu corpo é muito mais agradável.**

A.R. — Tem um desejo muito natural, na criança, de comer o seu cocô, a sua meleca, beber o seu xixi, que é o desejo de conhecer e experimentar as coisas que saem de seu corpo e este desejo é violentamente reprimido. Pelo que eu sei, eu nunca comi cocô, porque meu irmão mais velho comeu, minha mãe ficou horrorizada e proibiu todo os outros filhos de comer também.

D.V. — **Fica o desejo não realizado, a vontade de fazer e não conseguir. Imagine as conseqüências disto.**

A.R. — Exatamente. Porque a distância que há entre o desejo e a ação é sempre medida pela repressão que você recebe.

L.T. — Há a idéia de que, numa relação homossexual, você se sente sempre irrealizado porque tem que usar outros recursos para gozar, como, por exemplo, a masturbação que é constantemente vista como algo inferior, menos digna. Esta idéia serve muito bem para menosprezar a relação homossexual.

A.R. — Mas eu acho que, dependendo da situação, uma punheta é bem mais completa que uma trepada.

Em Nova Iorque, qualquer lugar é lugar. Em São Paulo, a capital desvairada da Paulicéia sacana, é quase assim. Escadarias de edifícios, escadarias de ladeiras, praças e ruas de footing, bares, saunas, cinemas e no caso específico: banheiros públicos ou não.

No WC masculino da Biblioteca Municipal Presidente Kennedy, as inscrições nas paredes revelam a onda de sacanagem que invade o sacrossanto ambiente escolar paulistano: cacetas em riste e entrecruzadas substituem os ossos da base da Escuderie do Esquadrão, e a caveira é substituída por uma cara de policial encimada por um Kojak de pena esferográfica. Bilhetes, códigos, recados, anúncios bi ou trilingües, em meio a versos e slogans eróticos ou político-partidários borrados de porra escorrida e seca (visual semelhante aos filamentos de vela de sebo derretida; o olfatual característico: leite em pó azedo).

Os **experts** em questões políticas acreditam que uma visitinha do líder Lula ao banheiro situado entre a fábrica da Antártica e a estação férrea da Mooca colocaria sua doce ilusão de heterossexualidade da massa operária nos velhos compêndios do museu da Sociologia Política paulistana.

O complexo balneário da Sé quanto mais é explorado mais rico e intrincado vai ficando. O WC masculino da Estação Sé do Metrô funciona como pólo irradiador das mil e uma vias ou rotas sacanas naquela área. Em cima da Estação, uma romântica praça de cimento armado anguloso, adequada aos namoricos e paqueras; ao redor, uma série de bares com banheiros menos tumultuados (mais aprazíveis para os que buscam uma transa mais privê).

Especiais mesmo são os banheiros de dois pavimentos de um velho edifício da Quintino Bocaiúva (número 48, se não me engano; com portal em arco, um luminoso de neon que indica o andar de um cartório civil e outro na fachada de uma ótica do térreo). Nestes banheiros (azulejados até o teto) os hóspedes contarão com verdadeiras suítes amplas, razoavelmente limpas, com lavatórios e papel higiênico com fartura.

O mais lumpenoso dos ambientes pseudo-úricos é o banheiro público da Praça Ramos de Azevedo, a cinqüenta metros dos porões do Teatro Municipal. Em termos estritamente sociológicos, pode-se afirmar a ocorrência de uma telúrica brincadeira policlassista nestes ambientes, embora se admita uma mais ampla afluência dos setores mais laboriosos da sociedade.

A vivência nos leva a admitir que os maiores entendidos em nus fálicos são os funcionários públicos municipais que cuidam desses banheiros, ou os guardas de segurança nas estações de metrô, ou os simples zeladores de edifícios da Nova Iorque tropical. Quando percebi isto, consegui entender por que estes experientes entendidos se entediam com o incessante desfile cotidiano (até na hora da procissão do Corpo de Deus na Sé, assisti a um desses desfiles de nus fálicos) e retiram os mais repetitivos da passarela mictórica.

Para ir mais fundo na ANÁLise destas ricas cenas lúdico-fálidas: não creio tratar-se de um frívolo ou mero desfile, mas de uma exacerbação masturbatória inconseqüente e gostosa, se os personagens tiverem algo a ver com suas fantasias. Isto só se pode tornar efetivamente excitante com a captação e decodificação dos olhares insinuantes, com atenção às partes nuas — braços, cara, peitos e, naturalmente, as cacetas.

Lumière apavorou todo mundo com a sua locomotiva em marcha. David Cardoso deliciaria todo mundo se focalizasse nossas passarelas mictóricas e esses falos corajosos, na sua marcha diacronerótica da molidão à ereção. Um espetáculo indescritível, só vendo mesmo. Os prazeres nesses lugares podem ser vários, comprometedores ou não. Podemos adotar, conforme o astral, só a via voyeurística. Também podemos assistir, tocar, ser tocados, chupados, chupar, gozar, ser esporrados; ou laçar e içar algum para paragens mais tranqüilas. Enfim, tudo depende da miconjuntura (micro ou micto?).

Quando aparecem os cardiosádicos, nesses casulos sujos e fétidos, nos dizendo que homem que é homem não mostra isso pra outro, ou te perguntando se vais demorar muito, finja que não é contigo. Se te pegarem pelo braço, puxe junto o rabo do companheiro e grite "Socorro!"; a histórica solidariedade combativa se manifestará com a dispersão rumorosa da platéia.

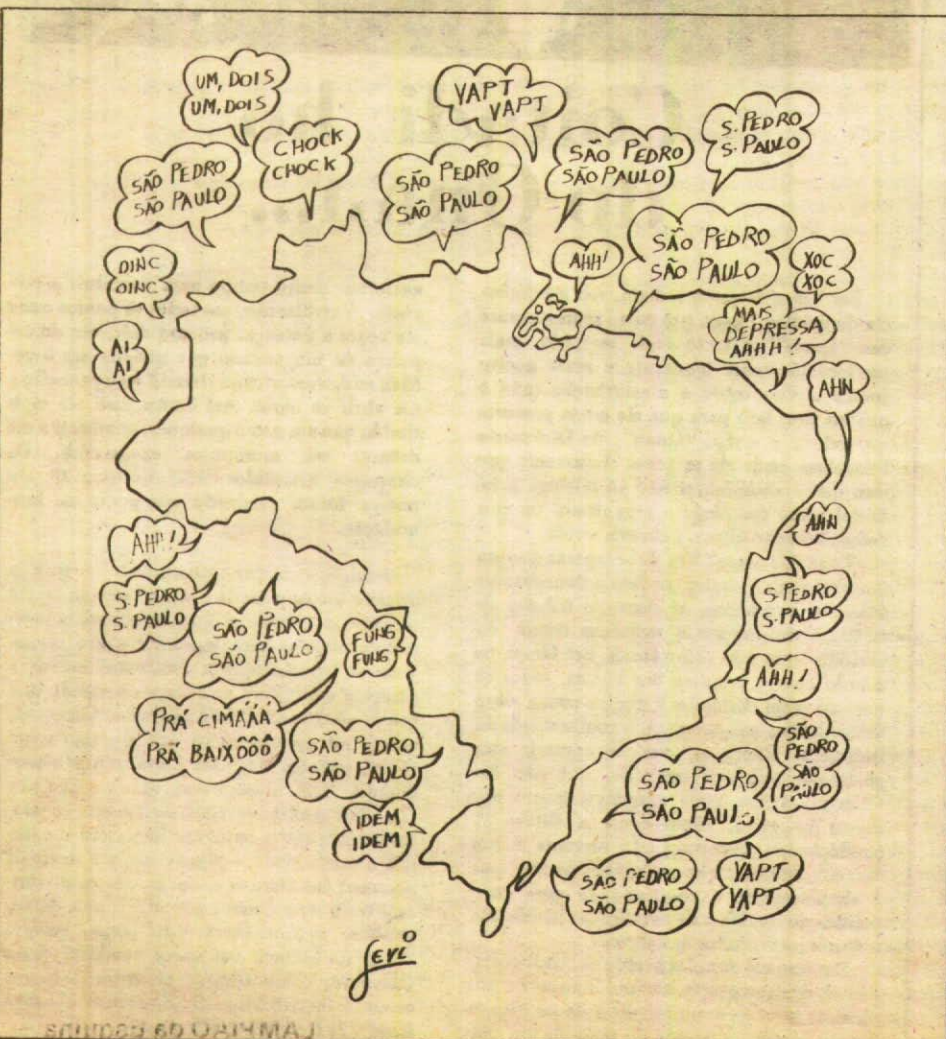
Mas entre todos os banheiros públicos do centro de São Paulo, o que se apresenta com um perfil mais orgânico e neotribal é o do Túnel da Avenida 9 de Julho, abaixo dos porões do MASP (Museu de Arte de São Paulo). Neste, as bichas governam. As bichas governam tão tranqüilamente que chegam ao cúmulo de estacionar por perto, descer os 148 degraus e passar um tempão futiando pelo monástico solar encolunado da 9 de Julho. O nível sócio-econômico da clientela é polivalente: mendigos, trombadinhas boys e office-boys da Paulista, freqüentadores dissidentes do MASP e pessoas atraídas pelos **psius** que as bichas dirigem aos amontoados nas paradas de ônibus da 9 de Julho.

Há pouco tempo, neste templo do prazer (cheio de graffitis censurados por brochas caiantes) foram presas várias pessoas (algumas um pouco conhecidas entre intelectuais da cidade). Dia e noite, ininterruptamente, a mesma ameaça: a polícia se aproveita da não-visibilidade dos seus movimentos pelos que se encontram lá embaixo e pega quase todo mundo de surpresa: "Não queremos ver mais nenhum viado por aqui! Vamos embora!" E sai toda aquela viadada resmungando. Mas, alguns juram que já treparam com vários policiais entendidos. Durante o dia, no primeiro ou último degrau se posta um preto-véio vendendo amendoim em casca ou outra bijuteria mastigável. É sustentado pelos freqüentadores do lugar (cigarros, bebida alcóolica, etc.). Essa figura é amigo e protetor dos que gostam do pedaço. Não se sabe ao certo o resultado da luta de classes entre as margaridas da limpeza pública e os tranqüilos donos do pedaço. Só se sabe que os que vão lá já ouviram alguns dizendo: "Temos que nos unir mais para melhor nos defender." Será a expressão da base de algum grupo homossexual ativista-político?

Interessante saber também que na Estação Terminal do Metrô Jabaquara temos dois banheiros masculinos. Um deles é ostensivamente dominado por homossexuais — parece a miniatura de um ginásio coberto, com labirintos circulares. O outro é misto: todos os bichos e classes sexuais classificadas até o momento estão lá representados. As portas desses banheiros estão brochadas de esperma seco escorrido. Neles, o que mais se faz é masturbar. Poucos como o da 9 de Julho oferecem a oportunidade de se trepar num quartinho com portas quebradas — porque mesmo nesses lugares pensamos na defesa de nossa privacidade, ou "dignididade", para os mais grilados. O mais comum é ir para o canto que for mais interessante, sempre procurando os ângulos e as posições mais favoráveis e seguras.

Quando chegar a algum desses banheiros e encontrar pouca gente ou ninguém interessante, dê uma olhada no que se escreve atrás das portas. Se te excitar, não hesite: toque uma punheta. **(José Luís de Toledo)**

---

* **eirá:** mel (umbanda)
cabunga: sujeira (umbanda)

Roteiro eclético dos WCs pau-listas

- **Praça Ramos de Azevedo**
- **Piso superior do Túnel da Av. 9 de Julho**
- **Estações de Metrô: São Bento, Jabaquara, Sé e Santana**
- **Fábrica Antártica da Mooca**
- **Largo Paissandu**
- **Praça da República**
- **Parque da Luz**
- **Rodoviária Central (Praça Júlio Prestes)**
- **Bibliotecas Municipais Mário de Andrade (Centro) e Pres. Kennedy (Santo Amaro)**
- **Galeria Prestes Maia (Viaduto do Chá)**

DEZ CONSELHOS PARA BANHEIRISTAS

1. Saque a barra, perscrute a conjuntura mictória; antes de agir, insinue, quantas vezes forem necessárias, do modo mais sensual possível.

2. Procure esses locais nos horários de pique: das 7 às 9; das 11 às 13; das 17 às 19.

3. Não se sinta obrigado a contribuir com as caixinhas estrategicamente dispostas nas portarias.

4. Não entre no WC do Largo do Arouche: exploração, chantagem e pacto com michês.

5. Quando a fetidão for demais e o tesão ibidem, não fuja da raia: convide o ilustre passageiro para um passeio mais confortável. O tesão é a máquina motora desta História.

6. Nem tudo que reluz é ouro.

7. Tamanho não é documento.

8. Cuidado com michês e assaltantes — conselho não-paternalista para os incrivelmente mais inocentes ou pusilânimes.

9. O peixe morre é pela boca.

10. Não fique tensobcecado: assim o tesão não pinta.

De ativos, passivos e reflexivos

Central do Brasil, 10 horas. A multidão lançada pelo trem de Queimados, o direto, ocupa o hall da estação, as escadas em direção ao ônibus e ao metrô. Ninguém pára. As pessoas se tropeçam. O garoto com o uniforme azul e branco do Colégio Pedro II deixa o Metrô e entra tranqüilo na estação. Seu destino é diferente. Ele não vai pegar um dos trens que levam ao subúrbio distante depois das aulas. A olhar pelos lados, o garoto com, com duas estrelas no emblema, indicando o segundo ano do segundo grau, dobra a esquerda e pega a escadaria sob grandes letras: HOMENS:

Atrás dele seguem três ou quatro pessoas. Um assalto, talvez. Não. O garoto do Pedro II desce rápido para a sua primeira seção de exibição no banheiro da Central do Brasil, ou melhor: na Estação Dom Pedro II. Simples coincidência. O banheiro já está cheio quando F., o pedrosecundense penetra no banheiro, lozalizado no subsolo da estação, que recebe passageiros, curiosos, punheteiros, exibicionistas e, às vezes, pessoas interessadas em algum programa.

Lá está F., __ 16 anos __. Já cercado pela curiosidade alheia, bem ao seu gosto, como confessará mais tarde. Sua aula começa às 12 horas na Seção Centro do tradicional colégio, onde estudaram presidentes da República, ministros e punheteiros. Ele chega duas horas antes e se exibe até a hora da aula. Gozar agora, não. Só no final da aula, lá pelas quatro horas. Ele fica mais duas horas no banheiro e termina a sua punheta no final da tarde, quando o banheiro começa a receber outros frequentadores e fica muito cheio.

DE CARNE E OSSO

F. parece já conhecido da turma que exibe-se no banheiro da central, uma verdadeira Porno-Shop tropical, na qual os apetrechos são de carne e osso mesmo.

F. è um tipo bem diferente dos habitantes freqüentadores da confraria da punheta, como R., personagem igualmente importante nessa história de quase sacanagem, denomina as amareladas paredes de mármore da central. Sua calça bem passadinha e a camisa branca igual a daquele sabão em pó da TV o deixa meio deslocado do ambiente. Não que o banheiro esteja sujo. Já se foi o tempo em que mal se podia freqüentá-lo por alguns minutos. Os seus freqüentadores iniciaram uma campanha pela sua limpeza. Não se surpreendam, adeptos do ativismo; um grupo começou a escrever para os jornais reclamando da sujeira. Chegou época em que o banheiro da central virou até depósito de fetos das populares fazedoras de anjo da baixada.

E o banheiro, ou melhor, o punhetório público, como R., com a sua ironia de ex-freqüentador da Via Ápia, apelidou, hoje pode ser freqüentado sem muito incômodo para as narinas. Para isso contribui a sonolenta figura do servente, sentado ao fundo, entre os mictórios e os reservados, estes quase abandonados. Para ele, o banheiro da Central é como qualquer banheiro do mundo. Limita-se a fiscalizar a sua limpeza e completa a suada aposentadoria com a distribuiçado papel — antigas e já amassadas, o que as tornam mais suaves, páginas da edição colorida das segundas-feiras, de O Globo —. Um exercício de todo inútil: ninguém, em momento algum, lhe pede papel __ os reservados estão sempre vazios. Mas ele, paciente, está sempre lá, a cuidar da limpeza, e... troca de um café vez por outra pago pelos membros mais bem sucedidos da confraria.

F. é realmente uma figura diferente no meio daquele amontoado de desocupados. Talvez, por isso, o silêncio é a sua característica. Aproximar-se de F. é um exercício de paciência. Primeiro porque no seu primeiro passo os admiradores o cercam. Ele se expõe sem medo algum, observa os parceiros, ensaia um sorriso e se toca sem pudor. Os convites para uma conversa mais prolongada são sempre recusados:

— Não tenho intenções de conversar com ninguém, nem pretendo sair com pessoa alguma. — Confessaria mais tarde diante de minha insistência. — O que eu quero mesmo è bater punheta, no meu canto, sossegado. Já venho aqui faz um ano, desde que me transferi para o centro. Se você começa a conversar logo fica amigo e eu não estou a fim. Não sou bicha, nem gosto de trepar com homem. Quero me exibir e ver os outros se exibindo.

Ficar amigo, membro da confraria, é quase uma obrigação no banheiro da Central. Os freqüentadores da Porno-Shop Tropical fazem questão de se relacionar e há um certo esprit des corps. Há sempre os que ficam do lado de fora de subsolo, próximo ao café, a velar pela segurança e a dar o alarme ao primeiro sinal da presença da Polícia Ferroviária, fardada ou não. Na Central do Brasil o decoro público custa Cr$ 70. Pelo menos é o que se cobra a quem é pego em flagrante de punhetagem e levado ao Posto Policial da estação. A acusação é a mesma de sempre: atentado ao pudor.

Mas não é só nisso que se caracteriza a Confraria da Punheta. Seja no hall do subsolo ou mesmo dentro do banheiro — na "sala de estar" — há sempre tempo para um bate-papo ameno, para um cigarro, para um tititi. Atitude às vezes mal compreendida por algum novato mais descarado, como o Cabelo de Aço, figurante recém chegado ao teatro e ainda incapaz de compreender o significado de um descanso das mãos para uma conversa:

— Vocês são veados, polícias, ou o quê? Não vão botar o pau para fora, não?

Da "sala de estar" do banheiro é de onde se pode observar a verdadeira loucura que toma conta das amareladas paredes da nossa porno-shop. Na parte mais funda do punhetório concentra-se o maior número de seus freqüentadores, em grupos de três ou quatros, em um balé de olhos e mãos, todos de frente para a parede. Lá reina o Cabelo de Aço, apelido sem dúvida provocado pelo seu penteado — misto de glostora ou gumex, aquele dura lex dos nossos comerciais da infância, e henê — o da mulata bunduda da TV.

E reina incansável, a mudar de grupo e a freqüentar novos olhares. Como todos os que já conhecem a regra da punheta pública — antes ele freqüentava a estação de Nova Iguaçu —, cabelo de Aço não aceita convites para uma saída, mas sempre indica onde encontrar os que preferem uma das muitas hospedarias próximas:

__ Isso só para os que estão lá fora. Na escadaria, em frente ao quartel.

NINGUÉM TOCA

Nos mictórios (ou punhetórios) mais próximos à sala de estar impera a Lagosta, bem bicha bancar o modelito — calção, tênis e meias brancas, do tipo atleta, e uma camiseta de vermelho berrante. Já experiente, ele tem uma característica peculiar: passa a maior parte do tempo no café ou na "sala de estar" e, às vezes e durante poucos minutos, coloca-se estrategicamente de costas para a parede, a exibir o treco duro e imenso. Nele ninguém toca, como ele também não toca no de ninguém.

R., o meu cicerone, contou que o de calção branco já é velho freqüentador do punhetório público e está sempre vestido assim. Permanece na estação durante todo o dia e só "batiza a parede", único momento em que se vira para o mármore amarelado, às 10 horas da noite. Mora por perto e parece ser dono de uma pequena aposentadoria, que o mantém vivo e lhe paga o pequeno quarto de uma hospedaria da Rua das Américas.

R. contou-me ainda que não são freqüentes as agressões. Raras vezes ocorreram brigas dentro do banheiro. Quem não gosta de punheta fica na sua e quem gosta não incomoda quem não gosta. Um acordo velado, mas sempre cumprido. R. freqüenta a Central há alguns anos, desde que a Via Ápia entrou em decadência. Diariamente ele vai à Estação, mas ali permanece pouco. Seu local preferido ainda é o Campo de Santana e a sua gruta:

— Eu não sou punheteiro. Gosto mesmo é de garoto. No Campo de Santana é ótimo. Você já entrou na gruta, meu amor?

Como R; muita gente, quase sempre bichas, vaia à Central para o aquecimento. Dali dirigem-se para os trens — dizem que o roça-roça ferroviário é de excelente qualidade técnica —, para a Cinelândia — via Metrô — ou para o Campo de Santana.

Os banheiristas — termo do Aguinaldo que peço licença para usar — que preferem continuar a caminhada, ainda têm a opção do Terminal Garagem Menezes Cortes, local da punheta fina, como R. denomina. E com inteira razão. Para se entrar, paga-se cinco pratas, mas, ao contrário da Central, somente na hora do almoço ou depois do expediente é que há alguma loucura. Loucura de certa forma controlada, bem entendido.

CORRIDINHO

O Menezes Cortes é para todo mundo. Motoristas dos frescões e funcionários das lojas próximas ou do próprio edifício. Serve também a alguns executivos e bancários acometidos de alguma disenteria braba e que não têm outra opção: os reservados, além de facilitar os punheteiros mais discretos, servem também para as necessidades fisiológicas, pois são bem limpos.

Para os punheteiros voyeuristas, os melhores horários são o do almoço e o do término do expediente. Bancários, Pe-emes, comerciários, e outros menos cotados invadem o banheiro e ocupam quase todos os apertados mictórios, em uma rápida e frenética exibição e a batizar as já cansadas paredes. Tudo muito veloz, pois o almoço é rápido ou a família espera para o jantar. Os corredores ficam movimentadíssimos e os espelhos, como que para desculpar a demora, são usados em intensos toaletes.

Mas no Menezes Cortes a possibilidade de sair acompanhado é maior. Talvez porque as bichas finas fiquem envergonhadas de se apresentarem como simples punheteiros. A maioria, porém, preferem mesmo a satisfação universal de uma masturbação, em si mesmo ou no parceiro do lado. Tudo bem definido por R.:

— No Menezes Cortes, como no segundo andar do Cinema Odeon, no Íris, no Rex ou no São José, há ativos, passivos e reflexivos. Na Central, só reflexivos.

As reifexivas, porém, ganham longe. Mas a repressão é maior. As conversas são poucos, explicado pelo pequeno espaço que a Fundação dos Terminais Rodoviários do Rio de Janeiro reservou para o banheiro. Aliás, é compulsiva a preocupação das "autoridades" com banheiros: não há nenhum em nenhuma estação do Metrô. O que deve ter revoltado os metrolinos, conhecidos freqüentadores da Central durante as obras no canteiro próximo à estação.

E essa preocupação ficou clara tempos atrás. Preocupados com a presença dos punheteiros no Menezes Cortes, substituíram o passivo — sem duplo sentido — funcionário que cuidava da limpeza por outro que se preocupava mais em expulsar bichas e assemelhados do que com a higiene propriamente dita. O banheiro foi abandonado, mas a crise econômica falou mais alto e ele acabou substituído por um velhinho simpático e despreocupado.

O velhinho já foi embora e em seu lugar está um adolescente, que não pára de andar por todos os lados a limpar qualquer canto, menos as inscrições, algumas dignas de Oswald de Andrade, que ocupam a parte interna das portas. O garoto vai longe! (Alceste Pinheiro).

Coitadi ho do Onan...

Foi Voltaire quem redigiu, sob a influência do médico Tissot, um outro representante das "Luzes", o texto mais estúpido, mais reacionário, mais ignorante e mais nocivo jamais escrito sobre a masturbação (não é preciso tê-lo lido para que ele esteja presente em todos): o artigo "Onan", do Dicionário Filosófico, onde ele escreveu claramente que esse delito abominável não só infringe a lei moral como corrompe o organismo, torna a pessoa doente e idiota, e abrevia a vida.

Tu te dás conta? Era de se esperar que um homem como Voltaire, pronto a desmascarar todas as imposturas, se desse ao trabalho de explicar a seus leitores a verdadeira origem da maldição que pesa sobre Onan. Em Israel, de acordo com o costume dos levitas, todos os homens eram obrigados a dormir com a viúva de seu irmão, pra assegurar a continuidade da linhagem. Onan, em vez de cumprir essa obrigação com sua cunhada, que não lhe apetecia, achou mais agradável lançar seu sêmen na terra, como conta a Bíblia. A proibição do onanismo não remonta a um decreto, imutável e impenetrável, do céu, mas é simplesmente o resultado de uma certa política de família e de natalidade, justificada pelo número inferior de hebreus.

Por que um simples problema, temporário e local, de demografia, tornou-se ao correr dos séculos, num assunto religioso de tal importância. Vocês, os jovens de maio de 68, não gastaram muito tempo para descobrir a resposta. A civilização, em todos os pontos onde ela sente a ameaça, procura defender do espectro de um mundo que poderia ser livre. Meu amigo americano Donald foi o primeiro a me abrir os olhos. Até então, sem ser mais tímido que um outro qualquer, continuei a me debater em escrúpulos exagerados. Os anátemas brandidos pelo Levítico só aos poucos foram perdendo seu poder de intimidação.

Imagino melancolicamente que a própria escola poderia nos ajudar com textos tomados de escritores tão bons quanto os mestres escolhidos para humilhar nosso corpo. Teria-se evitado muitos tormentos inúteis a gerações e gerações de alunos colocando-lhes sob os olhos a admirável página de Casanova, escrita na mesma época que o artigo sobre Onan, por um confrade literário não menos dotado: "Um homem com saúde e que não tem uma mulher deve absolutamente se masturbar quando a natureza imperiosa lhe impõe a necessidade; e aquele que por medo de manchar sua alma se abstiver, terá como conseqüência uma doença mortal." Mas a escola, paulina, aristotélica e voltaireana, sempre baniu da cultura um autor saudável como Casanova, como sempre escamoteou outros cérebros esclarecidos. (Do romance "L'Etoile Rose", de Dominique Fernandez).

Para as mulheres, apenas mais um tabu

Muitas causas contribuíram, a meu ver, para transformar a masturbação feminina em tabu e em problema. Lógico que não vamos fazer um estudo do teórico através do tempo e do espaço, isto seria trabalho para uma pesquisa mais profunda. Só queremos lembrar que, não faz muito tempo, a ciência considerava toda a enfermidade da mulher como proveniente do útero. A própria palavra histeria significa doença do útero; por isso muitos psiquiatras relutam até hoje em chamar o paciente masculino de histérico. Histérica mesmo só mulher...

No seu aparelho reprodutor estaria a origem de todas as suas enfermidades. Desta forma, a ovarioctomia (extirpação do ovário) era feita através da cauterização do útero com uma barra de ferro em brasa, método usualmente aplicado em mulheres que comessem como um homem, que tivessem apetites sexuais, que se masturbassem...

Assim, o prazer sexual da mulher, junto a uma série de comportamentos "anti-sociais", era considerado distúrbio passível de tratamento, ou seja, de requintadas torturas. Embora a ciência tenha evoluído deste estágio, ainda hoje há meios indiretos e sutis de alcançar os mesmos resultados: através da cliteroctomia cultural o sistema exibe seus mais modernos métodos castrativos.

Já neste século, Freud muito contribuiu para aumentar a confusão sobre a sexualidade feminina, com sua teoria sobre o "gozo maduro" (o vaginal) e o "imaturo" (o clitoriano). Para uma sociedade que se baseia na monogamia-reprodutora, a vagina da mulher, além de ser usada para o prazer masculino, ainda atende às finalidades da procriação. Quando Master e Johnson, há poucos anos, comprovaram a base clitoriana para todo orgasmo feminino, já lá se iam séculos e séculos de pode (entenda-se como quiser) diária...

A família ensina sua filha a casar, a ter filhos. A mistificação do lar e de sua rainha fazem com que a mulher perca sua individualidade própria e passe a viver em função dos outros, até no que diz respeito ao seu gozo. Sendo assim, a ideologia de glorificação do coito não se coaduna com práticas solitárias, que apenas resgatam a individualidade da mulher, podendo fortalecê-la.

Desde cedo a adolescente ouve dizer que masturbação da "doença ruim", provoca tumores, loucura, espinhas, anemia, fraqueza e frigidez... Os pais mais liberais acham que é um modo imaturo de sexo para as filhas solteiras, curável com um casamento sadio. Entre coações psicológicas (isso sem falar nas religiosas com seu séquito de culpas e pecados) e soluções simplistas, a menina é educada para não explorar seu próprio corpo. Desconhecendo-o, será melhor subjulgada.

O preconceito contra a masturbação aparece a partir do nome que lhe é dado: vício solitário. Daí porque a iniciação de muitas mulheres ao seu prazer é cheia de solidão e angústia, em vez de alegria e satisfação.

Uma conclusão aparentemente lógica seria essa: já que a mulher não precisa ser penetrada para atingir o orgasmo na masturbação, este seria o caminho mais rápido para ela começar a pesquisar suas sensações e localizar suas próprias fontes eróticas. Mas, isto nem sempre acontece: muitas vezes há a repetição de padrões, com a introdução de objetos. Há também mulheres que, ainda hoje, chegam a negar seus atos masturbatórios, temerosas de que sua imagem de fêmea fique comprometida. Afinal, sempre lhe ensinaram que mulher é feita para homem, saiu disso, vira "desvio".

Reprimindo-se a masturbação na mulher, também se estará incentivando suas capacidades de acomodação e de renúncia. A educação diferenciada está aí para isso mesmo: enquanto meninos fazem concurso apostando quem goza primeiro, a menina é ameaçada com o fogo do inferno ou com a frigidez (e a frigidez está sempre relacionada à incapacidade de satisfazer seu parceiro. Mulher fria é insulto comum na boca dos machos). Aos meninos, o direito de agir; às meninas, o de sonhar, guardar, aguardar e agradar aos outros, nunca a ela. Suas fantasias sentimentais (que quase nunca se concretizam) lhe compensam a falta de gozo.

Ironicamente, ensinam que a mulher é mais "emocional" que o homem, mas lhe negam a plenitude de suas emoções. A ela cabe o "orgasmo cerebral", "emocional", "psicológico"; ao homem, o orgasmo físico. Incutem a idéia de que o gozo dela está espalhado no corpo todo (como se o do homem estivesse apenas centralizado em seus órgãos sexuais) e com isso lhe castram sua zona erógena específica, sua genitália, o clitóris, que, afinal, só dá prazer a ela mesma.

Ainda estamos esperando o dia em que a mulher entenderá que a sexualidade é **sua** e serve para **lhe** dar prazer; que o corpo é **seu** e usá-lo é um direito inalienável. Quando conseguirmos isso, teremos então nas mãos, ou melhor, nos corpos, uma conquista tão grande quanto a do voto, porque ambas são avanços políticos. Se falamos tanto numa busca de identidade feminina, também temos que nos referir à busca da identidade do gozo feminino (sem aceitar o imposto pela sociedade patriarcal). A masturbação, como um caminho para a auto-conscientização, seria, dialeticamente, instrumento para a conscientização coletiva. E isso o poder e seus agentes mais imediatos não podem permitir...

Entrevistamos quatro mulheres: um modelo de revistas eróticas (Célia), uma dona-de-cada da classe média (Helena), uma estudante universitária (Lúcia) e uma mulher de operário (Amélia). Usamos nomes fictícios. Apesar de vivências tão diversas, de comum a todas elas, a marca do massacre, a tragédia de uma crucificação diária em nome de falsos e falidos lemas.

(Leila Miccolis)

Balada das Meninas de Bicicleta

Meninas de bicicleta
Que fagueiras pedalais
Quero ser vosso poeta!
Ó transitórias estátuas
Esfuziantes de azul
Louras com pelas mulatas
Princesas da zona sul:
As vossas jovens figuras
Retesadas nos selins
Me prendem, com serem puras
Em redondilhas afins.
Que lindas são vossas quilhas
Quando as praias abordais!
E as nervosas pantorrilhas
Na rotação dos pedais:
Que douradas maravilhas!
Bicicletai, meninada
Aos ventos do Arpoador
Solta a flâmula agitada
Das cabeleiras em flor
Uma correndo à gandaia
Outra com jeito de séria
Mostrando as pernas sem saia
Feitas da mesma matéria.
Permanecei! Vós que sois
O que o mundo não tem mais
Juventude de maiôs
Sobre máquinas de paz
Exames de namoradas
Ao sol de Copacabana
Centauresas transpiradas
Que o leque do mar abana!
A vós o canto que inflama
Os meus trint'anos, meninas
Velozes massas em chama
Explodindo em vitaminas.
Bem haja a vossa saúde
À humanidade inquieta
Vos cuja ardente virtude
Preservais muito amiúde
Com um selim de bicicleta
Vós que levais tantas raças
Nos corpos firmes e [illegible]
Meninas, soltai as alças
Bicicletai seios nus!
No vosso rastro persiste
O mesmo eterno poeta
Um poeta — essa coisa triste
Escravizada à beleza
Que em vosso rastro persiste
Levando a sua tristeza
No quadro da bicicleta.

(Vinícius de Moraes)

Algumas perplexas confissões

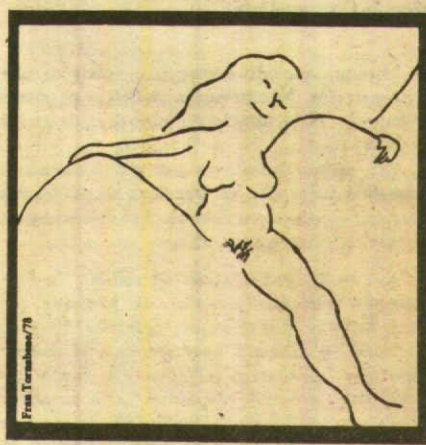
HELENA — **Nem sei como começar: tenho 38 anos, três filhos, estou casada há dez. Eu tinha muitos irmãos, éramos oito, seis meninos e duas meninas, eu era a mais velha das meninas. Mamãe cuidava da gente, mas não com carinho especial, tinha muito o que fazer, ainda mais sem empregada. De vez em quando eu via os meninos mijando na rua e achava engraçado eu não ter aquele negócio comprido. Achava até que ia crescer em mim depois. Comecei a me masturbar com dez anos, minha família era muito católica, naquele tempo eu queria ser santa, vivia me "inflingindo" castigos; foi quando descobri que se apertasse minha vulva com intensidade eu sentia dor, mas ao mesmo tempo uma sensação boa. Então passei a fazer isso. Depois ficava imaginando umas coisas na hora, mas eu não tenho coragem de dizer. Sempre achei que era uma coisa feia porque fazia escondido, nunca contei nada a ninguém.**

Um ou dois anos depois, mamãe surpreendeu minha irmã mais nova se masturbando. Aí chamou nós duas e explicou que isso era uma coisa terrível, que Deus castigava nos dando doença, falou meia hora, o maior sermão, sabe? Fiquei chocada, afinal eu pensava que estava conseguindo o reino dos Céus e no final eu estava em pecado mortal. E também não era a única que fazia isso. Mamãe ainda disse que tinha mulheres que pegava meninas da nossa idade pra pecar com elas e que começaram fazendo a mesma coisa. Fiquei horrorizada. Parei por muito tempo.

No curso Normal lia aquelas revistinhas indecentes, eu me excitava e, se voltava a masturbar, me sentia muito deprimida. Até que uma colega me deu uns livros dizendo que aquilo era natural, não tinha nada demais e eu me convenci. Tinha que ter sempre alguma dor: ou eu pressionava toda minha vulva, ou apertava até gozar, sempre algo assim. Acho que fiquei condicionada. Depois, conheci meu marido, abandonei profissão, (eu não queria, mas ele não deixou eu continuar), casei. Ele é muito bom, mas não me completa totalmente, entende? Às vezes fico com aquela sensação esquisita de quando acabava de gozar e me sentia culpada. Não gosto de me masturbar atualmente, mas às vezes uso esse recurso quando ainda estou muito excitada e meu marido dorme. Sinto falta do gozo. Só que não me acostumo mais a me auto-satisfazer. Acho que é ridículo uma mulher como eu, com 38 anos e três filhos pra cuidar, ficar se apertando até gozar. Me sinto mal.

••

CÉLIA — **Não é que eu não me masturbe, mas não sei onde fica o clitóris. Outro dia, no estúdio, um cara até disse para eu pôr meu dedo um pouco mais abaixo porque meu clitóris não podia ser onde eu estava pondo o dedo... Minha masturbação era assim: eu deitava na cama, começava a visualizar um homem e uma mulher transando. Eu me esfregava em cima de uma toalhinha de rosto (que eu preparava para essas ocasiões) até gozar. Nunca me toquei, quer dizer, de vez em quando meu amigo me toca, mas rapidamente, acho que ele também sabe onde é, nunca nos preocupamos com isso. Meu gozo acho que é um gozo normal, uma espécie de formigamento, mais ou menos isso. Agora eu me masturbo menos, só quando ele viaja e eu estou muito a fim.**

Não, não tenho relações com mulher. Tiro fotos, mas é tudo encenação. Não sou contra, pode ser que um dia eu tope, mas por enquanto, nada feito. Continuo a me masturbar com aquela fantasia, só que me incluo: sou eu, um homem e mais uma mulher. Eu e ela não nos tocamos. Ele é que se reveza para nos satisfazer. Gozo, em geral, quando ele penetra nas duas, usando inclusive um bastão, para atender a nós ao mesmo tempo. Eu nunca experimentei me tocar. Acho que acostumei assim, sempre gozo me esfregando em algo. Não sou religiosa, minha família é meio espírita, meio católica. Nunca me viram masturbando. Sempre tive o cuidado de trancar a porta e de levar a toalha. Também não era muito freqüente, ninguém notava. Nunca soube como comecei a me masturbar, não consigo me lembrar, mas creio que foi por volta de uns treze anos, não tenho certeza. Bom, eu prefiro sexo quando estou com meu amante, lógico. Pra mim masturbação é um substituto dele, quando estou sozinha. Mas eu acho o amor a dois muito melhor, sinto-me mais feliz quando estou com ele.

LÚCIA — Tenho 22 anos, sou universitária, faço letras, sou virgem. Já tive vários namorados, fui até pra cama com alguns, mas na hora agá não deixo acontecer nada. Um me penetrou por trás. Doeu, mas eu gostei, embora sem grandes sensações. Um dia conheci uma garota e estou de caso com ela há cinco meses. Eu sempre me masturbei muito pensando em mulheres, mas tinha medo de ir com alguma, sabe como é, a gente sempre tem medo de ser diferente, fica-se muito só quando não se segue a maioria. Mas aí acabou que o desejo foi maior e hoje acho que acertei em cheio.

Não perco a virgindade com ela porque queria perder com homem (também tenho meus vestígios machistas): por mais que eu goste dela, é uma idéia estranha essa de ser deflorada por uma mulher. A gente conversa muito sobre isso, mas não tive ainda coragem de me expor nem ela me força. Eu continuo a me masturbar muito, às vezes penso que é porque sou virgem. Meu caso, por exemplo, não faz tanto quanto eu. O engraçado é que se passaram cinco meses e às vezes ela tem dificuldade em localizar meu clitóris. É um ponto muito fugidio. Antes dela, eu nem sabia que existia. Em geral, me masturbava sentada numa banqueta diante do espelho e enfiava um pouco meu dedo, até que eu ficava lubrificada, os movimentos aumentavam, as contrações também, e eu gozava. Depois ela me explicou que nesse vaievém meu clítoris era friccionado.

Acho que há vários tipos e níveis de gozo, o meu é sem ser penetrada. Ela não curte minha virgindade, mas ao mesmo tempo já disse que outro dia gozou pensando em me deflorar. Não sei, acho que não sou uma boa pessoa pra dar depoimentos. Tento superar minhas dificuldades, mas é complicado. Talvez uma coisa esteja ligada à outra: seria desgosto demais para minha família se eu não fosse virgem e fosse lésbica... E olha que não dependo financeiramente de meus pais. Pra você ver como é forte esta influência. Aliás, uma das minhas fantasias masturbatórias mais constantes era ser desvirginada por meus parentes...

••

AMÉLIA — **Uma vez eu fui numa reunião feminista e quando elas falaram de prazer eu fiquei muito deslocada, porque nunca senti isso que todo mundo conta: tontura, arrepio. Sou casada há oito anos, tenho cinco filhos. Mas acho que nunca senti nada não. Minha vizinha diz que com o marido dela é ótimo, assim, assado, eu fico olhando, porque sinceramente acho que é tudo invenção. Virou moda falar dessas coisas. Uma vez eu conversei com meu marido, ele disse que era assim mesmo, tem mulher que não tem prazer, então me conformei. Minha mãe também dizia que era um dever que a gente tinha com nosso marido, quer dizer, eu acho que é de família. A moça lá falou que não, que eu não podia ser tão passiva, mas não disse o que eu devia fazer. Realmente não sei.**

Não, eu nunca me masturbei. Acho que não tenho essas vontades. A gente era de família muito pobre, morava no morro, só sei de uma de minhas irmãs que fazia isso. Um dia papai pegou, deu uma coça que ela ficou toda inchada e disse que matava se visse ela fazendo de novo, queria que suas filhas fossem direitas. Eu nunca tentei. Tinha curiosidade sim, muita, às vezes chego até a sonhar besteiras, mas não sou como meu marido que sente necessidade. Acho que a mulher nasce mesmo diferente do homem, é coisa de destino. Por isso que eu digo, não sei se o prazer existe de verdade.

O onanista

Um conto de João Silvério Trevisan

"Da maneira como é mais freqüentemente executado (...) chama-se masturbação; muitas vezes é também denominado vício solitário ou, entre os médicos, onanismo." (**Theologiae Moralie Compendium**).

Mudou, quando começou a sentir os primeiros apelos. Não brincava mais com os outros moleques e vivia metido no banheiro, da escola ou de casa.

Era assim: examinava por muito tempo os primeiros pelos que lhe nasciam no púbis; até ficar excitado e masturbar-se. Em delírio ante o líquido recentemente familiar.

Nas prolongadas horas de solidão, ia descobrindo variados métodos de explorar seu gozo. Enfiava, por exemplo, palhinhas finas de vassoura na uretra e agarrava-se a si mesmo como um rijo mastro salvador. Ou ficava mirando-se no espelho, enquanto descia as calças devagar, examinando minuciosamente as mudanças de seu corpo, e as veias latejantes do órgãos em crescente. Pensava sempre que coisa milagrosa inchar tanto assim.

Mais tarde, carregava ao banheiro todos os espelhos da casa, para extasiar-se ante o sexo multiplicado, desenvolvendo-se, desafiando, latejando de gosto. Ou deixava a água do chuveiro elétrico escorrer quase incandescente sobre o membro, e atingia o orgasmo sem distinguir entre o prazer e a dor. As vezes, também, cobria a glande com pasta de dente Kolinos, para ter o gozo chegando mais agudo, lancinante. Um dia, raspou os jovens pelos do púbis, deliciado em contemplar como iam crescendo de novo, ásperos e definitivos; masturbava-se apenas se esfregando.

Aos poucos, dominava o prazer. Ia aprendendo a conduzi-lo e instalá-lo em diferentes partes do corpo, conforme melhor lhe apetecesse. Acariciava longamente ora a coxa, ora o rosto, o peito a barriga ou o traseiro, até o orgasmo jorrar cor de leite. O prazer parecia então concentrar-se inteiro em cada parte. Mas era detrás do joelho que ele mais gostava.

Entretanto, passava várias horas dentro do banheiro. Acabou por levantar demasiadas suspeitas. E um dia foi surpreendido pela mãe, justamente quando olhava a própria bunda, de costas para o espelho da porta. Levou uma boa surra, entre ameaças e protestos maternos. Consultado, o vigário passou-lhe um sermão sobre as maléficas conseqüências do pecado solitário (entre outras: tuberculose, anemia, sífilis, cegueira, inchaço dos pés e juntas, queda dos cabelos, crescimento das mamilas, apodrecimento dos dentes); e aconselhou a meterem o moleque nos esportes — "mens sana in corpore sano", pontificou triunfante. O farmacêutico, por sua vez, receitou Emulsão de Scott e opiniou que a vontade de namorar já vinha chegando. "Pura coisa de menino virando homem", diagnosticou ele.

Assim aconteceu, então. O moleque pôs-se a jogar futebol enquanto crescia e não tardou a tornar-se o artilheiro do time local. A partir desse período, começou também a namorar a filha do vizinho. Apreendeu tão seriamente os conselhos que casou-se logo. Não mais se voltou a falar naquele assunto escuso da adolescência. Afinal, ele parecia igual a todo mundo.

A esposa, entretanto, acordava de noite com a cama balançando, igual a tremor de terra. Mas percebeu depressa que era apenas o marido masturbando-se enquanto dormia. Se o fato não se repetisse tão freqüentemente, ela não teria chegado a ficar tão revoltada. Consultaram um médico, que mandou arranjar filho, como única maneira de consertar os distúrbios libidinosos do marido. Então a esposa engravidou. Cansada como vivia, já nem acordava com os sacudimentos ao seu lado, indiferente à receita da gravidez.

Depois do parto, o homem passou a dormir na sala, para evitar a choradeira do nenên. Aí noturnamente protegido, foi desenvolvendo seus gostos sexuais. Mais do que isso, redescobrindo o irresistível prazer de estar só. De tal forma se concentrou em si mesmo que transformou seu próprio corpo em instrumento, causa e objetivo de adoração e gozo. Podia-se dizer que se deliciava misticamente, ganindo como um santo, ao receber o golpe quente do esperma às vezes na concha dos pés, às vezes nos joelhos, dentro do umbigo ou no peito. Mas sobretudo no rosto.

Foi quando, casualmente, o jato viscoso atingiu-lhe os lábios que ele começou a pensar em auto-felação. Exercitou-se persistentemente. Após muitos meses de tentativas conseguiu tocar o próprio sexo com os lábios. Deitado no sofá, dobrava as pernas para cima da cabeça e ia esticando a língua e inflando-se até abocanhar o membro. Depois, treinou ainda mais, a fim de atingir o céu da boca com a glande.

Tornou-se perfeito numa arte que parecia ligar-lhe todos os circuitos internos, concentrando seu ser no absoluto de si mesmo. E prosseguiu ainda. Na noite em que introduziu o próprio sexo na garganta, sentiu vertigens e um brilho extraordinário. Não dormiu, então. Permaneceu perplexo, olhando o escuro. Ao amanhecer, decidiu fugir. Porque descobrira que viver e gozar tinham se tornado um único ato.

Encontrou o deserto. Meteu-se numa caverna, disposto a nunca mais voltar ao mundo, nem desistir. Com o passar dos anos, foi adquirindo uma pronunciada corcunda e emagrecendo visivelmente. Mas era também o exercício místico da auto-felação que lhe garantia a sobrevivência, aí onde as proteínas se faziam necessárias.

Até que um dia a caravana descobriu-o. Por mero acaso. Desgraçadamente, os viajantes cansados encontraram o homem naquela posição enrodilhada. E ficaram indignados. Carregaram-no à força e entregaram-no à primeira delegacia encontrada. Os policiais examinaram-no. E como eram policiais, deram-lhe uma surra. Mas ele não pronunciava palavra nem manifestava intenção de abandonar seus hábitos exóticos. Então decidiram inapelavelmente enviá-lo a um hospício.

Aí, houve exaustivos diagnósticos. O homem sofria, em grau adiantado, de certa neurose anti-social, manifestada num exibicionismo agudo. De fato. Quando os enfermeiros descuidavam na vigilância, ali estava ele outra vez torcido sobre si mesmo. Tranqüilo como se chupasse sorvete. Nem choques e injeções diárias conseguiram dissuadi-lo ou, conforme os doutores, acalmá-lo. Tornou-se mesmo necessário metê-lo numa cela isolada, porque os demais internados começavam a imitar seus perigosos sintomas. Durante meses e anos, os médicos e psiquiatras buscaram explicar aquele caso de resistência rara. Foram utilizando sem sucesso, uma a uma, as mais modernas técnicas de dissuasão e cura.

Apesar desses esforços, certa manhã o místico felador acordou todo o hospício. Berrava que enfim chegara ao perfeito conhecimento de si mesmo. Durante dias, ficou gritando inusitados sons orgásticos, como se fizesse um amor intoleravelmente grande. Como se seu corpo ultrapassasse as barreiras de carne e osso para além do planeta diminuto. Como se ele penetrasse as galáxias e a luz puríssima das estrelas. Como se tivesse se confundido com o próprio Cosmos queimando-se de delícia, infinitamente. Quem, no entanto, intrigado com os urros, espiasse pelo visor da porta, iria vê-lo no chão da cela, apenas enrodilhado sobre si mesmo, igual de sempre. Foi declarado incurável. Ninguém jamais conseguiu desvendá-lo.

E agora, a tradicional "enquete"

Edu, 21 anos — Só comecei a me masturbar agora porque era protestante e tinha um pouco de receio. Diziam que não se ia para o Céu ou que iríamos ficar malucos. Agora é que eu sei o que perdi. Eu me masturbo no banheiro e mandei colocar um grande espelho na parede. Frente ao espelho é muito melhor. Sempre penso nos garotões que ainda vão passar pela minha vida. Pensar no passado eu acho um saco.

Ricardo, 27 anos — descobri a punheta ainda criança, nas costas do meu pai e vendo, na Avenida Rio Brando, o desfile dos candidatos ao concurso de fantasias no Municipal. Não parei mais. Hoje, punheta é quase uma obrigação. Toco na minha cama, às vezes todo o dia. Não curto banheiro. Só de vez em quando, no banho, a me lembrar do dia em que um vizinho subiu na janela para me ver nu.

Fernando, 21 anos: Eu me masturbo diariamente, sempre que acordo, e no banheiro, em pé. Acho que esse lugar é o meu preferido porque, em casa, não tenho um quarto só meu. Mas tem um detalhe: tem dia que eu bato três seguidas, quando estou muito tenso, ou quando não transei. Em casa, meu pai sempre me incentivou: quando eu já estava crescendo, uma vez ele chegou perto de mim e perguntou: "Como é, você já está descascando uma banana?" Eu tinha 12 anos, e ficava envergonhado, não falava nada. Agora, quem tem 13 anos é meu irmão: meu pai fala a mesma coisa pra ele, e eu também falo; quer dizer, a gente incentiva ele.

Fred, 14 anos — Eu me masturbo no banheiro, sempre com revistas de mulher nua na frente. Estou até preocupado porque andam dizendo que as revistas serão proibidas. Gasto uma fortuna, toda a minha mesada, comprando revistas. E elas andam sumindo, acho que o ladrão é o meu pai, porque tenho pressentimento que ele também toca punheta.

Gilson, 40 anos — Bato punheta aos domingos, quando a solidão é maior. Agora estou procurando alguém que queira bater pra mim. Vocês conhecem alguém?

Nélson, 42 anos: Bom, eu me masturbo atualmente porque tenho um problema em casa, minha mulher nem sempre está a fim. Mas eu acho uma coisa normal, inclusive, sei de outros homens casados que também se masturbam. Agora, mesmo sem problemas caseiros, de vez em quando acontece uma coisa na rua que me deixa excitado; aí, quando eu chego em casa, toco uma bronha.

Paulo, 45 anos: Uma vez, eu morava em Copacabana, e já era casado. Faz uns seis anos. Bem na frente do meu prédio tinha um apartamento que alugava vagas a moças. Uma noite, eu estava vendo televisão, minha mulher tava dormindo, e aí, no intervalo do comercial, eu fui até a janela. Do outro lado tinha uma mulher de baby-doll, camisola, sei lá, se espreguiçando. Aí ela deitou e, pra ver melhor, eu tive que subir num banquinho. Ela ficou lá, se espreguiçando toda, e eu não resisti: comecei a me masturbar. Estava quase chegando ao auge, quando minha mulher entrou na sala; eu fiquei tão perturbado, que cheguei a cair do banquinho. Ela ficou uma fera: "Na sua idade, não tem vergonha?", ela gritava. Ficou brigada comigo uns dias, disse que não queria mais nada comigo. O que ela não sabe é que, naqueles dias em que ficamos brigados, eu tive que me masturbar outras vezes...

Marina, 22 anos: Ih, desde os 17 anos! Agora eu não penso em ninguém quando me masturbo. Geralmente, fico divagando. Uma vez uma pessoa quase me deu um flagrante, quer dizer, desconfiou, mas eu parei. Não tem lugar certo, eu faço onde me der vontade: no elevador, uma vez até no ônibus, ninguém percebeu nada. Na hora de gozar eu não faço nenhum barulho, é tudo muito silencioso. Com borrachinhas, coisas assim, pra introduzir, eu nunca fiz: não gosto. Só às vezes, com o jato de água morna, na mangueirinha do chuveiro, mas sempre sem introduzir.

Ronaldo, 28 anos: Eu me masturbo, sim, geralmente duas vezes por semana. Sou casado, mas não transo com minha mulher todos os dias. E não me masturbo só no dia em que ela não quer transar; isso depende do meu estado psíquico. Geralmente, quando toco uma bronha, eu penso numa mulher com quem já transei, alguém que foi boa de cama comigo. Eu Acho que se masturbar é uma coisa normal — acho que anormalidade é não fazer isso. Os próprios médicos — um deles já me disse que é uma coisa normal. Uma vez, no colégio — eu tinha 13, 14 anos —, estava tocando uma punheta no banheiro, quando me deram um flagrante. Deu uma confusão tremenda, a diretora mandou chamar meu pai, etc.. Todo o mundo disse pra eu não fazer mais aquilo; mas eu nem liguei.

P., 12 anos — Eu me masturbo no pênis. Faço isso duas ou três vezes por dia. A empregada já viu e falou para a minha mãe. Levei uma bronca.

REPORTAGEM

S., 13 anos — Um dia uma colega da escola disse que sabia fazer uma coisa gostosa. Quis saber o que era e ele me ensinou. Agora faço isso todo dia. Muitas vezes, uso um lápis e de vez em quando a minha colega faz em mim. Mas eu não curto muito essa não. Dizem até que é coisa de paraíba. Eu prefiro fazer sozinha, pensando no meu namorado.

Rodrigo, 20 anos — Bato punheta todo dia. Conheces alguma coisa melhor?

Hermógenes, 60 anos — O que mais pode fazer um velho como eu e que perdeu a mulher faz tempo? É claro que eu toco punheta, mas para mim é tudo muito complicado. Moro com a minha filha e durmo no mesmo quarto com o neto. Tenho de esperar que ele durma ou usar o banheiro. Mas sempre tem e ser rápido.

Pedro Luís, 25 anos — Depois que eu acabo de namorar, sempre toco uma punhetinha. Não posso trepar com ela porque só tem 17 anos e ainda é virgem. Depois do namoro, pego o carro e descolo sempre um mato para fazer. Eu cheguei a sugerir que ela fizesse isso em mim, mas ela se sentiu ofendida e quase acabou o namoro.

Renato, 31 anos — Sou casado e quando a minha mulher viaja a trabalho não tenho outra alternativa. Não me sinto nem um pouco culpado e ela até sabe disso. E gosta: acha um ato de fidelidade. Nós até combinamos: quando ela está viajando eu toco punheta aqui e ela se masturba onde estiver, sempre às 10 horas, um pensando no outro.

Olívia, 53 anos — Meu marido não liga mais para mim. Diz que eu já passei da menopausa e que não preciso mais disso. Mas sabe de uma coisa? É até melhor porque ele nem sempre me satisfaz.

André Gide e o onanismo

A ameaça de castração exerceu-se, aliás, de modo bastante preciso. Não emanou somente da mãe, mas igualmente do corpo médico. Para "curá-lo" de seus hábitos solitários, o doutor Brouardel, professor da Faculdade de Medicina, não hesitou em ameaçar o delinqüente de nove anos "de suprimir radicalmente o instrumento de delito", designando com o dedo um arsenal de lanças dos árabes do deserto! Durante toda a vida, Gide será perseguido pelo temor de uma "mutilação orgiástica". Mais tarde os professores completarão o belo trabalho de mãe e do médico: ele será expulso da Escola Alsaciana devido ao onanismo.

Após a mãe, a irmã. Desde o início da juventude, Gide amava uma prima-irmã um pouco mais velha do que ele e que, devido a circunstâncias penosas (dissolução do lar paterno) foi criada com ele. Madeleine e André Gide consideravam-se como irmão e irmã. **Acabaram casando, mas o tabu do incesto tornou sua união um ato meramente simbólico. É a repetição da peça de Shakespeare,** Tudo o que bem acaba, bem está, **com a diferença que, contrariamente ao desenlace shakespereano, o tabu do incesto jamais foi superado, e a vida conjugal de Gide** acabou mal.

Este jovem, que tantas circunstâncias predispunham a afastar-se da mulher, tinha, por outro lado, necessidades sexuais imperiosas e precoces. Só encontrava alívio na masturbação e viveu até a idade de vinte e três anos, segundo sua própria expressão, "completamente virgem e depravado". Mais tarde, quando descobriu o homossexualismo, este tomou as formas de seu onanismo e com os parceiros de seu sexo nunca fez nada mais que a masturbação a dois. Mal saído dos braços de um rapaz, era-lhe preciso, segundo confessa em Se o grão não morre, **prosseguir na procura do prazer solitário.**

(Daniel Guérin em "Um Ensaio sobre a Revolução Sexual").

Algumas teorias e uma alegoria

"A vida concentrada sobre o sistema nervoso desampara os outros, que pouco funcionam, e os corpos se enlanguescem, se predispõem aos vícios, são mais profundamente abalados por eles. E é o extremo desenvolvimento do sistema nervoso, a predominância de sua ação sobre as outras partes do corpo, quem constitui as causas mais poderosas da masturbação. Raro é que esse hábito assassino **seja contraído ou arraigado em pessoas cujos aparelhos musculares e gástricos, sendo bem desenvolvimentos, reclamam seus exercícios, emudecendo este apetite furioso que tão despoticamente atormenta os seres franzinos e nervoso, extremamente irritáveis, sujeitos ao impetuoso delirar da imaginação, que a cada passo lhes antepõe seduções, convidando-os d'est'arte a apaziguar um apetite vicioso, que de si mesmo nutre-se e que tanto mais satisfeito, tanto mais exigente é, tornando-se ao fim um pendor irresistível ante quem se cala à razão quando a razão fala..." (Dr. Miguel Augusto Herédia de Sá __ RJ, 19/12/1845 __ faculdade de Medicina do Rio de Janeiro).**

MASTURBAÇÃO

Desde as mais remotas épocas ouve-se falar exaustivamente das conseqüências e dos prejuízos decorrentes da masturbação. Epilepsia, idiotice, desenvolvimento anormal do órgão sexual, tuberculose, anemia, impotência e homossexualismo são alguns dos incontáveis atributos, na prática postos por terra, do prazeiroso "**vício solitário**".

Outrora costumava-se internar os que buscavam o prazer com as próprias mãos, principalmente os que se dedicavam unicamente a este ato, sendo considerados loucos, esquizofrênicos, em nome de uma suposta normalidade. Acreditava-se que a **epilepsia** tinha neste ato sua gênese e nos manuais de medicina liam-se as seguintes observações:

"As causas são intuitivas, sabido é, pois por todos que durante a extrema excitação, que acompanha o orgasmo decorrente do ato vicioso, o homem fica em um estado epilectiforme, **o rosto colora-se, a respiração acelera-se, os movimentos tornam-se** convulsivos, **a circulação se ativa... Durante esforços tão enérgicos, o sangue acumula-se no peito e o coração, que dobrado de atividade, impele-o para os pulmões e cérebro, tornando-se estes dois órgãos sede de congestões."**

Da masturbação advinha todos os males do organismo. A tuberculose também encontrava aí sua causa:

"A masturbação tem uma forte influência sobre o aparelho respiratório e circulatório. As pessoas dadas desde a tenra infância a este vício, tem o tórax acanhado e incompletamente desenvolvido, contraem quase sempre, ou sempre, catarros crônicos e afecções mais ou menos profundas do órgão pulmonar, que repetindo-se termina tísica e tuberculosa."

Além do clima de terror causado pela medicina, a masturbação sempre foi ornada de espessas e obscuras neblinas onde residem os mais absurdos e agonizantes sentimentos: O medo; o pecado; a culpa; a impotência... De certo este clima, é que é capaz de levar as pessoas às raias da loucura, pois o desejo e a auto-repressão caminham juntos. Como conviver com ambos? Wilhelm Reich em "**O Combate da Juventude**" (1931) fala destas questões, e a partir destes dados classifica o onanismo em perturbado e normal.

"Para um juízo sobre o onanismo, é preciso distinguir as formas perturbadas e as formas normais de auto-satisfação.

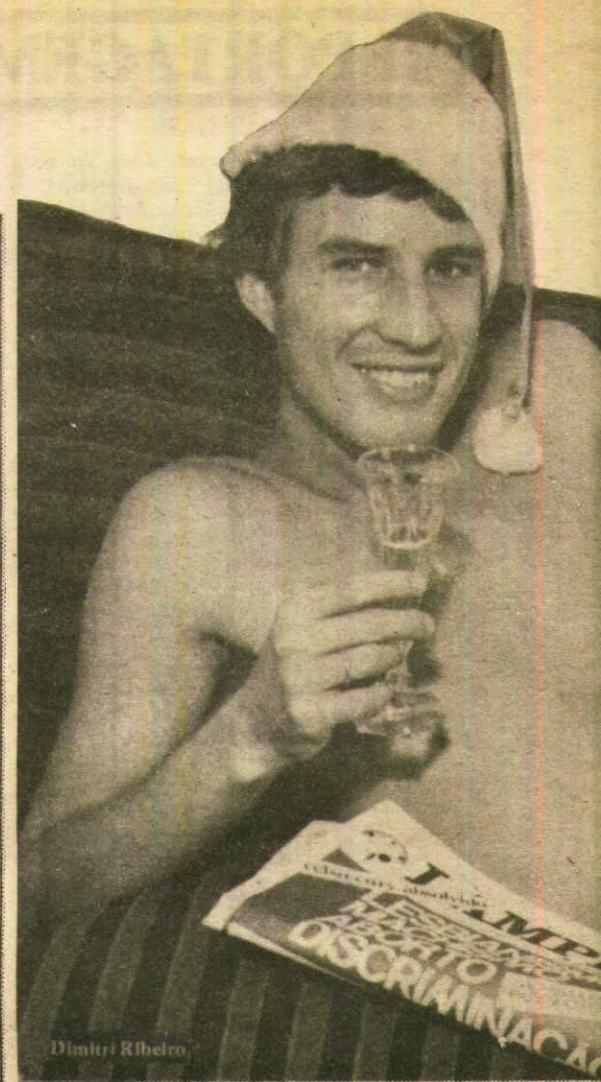
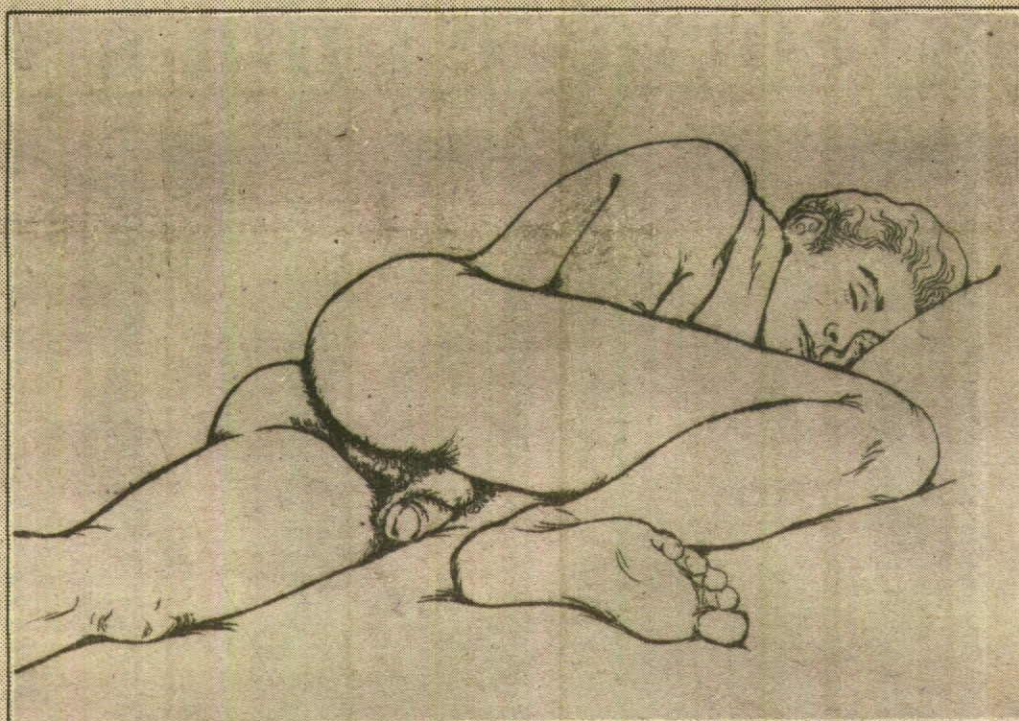
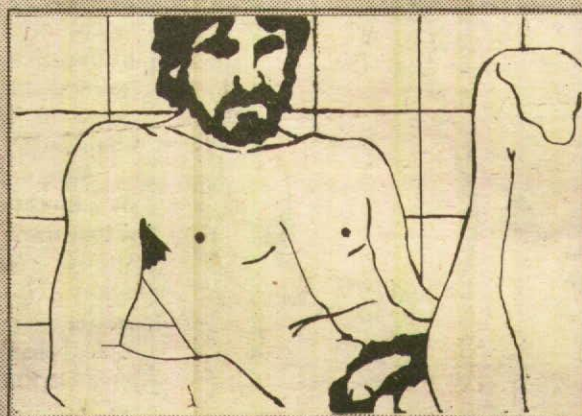
Para avaliar qual é a forma sã do onanismo, não prejudicial, no princípio da puberdade, devemos limitar-nos aos adolescentes que começam a masturbar-se sem terem sidos influenciados pelos preconceitos dos pais ou da Igreja e da literatura pornográfica. O rapaz sente uma tensão sexual no pênis, põe-lhe a mão, a primeira vez quase inconscientemente; produz-se então muitas vezes uma emissão espermática muito surpreendente para ele e que lhe provoca um alívio sexual.)...) O jovem já conhece a sensação de tensão e alívio e masturba-se então com maior consciência. Não tem sentimento de culpabilidade, não tem a impressão de se prejudicar ao fazer isso e não impede assim o desenrolar da excitação.

Estes jovens ficam absolutamente sãos, até que um dia são assustados por um colega, pelos pais ou por um desses livros pornográficos usuais que lhes caem nas mãos. Só então desperta nele o pensamento de que cometera uma coisa absolutamente terrível; então começam a lutar contra o impulso à auto-satisfação. Isso passa-se de forma igual entre rapazes e moças: ou tentam reprimir completamente a pulsação do órgão sexual ou toleram o ornanismo até certo grau, mas em geral acreditam que a auto-satisfação é particularmente prejudicial. E é isto que precisamente é falso; é então que começam a desenvolver-se pertubações corporais e psíquicas muito nocivas. O sistema nervoso é abalado pelo impedimento do desenrolar da excitação e os males de que se queixam então esses jovens são a expressão de uma verdadeira lesão corporal..."

Segundo Wilhelm Stekel, médico alemão que dedicou-se ao estudo da sexualidade humana em fins do século XIX, todos os transtornos que se atribuem à masturbação não passam de imaginação e invenção dos médicos. São produtos artificiais da norma médica e da moral burguesa imperante, que há séculos luta intransigentemente contra a sexualidade e o prazer liberado. **"Cria-se então a norma. E jamais se valorizou tanto o normal como na atualidade, e nunca se cometeu maiores atrocidades, ao ser humano, em homenagem à normalidade."**

Os atuais estudiosos, ou melhor, sexólogos, são quase "unânimes em afirmar que a grande maioria dos indivíduos, no período de sua adolescência e puberdade, se masturbam mais do que o número de relações sexuais que terão durante toda vida. Este dado destrói por completo qualquer tese preconceituosa que classifique a masturbação como um mal, mesmo que sejam incluídos preceitos religiosos que a coloquem como ameaça à reprodução da espécie.

A masturbação é mais do que, como explicam friamente alguns cientistas, um simples contato e fricção dos órgãos sexuais, onde se chega à ejaculação mediante manobras manuais e/ou com a ajuda de objetos. A masturbação é o ritual onde as pessoas, solitariamente, rumam na descoberta de seu próprio corpo, em toda sua plenitude, dando asas à imaginação e criando condições e fantasias que a levam ao orgasmo. É a plenitude do ser consigo mesmo, que deixa-se levar numa profunda introspecção que culmina com o delírio e a sensação enlouquecedora de estar se derramando em rios de gozo, que saem de suas entranhas. É aí que o real e o imaginário se confundem, permitindo-se alçar os mais altos vôos, num verdadeiro exercício de criação e recriação erótico-sexual. É poder reviver momentos estanques, distantes, como se fosse agora. E ao final, o sentimento de auto-satisfação, distanciado e diferente dos que, ainda acorrentados, ao retornarem sentem-se vazios e arrependidos. (**Antônio Carlos Moreira**).

Dimitri Ribeiro

1 — ESCOLA DE LIBERTINAGEM, do Marquês de Sade. O primeiro lançamento da Esquina-Editora. Aulas completas da melhor sacanagem libertária. Duzentos anos de maldição por apenas Cr$ 300,00.

2 — NUS MASCULINOS/81. Não se começa um ano sem um bom calendário. Com o **nosso calendário** seu ano será ainda melhor: fotos incríveis de homens nus, feitas por Cyntia Martins. Somente para pessoas muito descontraídas. Cr$ 200,00.

3 — O INCRÍVEL GAY-HULK: um homem enorme, de absurdos olhos azuis, em plena praia, e completamente pelado! Um poster em tamanho gigante (24x30), totalmente a cores. Ainda a preço de lançamento: Cr$ 650,00.

4 — A ARTE ERÓTICA DE DARCY PENTEADO E LUÍS BELTRAME: gravuras eróticas de dois grandes artistas lampiônicos: "Repouso" (Darcy) e "Rapaz reclinado" (Beltrame). Cada uma custa Cr$ 1.100,00. Um presentão.

5 — HOMENS, de Vânia Toledo. Um álbum com 31 fotografias de homens muito especiais, completamente nus: sua única chance de ver, na mais absoluta intimidade, gente como Caetano Veloso. Danton Jardim, Ney Matogrosso, Ignácio de Loyola, Nuno Leal Maia, etc., etc... Só temos a edição de luxo, ainda a preço antigo: Cr$ 2.000,00.

6 — TODA NUDEZ! (a que não será cas-

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Michel Misse
72 páginas, Cr$ 100,00

Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais — a mulher e o homossexual. A conclusão do autor é que, como caricatura da mulher, o travesti representaria, até às últimas conseqüências, não só a incorporação radical do paradigma da feminilidade fundado no estigma do "passivo sexual", como também sua negação debochada, explosiva.

FALO
Paulo Augusto
70 páginas, Cr$ 150,00

Ousados poemas homossexuais escritos por um lampiônico de primeira hora. Paulo Agusto reconta aqui, em todas as suas letras, a história do amor que não ousava dizer seu nome. Uma obra forte e pungente.

POR QUE MATARAM PASOLINI
Daniel L. Pastura
97 páginas, Cr$ 200,00

O sexo como uma das mais cruéis medidas do homem. Duas histórias personalíssimas de um autor que ainda vai dar muito o que falar.

A FUNÇÃO DO ORGASMO
Wilhelm Reich
310 páginas, Cr$ 330,00

A obra máxima de um dos principais teóricos da revolução sexual. Reich, um libertário, por suas idéias pouco ortodoxas morreu nos Estados Unidos encerrado numa prisão. Uma obra imprescindível.

BALU
Jorge Domingos
66 páginas, Cr$ 150,00

Segundo o ator Anselmo Vasconcelos (a Eloína de "República dos Assassinos"), é o maior romance guei já escrito no Brasil. O autor, que vive em mistério na cidade de Petrópolis, diz que "Balu" quer mostrar o mal que o bissexual pode causar ao hetero e ao homo. Uma obra que **Lampião** recomenda especialmente. Um livro explosivo.

O BEIJO DA MULHER ARANHA
Manuel Puig
246 páginas, Crº 320,00

Um esquerdista, membro de um grupo clandestino, e um homossexual acusado de corrupção de menores, presos na mesma cela de um cárcere argentino: este é o ponto de partida do livro mais instigante do autor de "Boquitas Pintadas".

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL
Daniel Guérin
192 páginas, Cr$ 300,00

Anarquista, bissexual, Daniel Guérin alinha, neste livro escrito em 1968, no auge da contestação jovem que desaguou na revolução sexual, uma série de ensaios escritos em torno do mesmo tema: a liberdade sexual. Uma obra/síntese de tudo o que foi escrito sobre o assunto. Um estudo profundo do famoso Relatório Kimsey.

OS SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 220,00

Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 180,00

Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome assumidos num livro escrito com suor e sangue: nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 200,00

Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligadona, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e muito **nonsense** no novo livro do autor de **A Meta e Crescilda e Espartanos.**

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 240,00

Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial. Envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história recontada a partir de 1968 faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

Nosso Papai Noel recomenda os presentes de Natal do Lampião

tigada): dez fotos de um rapaz descontraído — tanto que até esqueceu de pôr a roupa — para pessoas descontraidíssimas. Um álbum em tamanho 9x12 cm, a preço de banana: Cr$ 900,00.

7 — MALA ENORME, para quem não curte **Lampião** desde o nº zero (este, queridinhas, a gente não vende: está esgotado): Você manda dizer quais os números que faltam na sua coleção e a gente lhe envia. Cada número atrasado custa Cr$ 50,00.

8 — ASSINATURA DO LAMPIÃO: um presente que se renova pelo ano inteiro. Doze números, Cr$ 450,00.

9 — Todos os livros da Biblioteca Universal Guei. Veja os títulos e os preços no rodapé desta página. Se sua encomenda de livros for superior a Cr$ 2.000,00, você receberá, grátis, o calendário Nus/Masculinos 81.

* * * *

Escolha agora o seu presente, o presente do seu caso e os dos seus amigos. Faça o Natal mais lampiônico de sua vida. Não mande dinheiro: você só pagará ao receber a mercadoria. Mande agora mesmo o seu pedido; não deixe para a última hora. Peça pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP: 20.400, Rio de Janeiro, RJ).

Quero Assinar LAMPIÃO da Esquina!

Assinatura Semestral Cr$ 250,00 ☐
Assinatura Anual Cr$ 450,00 ☐

Nome ____________
Endereço ____________
Bairro ____________ Cidade ____________
Estado ____________ CEP ____________

REPUBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 PÁGINAS; Cr$ 250,00

Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 150,00

Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 240,00

Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Auiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o grupo Somos/SP.

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 250,00

Um livro pedagógico, escrito por dois especialistas franceses para substituir nas bancas e livrarias as obras análogas eróticas, sensacionalistas, comerciais, etc.. Um livro escrito com o intuito de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu. Uma das primeiras obras a tratar da homossexualidade, na França, não como uma anomalia ou perversão, mas tão somente como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 200,00

A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir-Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00

Um livro rabelesiano, sem igual no Brasil na sua vertigem erótico-quixotesca. Publicado em 1957, é uma antevisão das viagens psicodélicas. Edição especial do autor, em papel de luxo, de apenas 200 exemplares. Estamos vendendo os últimos exemplares.

MULHERES DA VIDA
Vários autores
77 páginas, Cr$ 150,00

Norma Benguel, Leila Míccolis, Isabel Ribeiro, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a pressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

PIAZZAS
Roberto Piva
56 páginas, Cr$ 150,00

Do mesmo autor de "Coxas", um livro de poemas que vale como uma "introdução à orgia". Piva reafirma, aqui, sua condição de poeta da marginalidade, colocando-se ao lado de outras "flores do mal" — de Baudelaire a Ginsberg, de Sade a Genet.

INTERNATO
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 220,00

A história de um grande amor homossexual adolescente. A novela, publicada em 1951, é pioneira no tema, no Brasil. Paulo Hecker Filho, escritor gaúcho, estreou na literatura aos 22 anos. **Internato** é a terceira obra do autor, que escandalizou a pacata **intelligentsia** nacional da época.

BLUE JEANS
Zeno Wilde e Wanderlei Aguiar Bragança
61 páginas, Cr$ 150,00

As aventuras e desventuras de cinco rapazes, todos michês. Um estudo em negro sobre a prostituição masculina, escrito a partir de depoimentos recolhidos pelos autores nos locais de "pegação", da galeria Alaska à esquina de Ipiranga com São João, da Cinelândia ao Largo do Arouche.

EU, RUDDY
60 páginas, Cr$ 500,00

Não apenas cabeleireiro, travesti ou poeta. Ruddy é tudo isso, numa mistura de exacerbada sensibilidade que deságua nestes seus poemas. Com fotos ousadíssimas do autor, feitas por Vânia Toledo. Obra para colecionadores.

Se você pedir mais de três livros receberá, como brinde, inteiramente grátis, um exemplar de EXTRA/LAMPIÃO nº. 1.

Lampiônicos: ativistas,astronautas?

Estávamos na redação eu, Francisco Bittencourt, Sandra Siqueira, Alceste Pinheiro e Antônio Carlos Moreira. **Seu** Maurício tinha acabado de sair, depois de preparar 207 pedidos de reembolso do nosso calendário Nus Masculinos/81, quando entrou Marcelo Liberali. Surpresa para nós todos, menos Sandra, que não sabia da história do abaixo-assinado: na sexta-feira, o próprio Marcelo, pelo telefone, tinha me comunicado que uma comissão, formada pela frente única de grupos homossexuais cariocas, iria nos procurar para entregar o documento e, imediatamente, ouvir a nossa resposta. Já então eu lhe dissera que, 1 — a entrega do documento, de modo tão burocrático, nos parecia constrangedora — a mim, particularmente, lembrava um daqueles atos pomposos e vazios do Partidão; e que, 2 — só poderíamos discutí-lo depois de ouvir a opinião, sobre ele, dos demais membros do conselho, dos colaboradores do jornal e, numa etapa posterior, dos próprios leitores do jornal, a quem qualquer mudança brusca de linha nesta publicação interessaria principalmente.

Marcelo sozinho, e não a comissão, me entregou o documento, explicando o que ele continha: primeiro, uma carta de cinco dos 17 grupos homossexuais existentes no Brasil, dirigida ao Lampião (assinavam: Auê, Somos/Rio, Gols—ABC Bando de cá/Niterói e / GGB Bahia); segundo, um abaixo-assinado, contendo nomes de pessoas que não pertenciam necessariamente a estes quatro grupos, apoiando a carta. Feita a entrega, ele me perguntou quando chamaríamos os representantes os quatro grupos para uma conversa. Eu lhe expliquei, pela segunda vez, o que está dito no ítem 2 do parágrafo anterior; ele disse que os grupos, então, ficariam aguardando.

Sob o silêncio geral, examinei o documento: a carta, num tom simpático, exigia de nós o que a gente acha que já existe no Lampião de cabo a rabo: mais ativismo (há uma discordância entre nós e estes cinco grupos sobre o que seja ativismo; eles acham que é apenas a atividade dos grupos; nós, ao contrário, achamos que ativismo pode ser muitas outras coisas. Por exemplo: colocar pontualmente a cada mês, nas bancas de 21 cidades do país, um jornal de homossexuais como o Lampião). Quanto ao abaixo-assinado de apoio à carta, havia um problema: As assinaturas do Rio, colhidas em duas laudas separadas (na verdade, a segunda lauda tinha apenas um terço ocupado pelas assinaturas), eram, quase todas, meros garatujos inidentificáveis; nas demais laudas, no entanto, era possível identificar os signatários: Na maioria, além das assinaturas, havia o nome completo de quem assinou, e mais o grupo a que pertencia, como no caso do bloco de assinaturas do Somos/SP (que, como grupo, não assinou o manifesto). Lembro-me perfeitamente de um que se apresentava como "colaborador do jornal **O Trabalho.**"

Lembrei a Marcelo que um abaixo-assinado no qual os signatários não passam de meros garatujos inidentificáveis perde totalmente o seu valor. Ele me disse, então, que já se entregou ao Governo abaixo-assinados desse tipo e que, nessas ocasiões, o Governo acionou o Serviço Nacional de Informações para descobrir quem os assinava. Eu retruquei que, infelizmente, nós não podíamos dispor dos serviços do SNI; por isso, ele fizesse o favor de identificar as pessoas que tinham assinado o documento. Chegamos até a lhe dar uma caneta, para que colocasse, ao lado de cada garatujo, um nome real. Ele confessou que não seria capaz de fazê-lo, mas insistiu: mesmo que o abaixo-assinado perdesse o seu valor, nós teríamos a conversa que os cinco grupos exigiam? Voltamos a lhe repetir o que já está dito no ítem 2 do primeiro parágrafo desse texto. Ele então se levantou, disposto a ir embora e com sua missão cumprida. Já estava na porta, quando lhe fiz uma pergunta: "Marcelo, você assinou o abaixo-assinado?" Ele se voltou e me disse: **"Não me lembro"**. Travou-se, então, o seguinte diálogo:

— Mas como você pôde esquecer uma coisa tão importante?

— Pois é, rapaz...

— Não dá pra procurar seu nome aqui na lista de assinaturas?

— Não; eu não vou encontrar...

— Posso acrescentar seu nome?

— Não lhe autorizo a fazer isso...

— Então (eu lhe disse, estendendo uma caneta), você não quer assinar agora?

— Não.

— Quer dizer que você não concorda com este documento?

— O que é que você acha?

— Eu não acho nada. Só quero que você responda à minha pergunta: você concorda ou não com este documento?

— É claro, né?

— Pois então: você acha justo — já que a gente terá que publicar o abaixo-assinado com os nomes de quem o assinou — que algumas pessoas se exponham, assinando e se identificando, enquanto outras prefiram ter sua responsabilidade diluída sob a assinatura do grupo à qual pertencem?

Marcelo veio até a mesa em torno da qual estávamos sentados, retirou o grampo que prendia as várias folhas de papel, apanhou as assinaturas de apoio à carta dos cinco grupos e encerrou:

— Pois então não tem mais abaixo-assinado; fica só a carta dos grupos.

Ao que eu, mais uma vez, lhe expliquei:

— Muito bem; nós vamos considerar a carta como um documento tirado pelos cinco grupos; vamos discutí-lo do modo mais abrangente possível: não só no conselho editorial, mas em reuniões com todas as pessoas que assinam matérias no jornal. Depois, com a sua publicação, vamos esperar pela opinião dos leitores sobre ele; através desse processo, tentaremos chegar a um consenso; então, teremos, de modo oficial, como parece ser o desejo deles, a tal conversa com os representantes destes cinco grupos.

Mas — acrescento agora — até que possamos satisfazer o desejo de diálogo à parte dos seus líderes, os demais membros destes grupos não precisam considerar suspensas suas relações com o Lampião. Pelo contrário, podem vir à nossa redação sempre que quiserem — discutir, e opinar sobre o jornal que é deles, e que se tem que ser feito por nós é apenas porque (há leis regulamentando a matéria) um jornal tem que ser feito por jornalistas, do contrário vira boletim. Viva o Auê, viva o Somos/Rio, viva o Gols ABC, viva o bando de cá/Niterói, viva o GGB Bahia, viva todos os demais da nossa lista do "Escolha seu grupo" e viva, também, o que acaba de entrar na lista, o Coligay, que surgiu antes dos outros mas que tinha sido, até aqui (pedimos desculpas pelo nosso preconceito), esnobado por nós: comparados com certos ativistas homossexuais que se escondem debaixo da mesa quando vêem um fotógrafo, ou que só se apresentam em recintos fechados e sob pseudônimo, vocês, turma da Coligay, que desfraldam suas bandeiras em estádios ocupados por mais de 80 mil pessoas, são verdadeiros Panteras Negras...

Exatamente como nós, aqui de casa: o Lampião — não esqueçam jamais, queridinhas — foi o primeiro grupo de ativistas homossexuais surgido no Brasil; foi o primeiro a se propor uma tarefa concreta — a publicação de um jornal específico — e a cumprí-la integralmente. Assim, nós não vamos, em nenhum momento, renunciar à nossa condição de ativistas; quanto mais não fosse, porque não ficamos apenas na teoria, mas nos entregamos fisicamente às nossas tarefas; quem duvidar que leia com atenção as matérias do número anterior sobre prostituição masculina, ou deste número, em que falamos de masturbação... (**Aguinaldo Silva**)

Surpresos e decepcionados

Carta aberta ao jornal Lampião
Caros amigos:

Já há algum tempo que, com grande perplexidade, começamos a observar o gradual afastamento do jornal Lampião dos grupos ativistas homossexuais.

Tal distanciamento culminou no nº 29, onde não houve menção alguma a respeito dos grupos, não sendo sequer publicada a costumeira (?) seção "Escolha seu Grupo".

Essa atitude nos deixa surpresos e decepcionados, pois não a compreedemos. Sabemos que o Lampião nunca quis se comprometer com algum grupo em especial, nem ser um jornal essencialmente ativista, o que respeitamos e achamos muito justo. Mas daí a rejeitar o ativismo dos grupos em geral, vai uma distância muito grande, inclusive porque os grupos sempre apoiaram e colaboraram para a existência do "nosso jornal". Não é preciso lembrar que em várias ocasiões já se viu ativistas vendendo e distribuindo exemplares nos mais diversos lugares de cada cidade, isso sem mencionar a propaganda individual realizada por membros dos grupos e diversos artigos já publicados.

Queremos lembrar que se aproxima a realização do 2º Encontro Nacional dos Grupos Homossexuais, cuja idéia inicial partiu do próprio Lampião. E entendemos que, a continuar esse clima de afastamento, o prejuízo será não só dos grupos ou do jornal, mas também de todo aquele que se sente oprimido por ter uma sexualidade considerada desviante pelos donos do poder.

Esperamos que, juntos, cada um a seu modo, possamos todos lutar contra a mesma opressão que nos atinge.

a) Grupo Auê/Rio — Pela Livre Opção Sexual; Grupo Somos/Rio; Bando de Cá/Niterói; G.O.L.S./ABC-São Paulo; Grupo Gay da Bahia.

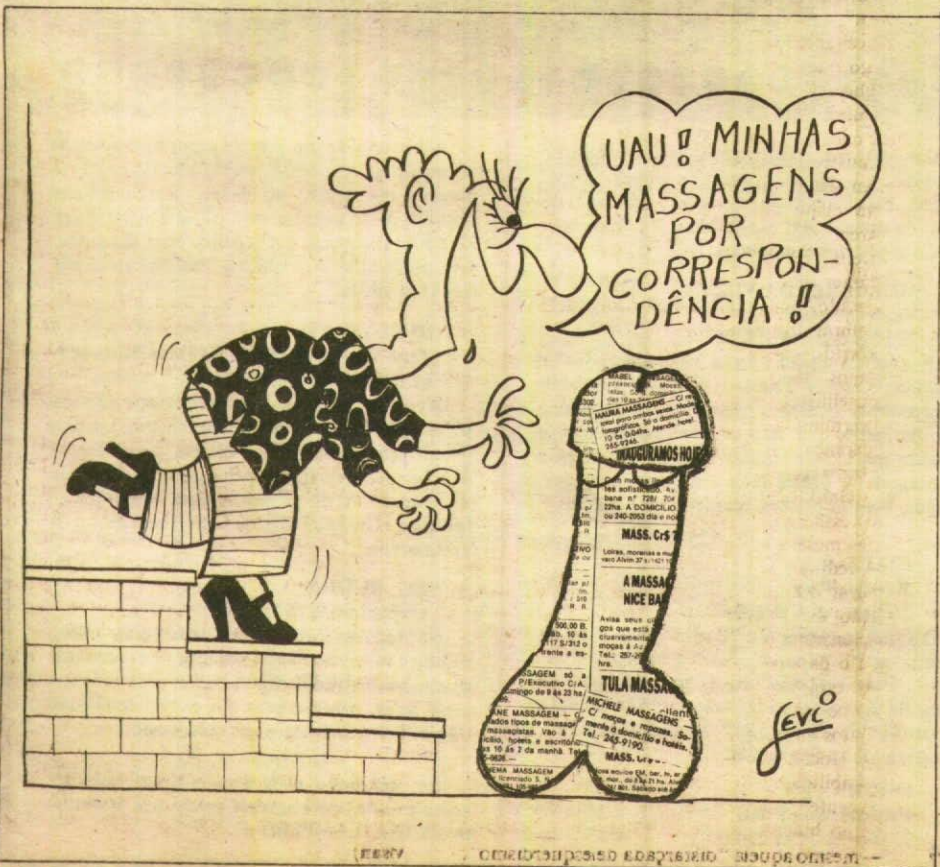
(N. da redação: **Posteriormente, Jorge, um membro do grupo Somos, nos trouxe uma outra cópia da carta, mimeografada como a primeira, à qual fora acrescentado, a máquina, o nome do Grupo Ação Lésbica Feminista/SP**).

Bandeiras desfraldadas

Foi com muita surpresa, ao lermos o Lampião nº 27, na seção Cartas na Mesa, que notamos o espanto de alguns gaúchos, que escreveram reclamando da falta de um grupo guei aqui, como existem nos demais centros do país. Pedimos, então, a chance de explicar a todos os leitores deste jornal.

Infelizmente, tem pessoas que ou não são bem informadas, ou pouco conhecem das coisas que as rodeiam; em Porto Alegre, terra de conhecidos machões, **há quatro anos existe o mais famoso e comentado grupo guei do Brasil: a nossa fabulosa torcida Coligay, do Grêmio Porto-alegrense. Estamos aqui, vivos, lutando dentro dos estádios de futebol, nas arquibancadas, por nossos direitos — o direito de nascer e viver como homossexuais; pois, como todos os seres vivos deste planeta, estamos aí, na luta, à espera de todos aqueles que queiram assumir sua condição. Escrever para jornais com pseudônimos é muito fácil. Queremos é ver se todos os que reclamam da falta de união do guei gaúcho têm coragem de assumir como nós, no meio do povo, sua condição.**

Ainda há pouco tempo, quando estivemos no estádio do Maracanã no Rio de Janeiro (jogo Flamengo e Grêmio), nós da Coligay entramos no estádio e badalamos aos montes, e torcemos feito loucas, condenadas, por nosso glorioso clube. E então notamos o quanto ainda falta aos gueis do centro do país para se assumiram totalmente. Lembrem-se da Fla-Gay: foi reprimida e recuou — não se assumiu. É fácil cobrir-se de plumas e paetês no carnaval, e badalar em boates, em bares, parecendo fadas encantadas que, ao toque do amanhecer, correm em debandada para casa, a fim de, durante o dia, ser apenas mais um "rapaz da sociedade". Ora, isso é ridículo. Nós, não: somos gueis de noite e de dia. Desfilamos nosso charme guei nos empregos e nas ruas. Entre nós, são poucos os privilegiados financeiramente, mas não nos intimidamos quando chegamos num estádio e 30, 50, às vezes 80 mil pessoas se voltam para nos ver.

Queremos, através do Lampião, avisar aos gueis ou não de todo o Brasil que estamos aqui à espera de todos. Existe muito mais que um grupo guei no Rio Grande do Sul; existe, sim — e isso é muito mais importante — uma consciência do guei em relação à sociedade, uma conscientização grande e espontânea, através do principal esporte do brasileiro, o futebol. E nós temos consciência total dos problemas dos gueis no Brasil; mas achamos que, pra começo de conversa, temos que lutar pelo direito de escolher a forma de agrupamento que convém a cada um; e achamos, também, que a união é fundamental. Estamos prontos para responder às dúvidas, quando necessário. Nosso movimento é sadio, aberto a todos. E vamos continuar, pois temos uma vida inteira à nossa frente. (Luiz Roberto Machado e Milton Bordini Silva, pelo Grupo Coligay, de Porto Alegre)

Mendigos da normalidade

O que é bom pras bichas gringas é bom pras bichas do Brasil?

A meu ver, documentos como Teses para a libertação homossexual II — tenho uma espécie de rascunho, muito malescrito e com forte sotaque estrangeiro, e uma segunda versão, melhorada, ampliada e assinada pela Fração Homossexual da Convergência Socialista, com data de setembro de 1980 —, em nada servem ao movimento homossexual brasileiro, muito pelo contrário, só atuando como arma para traumatizá-lo e enfraquecê-lo ainda mais. Essas teses foram escritas seguramente tendo em vista o movimento homossexual norte-americano, sua força, riqueza e independência, mas quem as escreveu viu-nos, mesmo que não tenha querido, com o seu olho de colonizador: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil."

Não é. Os homossexuais brasileiros em sua grande maioria ainda não se conscientizaram da perversidade inerente da sociedade em que vivem, do violento autoritarismo que os rodeia. A primeira fase de sua conscientização, o be-a-bá de seu processo liberatório, terá que se basear no assumir-se, no aceitar-se, para só então, e se for o caso, começarem os trabalhos mais de caráter político e de opção por este ou aquele engajamento político. Entrar para o Partido dos Trabalhadores, por exemplo, como prega o documento em foco, significa começar mais uma vez os homossexuais uma trajetória marginalizada, em que de nada terá valido essa abertura para se aceitar, iniciada há dois ou três anos.

A prática está aí para mostrar que copiar o mundo burguês com suas lutas pelo poder, suas constantes injustiças contra as chamadas minorias, significará abrir o flanco ainda mais para quem nos oprimiu por tanto tempo. Não se pode ver como, no atual estágio da vida brasileira, um partido político (todos eles compromissados até a alma com os valores sociais e de classe do Ocidente) vá permitir que homossexuais organizados desempenhem mais do que um papel de bucha de canhão em seus quadros. Nem mesmo, ou principalmente, o PT. O que permitiriam a nós, homossexuais, seria uma vida clandestina e sufocada. E isso nós agradecemos, pois é como temos vivido até agora.

A única estruturação "partidária", digamos assim, aceitável, para o movimento homossexual brasileiro seria junto com as demais minorias que também agora começam a despertar, como os negros e as mulheres. As tentativas de organização nesse sentido revelaram-se bastante decepcionantes, mas insistimos que é esse o caminho, nunca em partidos políticos permitidos pelo sistema repressor. É por ter adotado esta e outras posições que Lampião passou a ser atacado pela direita e a esquerda. Porque não aceitamos as migalhas de poder que a direita poderia nos proporcionar, nem a tutela da esquerda, autoritária e tão machista quanto a da direita. Não somos homossexuais profissionais nem usamos a nossa livre opção sexual para servir aos outros, como não permitiremos — tal o caso em pauta — que usem e constranjam os homossexuais para servir sob a bandeira do PT ou de qualquer outro partido autoritário e machista.

A Fração Homossexual da Convergência Socialista acusa o jornal Lampião de se julgar o "porta-voz do movimento homossexual" e de ter "uma posição anarquizante e anti-esquerda". Ora, simplesmente não queremos que nós do jornal e o incipiente movimento homossexual brasileiro sejam usados e abusados por pessoas que claramente estão se preparando para tomar de assalto os futuros encontros de homossexuais, para a seguir oferecê-los numa bandeja a um partido político. Essa é a que se pode chamar de "estratégia da aranha", a qual não aceitaremos em silêncio.

Se não somos, como acha a Fração Homossexual da Convergência Socialista, os porta-vozes do movimento guei brasileiro, temos pelo menos certeza de que possuímos por todo o Brasil milhares de leitores, há quase três anos, número esse que vem crescendo sem parar. E esse êxito não se deve certamente ao nosso sectarismo ou a nossa visão fechada e exclusivista da vida, como querem fazer crer as Teses em pauta. Ao contrário, é a nossa abertura e nossa aceitação de vários pontos de vista que vêm conseguindo um número sempre crescente de leitores para o jornal. Além disso, podemos dizer com certeza que, enquanto jornalistas, fazemos jornalismo e não o "ativismo" casmurro e sem graça que desejam alguns. Não seremos nós os coveiros do Lampião.

Nem naturalmente a Fração Homossexual da Convergência Socialista, cuja maior queixa contra nós centra-se no fato de não termos publicados "Um excelente (sic, F.B.) artigo sobre a participação dos homossexuais no Primeiro de Maio". Teremos de repetir indefinidamente que achamos que o movimento homossexual brasileiro não pode e não deve ser desviado de seus próprios e graves problemas para servir a partidos? No embalo das acusações, os convergentes gueis aproveitam para dizer que desempenhamos um papel de freio entre os homossexuais: "O jornal, que prega uma "autonomia" para os homossexuais, na verdade joga (sic, F.B.) um papel de frear o crescimento do MH e sua organização política." Ora, não pretendemos jogar papel algum na opção político-partidária dos homossexuais brasileiros; simplesmente queremos (e estamos conseguindo: aí estão as centenas de cartas que recebemos todos os meses) abrir a cuca dos nossos leitores para as possibilidades de uma vida plena e realizada no encontro do caminho verdadeiro para a felicidade. É isso que incomoda. Os nossos "companheiros" da Convergência não saberiam se ver numa situação de felicidade e de entendimento mútuo. Para eles, a vida tem de ser negra, cheia de humilhações e misérias. Nós, os homossexuais, sairíamos da nossa situação de opressão para ir batalhar talvez nalgum campo de cana sob as ordens de um heterossexual cruel, que nos daria as piores tarefas.

Numa peça estreada há pouco em New York, Bent, dois homossexuais alemães morrem num campo de concentração nazista carregando pedra de um lado para outro, como seres absolutamente inúteis e imprestáveis para outra coisa. O drama, se fosse encenado aqui, viria num momento oportuno, para deixar fresco na mente de todos que quando se trata de minoria elas estão sendo sempre ameaçadas por uma socieade que tem por raiz o patriarcado judaico-cristão, seja qual for o regime. É isso que não podemos perder de vista. A ameaça está inserida em todos os programas até agora elaborados pelos partidos políticos do Ocidente, sejam eles nazistas ou comunistas. Aliás, as "Teses" tratam nas duas primeiras partes do ensaio feito por Lênin para liberar a sexualidade na recém-criada União Soviética, e do golpe dado por Stálin na ainda tenra democracia soviética, tratando com a maior crueldade possível os homossexuais e restaurando todos os padrões burgueses das leis do casamento e anti-aborto. O documento lembra também a atitude de Fidel Castro em relação aos homossexuais e a desculpa lembrando o papel negativo que os gueis desempenharam na ditadura de Batista.

A boa nova que nos trazem as "Teses" é que o Grupo Somos, de São Paulo, está com um projeto de fundar outro jornal. O Corpo, "que além de ser um órgão do MH militante, será também um veículo para discutir a aliança entre setores oprimidos e explorados contra o inimigo comum." Nós, do "Lampião" desejamos que O Corpo venha logo e seja realmente um veículo de comunicação e não apenas um boletim cheio de palavras de ordem e planos de tomada do poder. A efervescência atual entre os gueis brasileiros até que comporta outro veículo, mas rezemos todos para que seja mesmo um jornal, aberto, oferecendo perspectivas, e não mais uma folha dogmática e cansativa, como tantas que andam por aí sendo empurradas praticamente à força nas mãos de transeuntes distraídos.

O Lampião foi feito com muita dificuldade e sacrifício, mas deu certo, talvez, exatamente, porque não tivéssemos um plano de diretrizes rígidas para a sua feitura. Ele surgiu porque estava na hora, a prova foi a sua grande aceitação. Que O Corpo não aceite estratégias vindas de cima, através de caminhos solertes; que encontre no dia-a-dia as suas matérias — só assim, viverá, como nós desejamos. (Francisco Bittencourt).

(O presente texto foi elaborado pra prefaciar o livro A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL, de Guy Hocquenghem, recém-lançado pela Editora Brasiliense. Devido a divergências entre o Autor e o Editor, esse prefácio acabou não integrando a edição do referido livro. Aqui, LAMPIÃO o publica em primeira mão e sem cortes).

Por seu atrevimento, a CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL certamente assustará muita gente (relação sado-masoquista Escritor/Leitor?). Mas mesmo acusando Guy Hocquenghem de derrotista, tendecioso e até pedante, não se poderá chamar sua análise de ingênua. No atual universo da permissividade, onde ser sexualmente sadio se tornou coisa chique, Hocquenghem surge como uma voz dissidente e um herege em relação àquilo que ele chama de "Novas Burguesias Homossexuais".

Digamos que há um dilema, bem no meio do caminho. Escorraçados ou ludibriados à direita e à esquerda, os homossexuais (cobaias de uma sociedade controladora) anseiam por se abrir, mas necessitam manter-se donos de seu nariz. No Brasil, episódios como a operação-limpeza do delegado Richetti no centro de São Paulo (quando os policiais entravam nos bares gritando: "Quem for viado pode entrar no camburão"), deixam patente a vulnerabilidade mas também o isolamento (visceral, eu diria) dos homossexuais, não obstante seus esforços em reagir organizadamente. Na Câmara Estadual, os deputados da oposição jamais se mostraram tão desinformados como durante o interrogatório ao delegado Richetti. Um deles chegou a sugerir um trabalho junto aos travestis para lhe pedir moderação. Como no Brasil também vem existindo, há quase três anos, algo parecido com um Movimento de Liberação Homossexual (afinal, o país precisa se modernizar), os grupos homossexuais organizaram, junto com parcelas do Movimento Feminista e Negro, uma passeata que reunisse o protesto de amplos "setores democráticos" dispostos a dar seu apoio. Mas ninguém jamais recebeu explicações sobre a ausência desses setores na manifestação pelas ruas centrais de São Paulo. Quanto à população, seus preconceitos funcionaram na medida de sua perplexidade ante aqueles degenerados que passavam gritando slogans e palavrões. Mesmo assim, houve anônimas reações: nos lugares freqüentados por homossexuais, além da costumeira água jogada do alto dos edifícios, nessa ocasião jogou-se merda também.

Para muitos desses divergentes sexuais, a alternativa acaba sendo a aliança com os poucos partidos de esquerda que os aceitam como tais, e criar Departamentos Gueis em seu interior. Mas as desilusões não tardam em gerar situações dolorosas para essas bichas que buscam prioritariamente ser aceitas. Os tais "revolucionários", mesmo quando dizem explicitamente "aceitar homossexuais", encolhem-se de horror logo que as bichas resolvem botar em prática a "liberação sexual" dentro do partido; e invocam a famosa "moral do proletariado" para condenar os mais ousados. Tais exemplos vêm-se repetindo exaustivamente até os dias de hoje. Receio que, com seu paternalismo oportunista, os setores assim chamados progressistas na verdade mascarem as mesmas atitudes preconceituosas da direita, interessados que estão unicamente em manter influência num setor social ainda "inexplorado" pela política partidária no Brasil. Basta lembrar um lamentável episódio recentemente ocorrido em São Paulo, no qual não faltaram planos táticos, alianças clandestinas, cursos proselitistas e todo aparato golpista para que determinada agremiação esquerdista tomasse a liderança de um grupo liberacionista de... 60 homossexuais.

Gato escaldado que sou, prefiro considerar a repressão e o paternalismo como duas faces de uma mesma tendência. Nem creio que a esquerda vá redimir esse "amor anormal" ou desculpabilizar o buraco do cu — simplesmente porque, como diz Hocquenghem, ser militante e revolucionário "é um jeito de ser normal". Se a solução da desencontrada "questão" homossexual não está na modificação do Código Penal, não parece estar também na modernização dos estatutos de partidos auto-proclamados progressistas. Hocquenghem exprime muito bem essas impossibilidades: por viver em "deslocamento permanente", na prática e no plano das idéias, o desejo homossexual é antípoda da normalidade — mesmo aquela "disfarçada de esquerdismo".

Guy Hocquenghem foi um dos mais ativos militantes da antiga Frente Homossexual de Ação Revolucionária (F.H.A.R.) da França. Portanto, tem vivência suficiente para ir ainda mais longe: analisa, de maneira dura e corrosiva, mas também rica e instigante, esse tipo de liberacionismo homossexual que, almejando um Gay Power, acaba por realizar uma contestação social menos significativa do que a revolução do automóvel, **ainda quando julga estar mudando a face da** humanidade. E Hocquenghem pergunta: será que tantos anos de liberação sexual (fala, sobretudo, da França e USA) não teriam tornado mais refinados os mecanismos de controle, acabando por outorgar ao Estado também o controle da sexualidade, último baluarte das individualidades? Ao reivindicar melhorias no Código Penal, na Psiquiatria e na Justiça, não teríamos reforçado nosso opressor, permitindo-lhe exercer um poder ainda mais sofisticado?

Nesse sentido, Guy Hocquenghem chega a acusar um certo Movimento Homossexual reivindicatório de estar ajudando a codificar a vida privada e de incentivar a criação de uma nova normalidade, ao exigir o reconhecimento social do "homossexual" e ao consagrar uma nova categoria científica chamada "homossexualismo". Do mesmo modo como o prefixo **homo** tornou o **sexual** parte do universo científico, o **ismo** final lhe adicionou um caráter de doutrina e pediu um credo. E é por essas duas portas que, infelizmente, ingressa no Movimento Homossexual um ideal institucionalizador e vão-se articulando objetivos estratégicos, táticas proselitistas, formas centralizadoras, no melhor estilo de disputa de poder. Ao carregar o homossexualismo (doença infantil da homossexualidade?) como bandeira, os movimentos reivindicatórios criam um papel a ser interpretado: o de homossexual. E o instituem como um novo valor que, ao ocupar seu lugar na sociedade, perde ao mesmo tempo sua capacidade de questionar, se "normaliza" e vira modelo — tudo isso em detrimento de sexualidades mais selvagens como a bicha-louca, o pedófilo, o sado-masoquista, etc. Aliás, basta folhear certas revistas americanas que anunciam cremes, perfumes e camisetas para homossexuais; constata-se imediatamente que, nessa antropofágica moda de/para bichas, a reciclagem já está em andamento: somos o alicerce do novo poder.

Fazendo severas críticas aos rumos reivindicatórios que o liberacionismo homossexual geralmente tomou, Hocquenghem remete-nos diretamente ao universo da militância. Se há uma crise dentro dela, é porque descobre-se aí um perigoso processo: Militância — Militarismo — Autoridade — Dogma. Após multiplicar os centros de poder, distribuindo-os entre especialistas (psiquiatra, sexólogo, pedagogo, sociólogo, juiz), a sociedade moderna institui um novo mediador entre nós e nós mesmos: o **militante**, especialista em programar política, ou em decretar essa nova forma de transcendência chamada REVOLUÇÃO. A propósito, lembro como foi grande a perplexidade dentro de certos grupos de liberação homossexual quando muitos de nós constatamos que já não nos sobrava tempo para trepar, ocupados que andávamos em reuniões e outras atividades de "liberação sexual". Se alguma coisa falhou nos próprios fundamentos do ativismo, isso certamente tem a ver com a mesma fina incompatibilidade existente entre o desejo (individualidade) e o social (militância).

Existem atitudes fundamentalmente diferentes num gesto de liberação. De um lado, ainda se encontra nos muros de São Paulo uma inscrição que sobrou dos duros tempos do Dr. Richetti: BICHA É GENTE — cujo teor sempre me pareceu o da súplica, da comiseração. Numa atitude oposta, Hocquenghem prefere sugerir: BICHA É PERVERTIDO PLURAL — e com isso afirma potencialidades fora do universo da normalidade. Por sua característica fundamental de perversão e anormalidade, que lhe abrem a imaginação e o lançam num moto-perpétuo, o desejo homossexual não precisa de modelos unificadores. Seria melhor que ficasse à deriva, sem âncoras, pois, "tanto quanto as zonas de repressão, os conteúdos reprimidos agitam-se sem parar", segundo Hocquenghem.

É lícito perguntar, portanto, se a possibilidade de sobrevivência do desejo homossexual não estaria justamente aí, nessa espécie de "ebulição clandestina" de que fala Octávio Paz. Nessa região selvagem, indomável. (**João Silvério Trevisan**)

Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti

Minha doce amiga Edla Van Steen vem programando para Status uma série de debates sobre comportamento. No último publicado, reuniram-se os jovens para discutir seus problemas — vida, sexo, trabalho e participação social: resultou num panorama tímido e de conclusões restritas, talvez porque todos pertenciam à classe média alta, faltando, portanto, a mescla com elementos proletários e, como a temática fosse primordialmente sexual pelo próprio caráter da revista, notou-se a falta de uma ou de um jovem homossexual assumido. Neste âmbito então a discussão limitou-se aos pontos de vista heteros, dos quais todos eles obviamente se disseram praticantes.

A coordenadora percebeu as falhas e, para tentar sanar esta última, perguntou o que eles achavam do homossexualismo. "Tudo legal, cada um tem o direito de estar na sua", foi o consenso também óbvio. Porém, um rapaz acrescentou: "Mas também a gente não precisa aceitar bicha-louca, né?", deixando explícito nesta frase, que os níveis de preconceito podem ser sutis, variáveis, mesmo entre pessoas que se acreditam avançadinhas.

Pondo em miúdos: a sociedade atual já suporta razoavelmente o homo assumido que por sua própria natureza ou por auto-disciplina tem (ou aparenta) um comportamento hetero; mas repudia ainda aquele cujos maneirismos possam ferir a moral convencional — abrindo, porém, exceção aos que podem e **devem** desmunhecar (cabeleireiros, costureiros, maquiladores, decoradores...), porque essa desmunhecação traz lucros para o sistema, ao mesmo tempo reafirmando o machismo que com ele co-existe.

Claro que ser bicha-louca não é obrigatoriamente carteira de identidade para homossexual. Propor tal generalização seria dar a comida já mastigada ao sistema, interessado em nos manter o mais possível dentro dos estereótipos, a fim de ressaltar as "diferenças" e justificar a marginalização e a conseqüente repressão. Ainda há a considerar que o estereótipo "bicha-louca" pode ser, em certos casos, uma atitude adotada de defesa e contestação (consciente ou não) ao sistema opressor. Na guerra vale tudo, mas eu pergunto se a luta não será duplamente mais pesada para estes elementos, uma vez que foi o adversário quem escolheu as armas e a camuflagem?

O fato conversado acima é para determinar, então, que a autenticidade do homossexual **tem** e **deve** ser mantida, seja ferindo a "dignidade" dos heteros ou dos homos preconceituosos. Sem este preâmbulo, impossível qualquer acordo de classe isento de prevenções e repressões. Nós, homossexuais brasileiros, como grupamento constituído (?), estamos ainda engatinhando em cima de uma cultura e de uma atividade específicas. Após dois anos de formação do primeiro grupo, quase o mesmo tempo e idade do Lampião como elemento catalisador, e a realização do I EGHO (que a meu ver teve resultados animadores e positivos), chegamos atualmente a um impasse no qual gira-se em círculos, esgotado que está aquele primeiro fôlego de euforia e liberdade.

É o momento de analisar claramente o que foi feito e obtido, o que foi destruído e porquê. Também nós, do Lampião, não fugimos à regra quanto àquele entusiasmo inicial, e estamos igualmente convictos de que é preciso repensar sobre tudo o que bem (e não foram poucas coisas) ou precariamente (como preferem considerar alguns) construímos e trabalhamos em cima, nestes quase dois anos. E neste repensar existe, a meu ver, dois pontos primordiais a serem defendidos e que, apesar de tudo o que há para rever, genericamente são aqueles de sempre: o homossexual deve lutar para exisitr e se fazer respeitar na integridade física, moral e psicológica que lhe é natural, dispondo à sua vontade do seu corpo e da sua mente, sem se deixar discriminar, sem aceitar os paternalismos que também são discriminatórios; e sem se auto-discriminar ou afirmar-se em hierarquias ou classes, sejam travestis, michês, bichas-loucas, bichas-mais-ou-menos-loucas, bichas-quase-sérias, bichas-sérias, bichas-intelectuais, etc; etc. (se em relação às mulheres homossexuais as classificações podem não ser tantas nem tão rígidas, a idéia de hierarquia e liderança não é mais diluída...).

Para aqueles que ainda insistem em separações, por não conseguirem se libertar dos padrões de formação machista, lembremos que perante a natureza somos todos iguais, dispondo, indiscriminadamente, de um órgão sexual roliço, e outro em forma de um buraco circular preguedo (com alguns outros adereços complementares); e que numa cama qualquer homossexual masculino, seja um travesti ou o maior dos enrustidos, pode fazer e ofter a mesma coisa, dependendo só de saber usar a imaginação e de não ter preconceitos, nem fimose exagerada, e nem hemorróidas em idade avançada. Quanto às lésbicas, bem... elas sabem melhor do que eu como agir. Não vamos doutrinar, então, à maneira dos heteros paternalistas ou dos enrustidos, para que as bichas sejam menos bichas e as sapatonas menos sapatonas. "Cada um na sua, tá legal, garotão?" Porque somente da integração das inúmeras facetas de nossa sexualidade específica é que advirá uma cultura homossexual autêntica e com ela a imposição e o conhecimento dos nossos direitos.

O outro ponto diz respeito a **absoluta prioridade** que a luta homossexual deve ter para cada um de nós, sejamos proletários, intelectuais, classe média ou marginalizados sociais. Temos sido freqüentemente, ultimamente, desejados e assediados por alguns partidos da esquerda não tradicional. Em tese, tal amigação (quem sabe se até não sairia casamento?) poderá parecer proveitosa para nós, porque o movimento homossexual não está ainda preparado para se constituir politicamente, conforme eles nos dizem nas suas declarações de amor. Mas pergunto se será necessário um compromisso partidário, na melhor das hipóteses paternalistas, e comprometido com as outras diversas reivindicações que são e serão prioritárias, na estrutura de um partido. Não tenhamos dúvidas de que na prática, pelo caráter minoritário do Movimento Homossexual, tanto em número como em "diversidade de comportamento", a tendência do partido, depois de usá-lo para fins eleitorais, será diluí-lo em benefício das idéias gerais.

Ora, a nossa bandeira de luta que é a nossa sexualidade específica tem sido desprezada (e perseguida) pela direita como castigada pela esquerda, com razões e denominações diferentes, mas com o mesmo tipo de repressão criminosa e muitas vezes sádica.

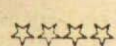
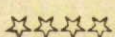
Reconheço o estóico e patriótico (**hélas!**) esforço dos ativistas homossexuais da Convergência Socialista, por exemplo, tentanto impor dentro do partido a sua Fração Homossexual com um perfeito plano de ação, recentemente divulgado, denominado "Teses para a Libertação Homossexual II" (houve antes o número I, que agora foi reciclado). Tal trabalho, escrito por pessoa (as) de bastante prática na militância política, como não poderia deixar de ser, é muito convincente, capaz de converter em mártir ou herói a bicha mais alienada. A compilação histórica das perseguições aos homossexuais vem desde a Mesopotâmia até a "operação rondão" do Richet, num panorama bem completo, portanto, com as devidas condenações à Rússia Stalinista (portanto post-trotskista) e à sua filial cubana.

Quando a argumentação deixa a foice e o martelo e vem até nossos verde-amarelismos, os ataques estão dirigidos diretamente aos do Lampião, chamados de anarquistas pequenos burgueses e anti-revolucionários, que, pregando a autonomia para os grupos homossexuais, "jogam um papel de frear o crescimento do MH e sua organização política".

Mas a doutrinação partidária não **pára** por aí, porque no decorrer do documento se estabelecem os planos da ação revolucionária e os comportamentos (sic), e vai-se percebendo que a ladainha **é a mesma das cartilhas tradicionais da esquerda. Fala-se em** "setores oprimidos e explorados pelo inimigo comum", usa-se com freqüência a palavra "companheiro", ou "militância", "métodos combativos", etc., culminando com uma ordem tácita: "o MH só tem duas alternativas: estar ao lado da burguesia ou ao lado dos explorados e oprimidos. A Convergência Socialista é a única tendência que oferece uma clara direção pró-trabalhador para o MH e (sic) sendo assim, **tem as condições de dirigir esta corrente**" (os **sics** e os grifos são meus).

O perigo maior dessa coisarada toda — e isto já ressaltei em artigo anterior — é que sempre foram delegadas aos homossexuais, pelo sistema social, as funções discriminativas que também citei antes e que de algum modo estão ligadas à feminilidade. Mas agora, conforme proclama o tal documento, é finalmente dada ao homossexual a chance de, sem precisar mascarar sua sexualidade, participar politicamente dos destinos do país e quiçá... dos da humanidade.

E é claro que essa possibilidade de ascendência ao poder, que sempre pertenceu aos homens, desperta dentro dele, homossexual, o macho que esteve escondido durante séculos. O espetáculo se lhe afigura com mais luzes, paetês e plumas que a mais suntuosa apoteose do Follies Bergère, e em glória, ele até pega em armas e sucumbe, se for preciso! Só que nessas alturas a sua luta específica já foi para as cucuias... Será isto o que pretendemos? Ouvi há pouco tempo uma ridícula bicha doutrinada dizer que "a única solução será a luta armada". Me digam. Pode?

Não quero parecer fútil nem gratuitamente surrealista. Também não sou derrotista e muito menos entreguista. É evidente que a nossa situação, que é e deverá ser sempre política, só poderá resultar num movimento de esquerda, levada pela própria condição de marginalidade que a nossa preferência sexual se afigura perante qualquer poder constituído, seja ele de que facção for. Mas se é para determinar colocações, direi que estaremos sempre à esquerda da esquerda. Só não me perguntem onde é isso e como é isso, porque sinceramente não saberei responder. Não sigo cartilhas, não traço planos de ataque, não ponho cabeças a prêmio e tenho a honestidade de me reconhecer falível, portanto não procuro ser dogmático, nem dono da verdade. Defendo, isto sim, e com muita consciência, o direito ao uso do meu corpo e da minha mente. E se for para deixar aqui qualquer coisa que possa se assemelhar a uma esperança mas que é, na verdade, um alerta, repetirei o verso do poeta português José Régio: "Não sei para onde vou mas sei que não vou por aí". (**Darcy Penteado**).

Escolha Seu Grupo

LAMPIÃO — Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Caixa Postal 41.031, CEP: 20.400, Rio de Janeiro, RJ.

"Bando de Cá"/Niterói — Rua Gavião Peixoto, 100, sobrado, Icaraí, Niterói, RJ — CEP: 24.000.

"GOLS"/ABC — Grupo Opção à Liberdade Sexual — Caixa Postal, 426, Santo André, SP — CEP: 09.000.

GATHO — Grupo de Atuação Homossexual/PE — Centro Luiz Freire, Rua 27 de Janeiro, Carmo, Olinda, PE — CEP: 53.000.

NÓS TAMBÉM/PB — Rua Orris Soares, 51, Castelo Branco, João Pessoa, PB — CEP: 58.000.

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Canha, Quadra 2, Bloco 5, aptº 301, 2º andar, Curado III, Jaboatão, PE — CEP: 54.000.

GRUPO GAY DA BAHIA — Caixa Postal 2.552, Salvador, Bahia — CEP: 40.000.

TERCEIRO ATO/BH — Caixa Postal, 1.720, Belo Horizonte, MG — CEP: 30.000.

BEIJO LIVRE/Brasília — Caixa Postal, 070.812, Brasília, DF — CEP: 70.000.

SOMOS/RJ — Caixa Postal, 3.356, Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20.100.

COLIGAY — Av. Paraná, 842, aptº 31, Navegantes, Porto Alegre, RS, CEP: 90.000.

AUÊ/RJ — Caixa Postal, 25.029, Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20.000.

SOMOS/Sorocaba — Caixa Postal, 294, Sorocaba, SP — CEP: 18.100.

LIBERTOS/Guarulhos — Caixa Postal, 132, Guarulhos, SP — CEP: 07.000.

Grupo LÉSBICO-FEMINISTA/SP — Caixa Postal, 293, São Paulo, SP — CEP: 01.000.

EROS/SP — Caixa Postal, 5.140, São Paulo, SP — CEP: 01.000.

SOMOS/SP — Caixa Postal, 22.196, São Paulo, SP

FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA — Av. Afonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, SP — CEP: 05.019.

GRUPO OUTRA COISA/SP — Caixa Postal, 8.906, São Paulo, SP — CEP: 01.000.

MEMÓRIA GUEI

De alguns anos para cá, a Imprensa Brasileira tem dado um certo destaque a Questão Homossexual. Ensaios, entrevistas, matérias, reportagens e contos, têm sido publicados freqüentemente em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal Lampião resolveu organizar uma Memória de tudo que tenha sido publicado sobre homossexualismo e as ditas minorias. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos recortes (original ou xerox) desse material com a indicação da fonte e data de publicação.

* * * * *

LAMPIÃO da Esquina: **Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.400.**

Lima Barreto, um escritor libertário

20 de novembro é aniversário da morte de Zumbi. Este ano LAMPIÃO, em vez de cobrir o movimento negro (cuja maioria dos participantes preferem deblaterar entre si do que fazer um trabalho conseqüente) — resolveu homenagear toda população — afro-brasileira na pessoa de uma das suas maiores expressões. Trata-se do escritor Lima Barreto, cujo centenário do nascimento dá-se no ano que vem. Temos a certeza de que ele está mais próximo da maioria do que líderes classe-média apenas preocupados em construir um **curriculum-vitae.**

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro numa sexta-feira, 13 de maio de 1881, filho de um jornalista ligado ao Partido Liberal e uma professora primária. Conheceu o mundo portanto, num dia considerado azarento, e também futura data comemorativa da Abolição da Escravatura, em cuja campanha colaborou seu pai, protegido do então poderoso Visconde do Ouro Preto. Em 1887 morre-lhe a mãe de tuberculose galopante; não antes de ter parido seus irmãos Evangelina (1882), Carlindo (1884) e Eliezer (1886). No ano seguinte da morte da mãe, assiste às comemorações da Lei Áurea, que para o menino de sete anos, significava abandonar a escola, pois "ser livre deve ser fazer apenas o que temos vontade".

A Proclamação da República em 1889 fez com que seu pai, jornalista combativo da **Tribuna Liberal** fosse demitido, depois do exílio do visconde seu protetor. Mas como ser liberal e anti-republicano? Ah, meus caros, os tempos mudam... O próprio escritor dará a resposta anos depois, no seu **Diário Íntimo**: "uma rematada tolice foi a tal república. No fundo, o que se deu a 15 de novembro foi a queda do Partido Liberal e a subida do Conservador, sobretudo a parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados".

Caindo em desgraça, a família Lima Barreto mudou-se para a Ilha do Governador, onde alguns anos depois, seu chefe foi nomeado administrador das Colônias de Alienados, nome como era conhecido o Hospício da época. Aluno da Escola Politécnica, foi estudante apenas razoável, a exemplo de outros gênios desta ou de outras paragens. O contraste entre sua sensibilidade e os filhinhos de papai empistolados, sem dúvida, prejudicou e muito seu aproveitamento escolar. Um dia, justificou o medo de pular com os colegas o muro do teatro para assistir o espetáculo de graça, dizendo: "Pobre de mim. Um pretinho. Era logo seguro pela polícia. Seria o único a ser preso".

Em 1902, acontece o trágico fato que realmente mudou o trajeto da sua vida. Influenciado pelas perseguições ainda sofridas pelos liberais supostamente partidários da monarquia, o pai do escritor não resiste e sofre uma crise de loucura da qual nunca mais se recuperara. Aos dezenove anos, Afonso Henriques torna-se arrimo de família, sustentando três irmãos menores e um inválido. Abandona os estudos e arranja um emprego público de amanuense (uma espécie de escrivão) do Ministério da Guerra. Logo ele, que odiava militares! A família muda-se para Todos os Santos, bairro encravado nas cercanias do Engenho Novo e Méier. O baque econômico é muito grande, podendo ser notado na qualidade de ensino recebido por Afonso e sua irmã Evangelina (aulas de piano e francês) em comparação à dos irmãos caçulas. Começara o calvário de Lima Barreto. O pai, louco, tinha freqüentes alucinações de estar sendo perseguido pela polícia. Com a exceção da irmã, não encontrava receptividade familiar. O emprego medíocre também não oferecia chances a um negro leitor de Balzac, Tolstoi, Dostoievsky, Rousseau, Kropotkin, Maupassant. "A minha vida em família tem sido uma atroz desgraça. Entre ela e eu há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me" (**Diário Íntimo**).

Assim iniciou-se no jornalismo e, posteriormente, na literatura... Sua obra é indiretamente autobiográfica, com personagens inspirados em si mesmo (Gonzaga de Sá, Isaías Caminha), no pai (Policarpo Quaresma), na irmã Evangelina e principalmente na vida dos subúrbios cariocas da Belle-Époque, que retratou como ninguém. Língua de trapo, não tinha piedade dos inimigos, por mais ilustres e poderosos que fossem. Por exemplo, "o Rui (Barbosa) falou com aquela pretensão e aquela falta de visão que lhe são peculiares" (1909); "o senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual". (1919); "Machado (de Assis) é um falso em tudo. Não tem naturalidade. Inventa tipos sem nenhuma vida".

Não apenas os poderosos sofreram debaixo da sua pena. O anônimo medíocre também chegou a ser imortalizado com sua sátira impiedosa. Em 1917, por exemplo, num artigo sob os trens da Central do Brasil, escreveu:

"O brasileiro é vaidoso e guloso de títulos ocos e honrarias chochas. O seu ideal é ter distinções de anéis, de condecorações, andar cheio de dourados... Observem. Quanto mais modesta for a categoria do empregado — no subúrbio pelo menos — mais enfatuado ele se mostra...Empurra brutalmente os outros, olha com desdem os mal vestidos, bate nervosamente com os níqueis". O funcionalismo público, que conhecia tão de perto, é uma das suas vítimas favoritas. Em **Vida e Morte de Gonzaga de Sá** assim define um dos seus superiores no Ministério: "Homem inteligente, mas vadio, nunca entendera daquilo. Entrara como chefe de seção e durante as horas do expediente o seu máximo trabalho era abrir e fechar a gaveta da sua secretária. Foi feito diretor e, logo que se repimpou no cargo, tratou de arranjar outra atividade. Em falta de algo mais útil aos interesses da pátria, fazia a toda hora e a todo instante e ponta no lápis. Era um gasto de lápis que não mais se acabava; o Brasil é rico e aprecia o serviço dos seus filhos. Quando completou 25 anos de serviço, foi feito barão."

Sua obra romanesca é bissexta, sofrida e muito pouca conhecida. Poucos livros encontram-se reeditados no momento. Na realidade, apenas três. Entremos em maiores detalhes.

Clara dos Anjos. Primeira versão escrita em 1904. Segundo versão em 1922, ano da sua morte. Edição póstuma em 1948. Atualmente encontrável em livro de bolso. Conta a aparentemente banal estória da mulatinha que se deixa seduzir por um conquistador de subúrbio, que depois recusa-se ao casamento. Na segunda versão, a definitiva, o livro termina com Clara e a mãe escorraçadas pela família do sedutor e com a pungente frase: "Mãe, nós não somos nada!" Na primeira versão, entretanto, ela continua pela vida, tem uma filha de um português, depois enviuva de um jogador e termina casando com um pedreiro, a quem a ajuda engomando para fora. A filha foge com um policial, prostitui-se e morre tuberculosa como indigente. No terreiro da estalagem onde mora "Clara canta uma trova qualquer num dia de sol". É perfeito o quadro social, ainda válido hoje em dia.

Recordações do escrivão Isaías Caminha. Publicado em fascículos em 1907 e em volume em 1909. Mal recebido pela crítica da época, hoje encontrável em livro de bolso. Mulato pobre vem para o Rio de Janeiro onde vai parar em redação de jornal, não sendo promovido por preconceito racial... Contém sátiras impiedosas de personalidades ilustres da época, todas com nome trocado: Edmundo Bittencourt (dono do **Correio da Manhã**), o cronista João do Rio, Olavo Bilac, Coelho Neto, Afrânio Peixoto e outros.

Numa e a Ninfa. Publicado em fascículos em 1915, em volume em 1919. Atualmente muito raro. **Roman-à-clef** sobre adultério e carreirismo político, ambientado durante a Campanha Civilista de Rui Barbosa em 1910. Deboche de políticos importantes de então.

Triste fim de Policarpo Quaresma. Publicado em folhetim em 1911, em volume em 1919. A crítica considera o seu melhor romance. É ainda achável nas livrarias. Sátira de costumes de funcionário público considerado tanto por exaltar os valores nacionalistas como a música popular e o desenvolvimento agrícola nacional. Termina condenado à prisão perpétua por pedir a legalização do tupi-guarani. Retrato impiedoso do marechal Floriano Peixoto e seu tempo.

Vida e Morte de Gonzaga de Sá. Escrito em 1911, editado em 1919 por Monteiro Lobato. O livro favorito do escritor, hoje raro. Um dos melhores retratos do Rio Belle-Epoque. Jovem fascina-se pela personalidade do protagonista, homem culto mas enquadrado, limitado e castrado pelo serviço público.

Podemos também citar outros considerados "me ores" como **As Bruzundangas** (1917), sátira sobre a geografia, história e economia do Brasil; **Cemitério dos Vivos** (inacabado) e inúmeros contos, entre eles os já clássicos **A Nova Califórnia** e **O Homem que sabia javanês.**

Como jornalista, Lima Barreto escreveu no **Correio da Manhã, Jornal do Comércio**, revistas **Careta e Fon-Fon** e inúmeros alternativos anarquistas, doutrina com a qual simpatizava. Em 1917 saudou a revolução russa e expressou o desejo de movimento semelhante por aqui (naquele tempo ainda não havia Stalin e tudo eram flores por lá). Eis pequenina mostra de seus textos políticos: "o nosso regime atual é da mais brutal plutocracia e da mais intensa adulação aos... capitalistas internacionais, aos agentes de negócios, aos charlatães tintos com uma sabedoria de pacotilha" (1915). "Se os socialistas, anarquistas, sindicalistas, positivistas etc. não podem resolver a questão social, estou muito disposto a crer que o catolicismo não a resolverá também, tanto mais que nunca foram tão íntimas as relações do clero com o capital, e é contra este que se dirige a guerra dos revolucionários" (1921). "Contra essa ordem que tende a perpetuar-se entre nós, aviltando a mulher... não se insurgem as borra-botas feministas que há por ai. Só tratam de arranjar manhosamente empregos públicos. É um partido de cavação como qualquer outro masculino" (1922).

Assim pensava Lima Barreto, negro iconoclasta do subúrbio carioca. Participa ativamente da campanha anti-Hermes da Fonseca em 1910 e do júri da **Primavera de Sangue**, que condenou no ano seguinte, um oficial do exército que atirou sobre os manifestantes. De saúde fraca, a partir de 1911 cai na boemia inveterada e depois no alcoolismo crônico. É internado duas vezes no Hospício e aposentado em 1918 a pedido, depois de 14 anos de trabalho. Fugia das festas para beber sozinho, era encontrado nu correndo pela linha do trem, via bichos subindo-lhe pelas pernas, dormia nas sarjetas. Seu Cemitério dos vivos registra todo o processo: "Muitas causas influiram para que eu viesse a beber, mas de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias de tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão... e assim conheci o chope, o uísque, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele... Bebia desbragadamente a ponto de estar completamente bêbado às 9 ou 10 horas... Sem dinheiro, mal vestido... fui levado às bebidas fortes que embriagam depressa. Desci... até a cachaça. Embriagava-me antes do almoço até o jantar, e desde até a hora de dormir".

Era o fim. Candidato derrotado à Academia Brasileira de Letras, que hipocritamente o saudará neste seu centenário de nascimento, Lima Barreto passou o último ano de sua vida confinado na sua Vila Quilombo em Todos os Santos. Foi um período de trabalho intenso. Publicou vários volumes e principalmente organizou sua obra, antes dispersa. Cortejado pelos modernistas, afastou-se deles por considerá-los filhinhos de papai esnobes e radicais chiques.

Em 1922, seu pai agonizava. No quarto ao lado, o escritor lia. Foi procurado pela irmã, que o encontrou morto. Ao notar na casa a movimentação do velório, seu pai teve um único lance de lucidez em muitos anos: "Afonso morreu?" Ele próprio faleceria 48 horas depois do filho. Ambos estão sepultados no cemitério São João Batista num túmulo mal conservado, ao fundo do lado direito do portão principal, perto da entrada das capelas. Seu velório foi muito concorrido, não por intelectuais, mas por gente humilde dos subúrbios, pois era popular, tinha muitos compadres. O cadáver do escritor, de 41 anos, parecia precocemente envelhecido, cabeça já branca.

Lima Barreto jamais se casou, nem sabe-se de aventuras suas, a não ser idas aos bordéis pobres do Mangue. Uma vez disse não querer as mulheres "nem como amigas nem como inimigas". Dois textos entretanto do romance **Gonzaga de Sá** demonstram uma sexualidade no mínimo, enrustida e platônica. "vinha a noite e ela caiu negra sobre nós. Então, sentimos nossas almas inteiramente mergulhadas na sombra e os nossos corpos a pedir amor. Calamo-nos e olhamos um pouco as estrelas no céu escuro" — isso é uma caminhada de dois amigos no Passeio Público. E mais: "Por uma tarde clara de quinta-feira, foram me lembrando tais cousas, enquanto palmilhava o caminho que ia ter à casa do meu amado amigo. Acompanhava-me por ele afora, de envolta com essas agradáveis recordações, uma grande e exuberante alegria na alma. O contato ia ser pleno e a visita dar-nos-ia o perfeito enlace das nossas almas. Caminhava como para um quarto de núpcias".

Seu amigo Pereira da Silva também forneceu um curioso depoimento sobre o seu enterro. "Quando transpusemos a sala em cujo centro jazia o cadáver um homem correu a espalhar no caixão, votivamente, aquelas perpétuas de roxo tão expressivo. Depois, mal contendo a emoção, descobriu-lhe o rosto, beijou-o na testa, que ainda recebeu algumas lágrimas. Uma pessoa da família dirigiu-se ao visitante. Quis saber quem ele era. — Não sou ninguem, minha senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados". Interpretem como quiserem.

João Carlos Rodrigues

Richetti volta às ruas

C delegado Wilson Richetti e os famigerados homens da sua "operação rondão", que andavam de quarentena em São Paulo, encontraram um meio de comemorar a proclamação da República: dia 15 de novembro, saíram às ruas da capital paulista em busca de homossexuais. Só que, dessa vez, não eram as bichas os alvos procurados, mas sim, as mulheres: os policiais invadiram os bares Cachação, Ferro's e Bexiguinha, e as mulheres que lá estavam, incluindo as que possuíam carteira profissional assinada, foram todas detidas, debaixo do seguinte argumento: "É tudo sapatão".

Segundo panfleto distribuído posteriormente pelos grupos Terra Maria, Ação Lésbica-Feminista e Eros, na 4ª delegacia, para onde as detidas foram levadas, "foi constatado que os policiais recebiam dinheiro para libertarem as pessoas, sendo que aquelas que não possuiam, lá permaneciam". Em seu panfleto, aqueles três grupos paulistas denunciaram: "Estamos novamente às voltas com a ação violenta da polícia, ação essa que outra vez ficará impune no que diz respeito as autoridades".

Arrasadora Maria Malibran

Werner Schroeter, um dos mais polêmicos e originais diretores do moderno cinema alemão, trouxe vários filmes e um amigo árabe para se apresentar em várias cidades brasileiras. Em seus filmes, constatei um certo descabelamento só explicável por sua paixão pela cultura italiana (viveu na Itália, quando menino), pela ópera e por Maria Callas em particular. O elemento operístico está quase sempre presente, sobretudo naquele que parece ser o mais conhecido de seus filmes: A morte de Maria Malibran **— onde Schroeter cria "climas" a partir da vida de uma cantora de ópera do século passado, Maria Malibran, que viveu e morreu cantando. Num** outro, **ele conta a história de três mulheres que vivem num povoado americano, matando os homens que lá aportam. Noutro, Schroeter filmou a peça** Salomé **(de Oscar Wilde) numa ruína turca, com sua atriz predileta, a extraordinária Magdalena Montezuma, justamente no papel de Herodes (careca, rosto prateado, coroa de rosas vermelhas na cabeça!). Em resumo, há qualquer coisa de "esquisito", um certo olhar enviezado sobre o mundo, nesses filmes.**

Em São Paulo, no almoço à imprensa (onde só haviam três jornalistas, incluindo eu), Schroeter apareceu com duas horas de atraso, sempre carregando seu jovem (e muito interessante) amigo árabe. Magro, de bigode e cabelos longos (que atirava para os lados, com as mãos cheias de anéis), Schroeter deu uma entrevista extremamente inteligente e perspicaz. A grosso modo, eu diria que sua obra é toda perpassada por um sopro de desmunhecação — não essa da TV brasileira (e do consumo), mas uma desmunhecação arrasadora, poética e visionária. Em função disso, perguntei-lhe se acreditava que existiria algo que se pudesse chamar de "estética homossexual". Negou; por exemplo, os negros não têm necessariamente uma estética especial, ao fazerem sua arte, mas apenas uma abordagem diferente,. Talvez o fato de ter geralmente mulheres (e eu acrescentaria: efebos) conduzindo seus dramas poderia significar uma negação de estereótipos masculinos. Talvez nesse sentido, segundo ele, se poderia dizer que sua estética é homossexual. (Aliás ele manifestou interesse pelo Lampião e, como fala várias línguas, quis levar alguns exemplares).

Como nessas horas sou um gravador implacável, antes da projeção de um dos filmes registrei um papo muito significcativo entre uma conhecida atriz, um conhecido diretor de teatro e um intelectual. Intelectual: Schroeter chegou com um amigo à tiracolo. **Atriz:** Amigo!? **Diretor (irônico):** Amigo, é? **Intelectual:** É uma pena. O mustafá é um belo rapaz. **Atriz:** Então precisamos desencaminhar o menino não é? **A cena terminou em risos. Sou um gravador. Está registrado.** (João Silvério Trevisan).

A mulher que inventou o amor

Dizia o jornal em sua "agudeza" crítica: não chega a ser uma pornochanchada feminista... Achei tão absurda esta junção de palavras que resolvi adiar filmes com "cinco estrelas" para ver o de uma só. Foi assim que entendi a razão da baixa cotação e da ira do público tijucano, num cinema da Saens Peña.

A MULHER QUE INVENTOU O AMOR teve como diretor Jean Garret, e como roteirista (aliás excelente) João Silvério Trevisan. Eles mostraram uma mulher que aos poucos toma consciência dos ardis que seus opressores usam sexualmente contra ela, passando também a manipulá-los contra eles. É exatamente essa inversão de papéis, pondo a nu o ridículo de uma sexualidade padronizada, que tanto incomoda a platéia masculina.

Não é uma apologia da inversão de estereótipos. Esta foi apenas a forma artística de denunciar os comportamentos machistas e zombar deles. A compreensão é imediata, nunca vi uma platéia tão participante... em cinema. Os machomen urravam, gritavam, tinha-se a impressão de que a qualquer momento depredariam a tela ou agrediriam Aldine Muller, esganando o pedaço de pano onde estaria projetado seu pescoço... Era uma revolta sincera de homens atingidos no que há de mais sagrado: seus ritos e mitos de potência e de afirmações sexuais.

Irreverente e criativo, **A MULHER QUE INVENTOU O AMOR** é crítica muitíssimo bem construída aos usos e costumes eróricos desta e de muitas outras Pátrias amadas. No fundo questiona qual seria a real identidade sexual da mulher sem os manuais dos homens e seus ensinamentos preconceituosos.

A história começa com uma mulher sendo deflorada por um açougueiro, que lhe paga a virgindade perdida numa mesa de corte de carnes com um pedaço de filé mignon, comido por ela e sua amiga, horas depois. (Valem todas as conotações simbólicas implícitas e explícitas...). Depois dessa iniciação, ela continua obcecada por seu vestido branco de noiva e por um casamento nos moldes tradicionais... E já que as circunstâncias fazem com que ela se prostitua e se torne a rainha dos gemidos, os conflitos começam a surgir: como viver entre o sonho e a realidade?

No filme há pelo menos cinco cenas antológicas (inclusive a de Bubby Montenegro), todas questionando, de forma inovadora, importantes questões sobre sexualidade homem/mulher. Há quem não goste do tratamento: os machistas, os donos da verdade, os amantes compulsórios, os que usam os jogos eróticos como forma de dominação, e as mulheres que, violentadas com a manutenção destes preconceitos, continuam coniventes com eles. Mas quem não se enquadra nestas categorias e está dsiposto a pesquisar verdades, vibra. E considera **A MULHER QUE INVENTOU O AMOR** um enorme diamante bruto, a ser lapidado pela nossa sensibilidade pessoal.

Leila Miccolis

Troca Troca

GAROTO, **18 anos, gosta de natação, surf, quer corresponder-se com garotos gueis, preferência do interior do Rio Grande do Sul e demais estados. Martin _ Cx. Postal 584 — Porto Alegre — RS — CEP: 90.000.**

PROCURO GAROTÕES, **peludos, bem dotados, que residam no Rio ou em São Paulo, tenho 38 anos, boa situação financeira. Responderei as cartas que tiverem fotos com nudez. Quer passar um final de semana no Sul, escreva-me. Pago todas as despesas de avião. Paulo Ricardo Ribeiro — Cx. Postal.**

TRAVESTIS. **Rapaz, 28 anos, deseja corresponder-se com gueis e travestis que morem no Rio e São Paulo, para amizade ou futuro compromisso.**

Tara Verde da Montanha — **Cx. Postal 888 — Petrópolis — RJ — CEP: 25.600.**

PAULISTA, **moreno claro, 1,8 m, 36 anos, boa aparência, bom nível cultural, independente, deseja corresponder-se c/ rapazes solitários, do sul, bem dotados, alto, louro, bonito, olhos azuis, verdes, que queira morar de vez no Rio. Foto na 1ª carta. Zey Z. — Cx. Postal 26.012 — Realengo — Rio de Janeiro — CEP: 20.000**

BRONZEADO, **olhos castanhos, cabelos pretos, 1,68cm, 57 Kg. Gostaria de corresponder-se com rapazes do Brasil inteiro, de preferência cariocas, que curtam o amor verdadeiro, para transas e trocas de idéias. Troco foto na 1ª carta. Alexandre — Cx. Postal 1141 — União da Vitória — PR. — CEP: 84.600.**

QUEIMADINHA, **21 aninhos, muito sensível e solitária. Estou muito a fim de curtir uma amizade "sincera" com você, entendida (o) "ativa (o)" ou não. Sou entendida passiva, curto MPB e outras, adoro poesias, mar, chuva, livros e pessoas que sabem o que querem. Se você estiver a fim de trocar um bom papo, pode crer que não vou lhe deixar sem resposta. SULA _ Cx. Postal 135 — Carapicuiba — SP — CEP: 06.300.**

TALISMÃ NOTURNO, **Moreno claro, olhos e cabelos castanhos, 21 anos, 1,60 m 48 Kg, escorpião. Transo correspondência com entendidos de todo Brasil para amizade ou aquele algo mais. Foto na 1ª carta. Prometo responder todas. Gomes — Posta Restante — Correio Central — Fortaleza — CE — CEP: 60.000.**

QUENTE, solitário, ardente, sensual e amoroso. Procura rapaz de até 35 anos para relacionamento amoroso. Sou calvo, 1,72m, 62Kg, olhos azuis. Peço foto despida na 1ª carta. Sou entendido discreto e quero dar e receber amor. José Carlos Pedrosa — Rua Marques de Abrantes, 352 — Campo Grande — Recife — PE. CEP: 50.000.

DESQUITADO, discreto, simpático, inteligente, círculo de amizades pequeno, situação financeira equilibrada, amigo e honesto. Gosto de viajar e me relacionar com pessoas inteligentes, cultas e que tenham bom papo. Aguardo notícias. Hugo Savil — Cx. Postal 1454 — Salvador-BA — CEP: 40.000.

TITO (novo Hamburgo, RS) FAVOR PROCURAR FERNANDO (Poá, RS).

JOVEM, solitário, moreno, 1,72m, 60Kg, bom nível social e intelectual, deseja se corresponder com entendidos na faixa dos 25 aos 40 anos para fins afetivos, que sejam de bom nível intelectual e que morem no Rio. Troco e exigo foto recente na 1ª carta — Paulo — Cx. Postal 44196 — Rio de Janeiro-RJ — CEP: 22.060.

HOMENS, quero corresponder-me com homossexuais masculinos, que sejam carinhosos, sensíveis, carentes e solitários. Tenho 18 anos, sou carente e quero dar amor a quem esteja disposto a retribuir-me. Rogério — Rua Alberto de Campos, 184 — Ipanema — Rio de Janeiro-RJ — CEP: 22.471.

DESEJO manter diálogo com jovens femininas e entendidas para compromisso sério. Idade entre 22 e 36 anos. Tenho 1m65m, 63Kg. adoro curtir a natureza, teatro, cinema e praia. Sônia Pinheiro — Rua Mário Alves, 55/305 — Icaraí — Niterói-RJ — CEP: 24:220.

• • •

Atenção leitores do Troca-Troca: a partir de agora, quem quiser ter seu anúncio publicado nesta seção, terá que mandar uma xerox da carteira de identidade anexa ao anúncio. Não se assustem, pois é uma mera precaução contra babados.

Fotos de verão: Cyntia Martins

Quem resistirá a este verão?

"Intelectual não vai à praia: bebe", foi a máxima que O Pasquim botou em circulação há alguns anos com muito sucesso. O nosso lema é muito mais abrangente, pois sem deixar de beber, vamos à praia; e a outros lugares. Por isso, todos os anos, comemoramos a chegada do verão e a aproximação do carnaval com uma matéria abrangente sobre o que a cidade mais propicia nesse sentido tem a oferecer. Este ano, de fato, parece que o Rio está começando bem mais cedo a nos chamar para as folias que duram todo o tempo de calor. Quem não acreditar que dê um passeio pela Cinelândia e veja a efervescência que já tomou conta do ambiente.

O Rio, apesar de tudo, continua sendo uma festa, uma grande loucura, com aquela força de atração que o torna a cidade mais badalada do Brasil, a mais quente e louca entre todas as que pretendem disputar com ela, seja no desbunde da natureza, seja na maneira com que seus habitantes sabem cativar os que aqui chegam. Para os homossexuais, então, o Rio tem atrações que ganham de qualquer outra cidade brasileira, embora São Paulo, por exemplo, seja muito mais perseverante na sua vida homossexual. Para os cariocas tudo é levado rigorosamente de acordo com "o princípio do prazer", e isso é fundamental para atrair para esta cidade ensolarada multidões de brasileiros e estrangeiros, tornando tudo uma festa que se estende por tanto tempo, sem descanso, graças a Deus. No Rio e arredores, a disponibilidade é a única realidade concreta. Vejam essas praias lotadas, que vão, literalmente, de uma ponta à outra da cidade, de Ramos ao Recreio dos Bandeirantes, e indo muito mais além, até Paraty (vejam a matéria Luiz Carlos Lacerda). Sem falar na Ilha do Governador e em Paquetá, que as bonecas modernas certamente ainda não descobriram (porque foram as antigas, da geração de Lúcio Cardoso, que fizeram de Paquetá um dos locais mais freneticamente gueis do Brasil).

Claro, o verão carioca não é só praia. Mas não podemos deixar de falar de aspectos tão surpreendentes desse verão (que dura, na verdade, praticamente o ano inteiro), das populosas colônias de desocupados que acampam nas pedras do Aterro do Flamengo, em frente ao Museu de Arte Moderna, quase todas quase que exclusivamente masculinas, e onde os casamentos homossexuais são uma realidade. Não devemos esquecer também a Praia do Flamengo, freqüentada por um grupo guei que trabalha na indústria noturna de diversões do Rio.

Mas não esqueçamos também que o Rio não é só praias, bares e locais abertos ao namoro público. Há muitos "antros" e buracos malditos que se você não morar no Rio só poderá conhecê-los pela mão de um carioca exímio no assunto, como os pátios de alguns grandes edifícios no centro da cidade e mesmo os mictórios das barcas que fazem a travessia entre Rio e Niterói. Estes são, segundo alguns especialistas, o último grito, a mais nova conquista da população guei do Rio, que pouco a pouco, começa também a descobrir as delícias da Praça Araribóia (em frente às barcas), em Niterói, onde há botequins que servem batidas deliciosas e a caça é farta.

E para o forasteiro que não vai à praia, nem bebe, isto é, que gosta de sossego, só nos resta recomendar um dos pontos de lazer mais antigos e, por incrível que isso possa parecer, mais bem comportados do Rio, que é o grande saguão da estação Pedro II. Ali se reúnem aos sábados e domingos uma das mais numerosas e provectas confraria de homossexuais do Brasil, apenas para conversar, trocar idéias e admirar com seus olhares sábios as "peças", como eles mesmos dizem, que transitam pelo hall da estação. Trata-se de um convívio ameno e reúne pessoas de todas as profissões, de antigos marinheiros e médicos. Essa confraria existe há muito tempo no saguão da gare mas nada tem a ver com o movimento mictórico. Reúne-se mais para trocar idéias e contar anedotas. Assim, paulistas e mineiros que aqui chegam por via férrea com o fim estrito de repousar e não de caçar por praias e bares, o hall da Pedro II pode ser o seu lugar; basta entrar em contato com esse círculo de bonecas. Ali vocês receberão as melhores informações sobre a agitada vida guei dos subúrbios cariocas e talvez nem seja preciso gastar com táxi a caminho da já excessivamente cheia Zona Sul do Rio. E olhem que quem conhece a Zona Norte diz que é coisa para ninguém botar defeito...

Enfim, não por bairrismo, mas por dever profissional, Lampião dá aos homossexuais brasileiros a dica do Rio como a melhor para a temporada de calor e carnaval, porque é nessa cidade onde as bonecas mais se espalham e mais se liberam, desde que, naturalmente, tomem as precauções para não serem apanhadas em perigo, coisa que pode acontecer em qualquer lugar ou latitude. E façam proveito do que o Rio tem, cada vez mais, a lhes oferecer. (Francisco Bittencourt).

O Rio: pra quem gosta — e pode

O que vai acontecer e o que vai ser moda no próximo verão: com esta recomendação, o nosso editor me pediu uma matéria ampla sobre quais seriam os locais quentes para o verão carioca que se aproxima. Confesso não ser um excelente farejador de locais de pegação e diversão, mas consegui captar coisas e informações úteis para aqueles que virão curtir o verão que promete ser escaldante no Rio de Janeiro. Praias, Rollers Disco, Baixo Leblon, Cinelândia, Galeria Alaska, cinemas e outros pontos mais badalados podem ser freqüentados sem muito receio, mas com algumas precausões.

NOITES CARIOCAS

A novidade para o verão ainda vai ser o **Noites Cariocas** no Morro da Urca. É uma versão "nacionalista" do antigo **Dancing Day's**, que promete ser um espaço agradável para todos, inclusive para os homossexuais mais liberados. Funciona às sextas e aos sábados, a partir das 22h e os preços variam de Cr$ 250,00 para estudantes a Cr$ 350,00. No sábado, estudante paga inteira. O Morro da Urca possui recantos incríveis, onde você pode namorar, mas sem muitos agarrões, pois a freqüência é quase exclusivamente hetero. Para aqueles que gostam de "apertar unzinho", sugiro que prestem bastante atenção nos senhores sizudos que se aproximam de qualquer aglomerado que se forma nos caminhos escuros do Morro. São Leões de Chácara que mandam você jogar o fumo fora e ainda ameaçam te levar em cana. Portanto, cuidado.

Na pista de dança, a loucura é total. Pode-se dançar separado, rodopiar, sapatear e rebolar adoidado, pois ninguém reprime. As coisas podem engrossar se você resolver agarrar no seu parceiro e trocar intermináveis beijos. Seja cauteloso. O bom mesmo é dançar o frevo, o samba e o rock "a la Rita Lee" que o D. J. lança no ar, pois a Banda Black Rio é insuportável. Enquanto a Banda toca, é sempre bom dar uma circulada pelas redondezas, principalmente defronte ao bar, onde os gatinhos ficam na espreita.

O **beautiful people** da Zona Sul e a "classe média" da Tijuca estão presentes com seus brotos de minissaia e seus gatinhos dourados pelo sol. A freqüência é bem jovem, mas nada impede que os senhores e seus mancebos se misturem ao colorido dos jeans. Nestas últimas semanas de aula, ainda é possível se movimentar livremente no local, mas com o início das férias escolares, uma verdadeira multidão promete subir o morro e invadir a pequena pista, principalmente turistas vindos das Minas Gerais, de São Paulo e da "mui amiga" Argentina.

O Noites, como vem sendo chamado, é sem dúvida, um local bom para se curtir, mesmo quando se está desacompanhado, mas não deixa de ser um novo modismo, como foi o **Dancing Day's**, fabricado pelo gênio criativo e oportunista do empresário Nélson Motta. Os drinks custam Cr$ 100,00, mas até o alto verão todos os preços deverão subir, inclusive o preço da entrada. É, sem dúvida, um esquema comercial, onde o proprietário gasta o mínimo e lucra o máximo, até o ponto em que a fonte se esgota e então se cria outra fonte de lucros. Como tudo no modelo capitalista.

MONTENEGRO

Apesar do Prefeito Júlio Coutinho ter mudado o nome da tradicional Rua Montenegro, em Ipanema, para homenagear o poeta Vinícius de Moraes, os habituais freqüentadores daquela praia vão manter a tradição: o próximo verão será mais quente na Montenegro. O **bottom-less** ameaça voltar para o delírio dos homens que freqüentam aquele trecho diante do Hotel Sol de Ipanema. As sungas sumaríssimas e os pentelhos de fora são a última moda para os homens. As tangas e o **top-less**, que volta com força total, são as dicas para as mulheres. Mas tudo isto sempre após as 14 horas, pois antes disto o ambiente é muito **família**.

A Montenegro é uma das praias mais badaladas do Rio e tudo o que acontece ali vira moda, como o **top-less**, no ano passado. O perfil dos freqüentadores é muito heterogêneo, mas depois de determinada hora, os tipos vão ficando homogêneos e a loucura única. A parte da tarde é sempre freqüentada pelo **underground** ipanemense que se aglomera entre o Posto 9 e o famoso hotel. O grupo é numeroso e fica quase impossível para um forasteiro penetrar. Ali o fumo rola solto, como em todas as praias do Rio e os papos giram sempre em torno de política, dando vez também para a política do corpo. As figuras mais bonitas da **South Zone** desfilam na beira da praia, mostrando os lindos corpos enrijecidos pela ginástica e pelo cooper diário. O brinco na orelha também é muito comum entre os homens, mas isto não quer dizer que todos já tenham liberado o seu corpo, talvez só a orelha, como aparentam. Os mais assumidos ficam sempre defronte ao hotel e os grupinhos de amigos e amigas se espalham pelo local.

Algumas sugestões: mesmo com tanto liberalismo, os beijos e os abraços ainda provocam sorrisos sarcásticos dos machões, mas vale a pena tentar. Os preços das bebidas e dos sanduíches na praia já estão caros. Imaginem só quando chegar o alto verão! É sempre bom andar um pouco e tomar um refrigerante nas carrocinhas que ficam na calçada e comer os produtos naturais "Pureza" e "Arco Íris", que são oferecidos por loucos macrobióticos — a preços módicos — que se instalam em plena areia.

→

GALERIA ALASKA

Falar da nossa Via Veneto é desnecessário. Mas como ela continua sendo um dos pontos mais procurados, e vai continuar sendo durante o verão, é sempre bom dar algumas dicas. O Sótão ainda é boa pedida para as sextas e sábados (Cr$ 300,00), mas pode ser freqüentado nos outros dias da semana gratuitamente. Basta apenas o Careca ir com a sua cara. O famoso porteiro só deixa entrar se você estiver bem vestido ou se já tiver pago sua entrada no fim de semana, caso contrário, tem que pagar sem choro nem vela.

Dos bares, o melhor continua sendo o Rio Jerez, mas o Michelângelo abriu com cara nova e pode se tornar uma nova opção, se bem que estas coisas metidas a elegantes não cheiram bem. O Acapulco é bem gostosinho, está sempre cheio e com uma freqüência das melhores. Para os fanáticos do **disco music** e das badalações do bichódromo da Av. Copacabana, a Galeria Alaska continua sendo a opção predileta. Os michês não fazem por menos de cinco pernas — Cr$ 500,00 — e todos, ou quase todos, estão em excelente estado de uso. Podem ser pegos em qualquer esquina das imediações.

CINELÂNDIA E ADJACÊNCIAS

Mas para quem gosta de pegação quente mesmo, a Cinelândia continua sendo o principal ponto, apesar dos perigos que os mais desavisados possam correr. O Festival de michês e bofes que perambulam por aquela área é algo de impressionante e sempre pinta uma transação, basta querer.

Uma quina é também o mínimo exigido na área, mas no final da noite você pode pegar um rescaldo por menos. Nos dias de chuva eles ficam todos encostadinhos nas paredes e dá uma sensação de incrível supermercado sexual: você passa e pode escolher qualquer um. Mas o melhor fica por conta das imediações da praça. No prédio do MEC, na rua Graça Aranha, sempre pinta uma transação depois das 22h, mas tome muito cuidado com os policiais que ficam ali na espreita para roubar o nosso dinheirinho. A Via Ápia e o Buraco da Maisa são dois locais recomendados para quem curte uma de perigo. Nesta área do centro da cidade, os policiais e assaltantes procuram a mesma vítima, os homossexuais que podem dar uma gorgeta extra se apanhados em flagrante. Os jornaleiros da av. Presidente Vargas, que trabalham aos sábados, a noite toda, também fazem o serviço, à base do amorzinho. Um lembrete: nunca leve muito dinheiro na carteira, quando se dirigir a esta região. Leve apenas um trocado para o ladrão e o restante guarde dentro da meia. É um local seguro.

Voltando a Cinelândia, o Amarelinho ainda é o ponto chique da cidade. É um local onde você pode dar muita pinta e inclusive cantar os garçons. Só não garanto êxito. Os banheiros vivem cheios e, de repente, pinta alguém interessante. Mas o quente mesmo são os michês que não cansam de circular pelas redondezas Estão sempre prontos para um programa no Hotel Hostal (Cr$ 250,00) ou no 20 de Abril (Cr$ 200,00). A sensação do momento é o Hotel Casablanca que custa apenas Cr$ 150,00 por algumas horas e possui cama redonda, espelho na parede e ar-condicionado para os dias de calor. Fica na Rua do Lavradio, 68, quase esquina com Avenida Chile, no velho centro da cidade.

ROXY ROLLER

"Chamando atenção na pista do Roxy Roller, para o charme de Lauro Corona, patinando maravilhoso" — assim começa o anúncio radiofônico veiculado nas principais emissoras do Rio, vendendo uma imagem bonita da pista de patinação mais badalada: o Roxy Roller. Realmente, o público que freqüenta aquela pista é, sem dúvida, o mais bonito da **city** e vale a pena dar um pulinho até lá para apreciar todo o vigor físico desta juventude bem alimentada da Zona Sul. Segundo frequentadores, os melhores dias para se patinar são segunda e terça-feira, pois o principal concorrente, Canecão, está aberto e divide as preferências.

Às quartas-feiras, o proprietário Ricardo Amaral, abre sua pista para convidados especiais e colunáveis numa promoção intitulada **Champã sobre rodas.** A partir de meia-noite, duas rodadas de "champã" são servidas aos patinadores que se aglomeram no pequeno bar, mas a oferta não é suficiente para todos. Eu, como sou um repórter persistente, fiquei de copo na mão no meio dos bofes e brotos disputando cada garrafa que era aberta. Resultado: consegui encher dois copos e fiz minha cabeça.

Segundo a revista **Isto É,** a gíria utilizada pelos patinadores do Roxy Roller para apontar os homossexuais que deslizam na pista é "peroba". A revista diz que o termo é adotado maciçamente pelos patinadores e que as noites de quarta-feira são dedicadas a nós. Fui lá na quarta-feira para conferir e segundo o gerente, que eu jurava ser o Ricardo Amaral, "a promoção não tem nada a ver com gay". A entrada (Cr$ 200,00) vale pelo espetáculo, mas quem não tiver patins e quiser dar uma de "patineiro" terá que desembolsar mais Cr$ 200,00 de aluguel.

A pista é mágica, mas não possui muitas inovações. Apenas uma cobertura de alumínio e luzes fosforescentes (branca e vermelha), além do tradicional globo refletor. O som não é dos melhores, mas você pode girar loucamente, fazer o "looping" ou mesmo o "trem da alegria" ao ritmo alucinante de "Lança Perfume" e de outros sucessos do momento. O calção de nylon brilhante e camisetas bem chamativas são a moda, mas é bom não esquecer das joelheiras, pois os esbarrões e tropeços são inevitáveis. Procure sempre patinar com o menor número de pessoas do seu lado, pois dá para se soltar mais. Quando estiver cansado procure ficar nas extremidades da pista onde os patinadores quase não vão. É um bom local para rodopios e pulinhos afrescalhados.

Segundos alguns perobas que freqüentam a pista, o ambiente é descontraído e sem repressão. Para o "patineiro" Haníbal Farias, 24 anos, freqüentador assíduo, "este é um esporte caro e por isto selecionado. Ninguém vem aqui para discriminar ninguém, é tudo bem livre". Pode-se dançar e fazer piruetas a vontade, mas cuidado para não "Virar vaca", ou seja, cair no chão. A pegação é difícil, mas sempre é possível uma conversa amigável e um papo informal. Com "champã" na cabeça você encara qualquer "fera".

Fora do ringue a movimentação é grande e sempre pinta um olhar menos discreto. Nos banheiros, o ambiente é de total repressão, pois dois guardadores impedem qualquer tentativa de pegação. Sugestões: Se bater aquela fome não se iluda com a mini-pizza (Cr$ 40,00), pois não satisfaz. Peça um misto quente pelo mesmo preço. Os refrigerantes em copo custam Cr$ 15,00 e a cerveja em lata (liberada somente após as 24h, por ordem do Juizado de Menores; cruzes!) por Cr$ 50,00.

GAIVOTA

Dediquei meu domingo à praia e no final da tarde fui ao Gaivota, na Barra da Tijuca, para provar da tal feijoada dominical que está sendo muito badalada. Para quem não sabe, o Gaivota é uma boate afastada do centro de agitação da Zona Sul que abre nas sextas (Clube da Luluzinha), nos sábados (Clube do Bolinha) e aos domingos até as 24h. Neste último dia, você não paga nada para entrar, basta apenas mostrar a carteira de identidade. A festa começa às 16h e uma quantiade enorme de pessoas se dirige até o local para dançar e brincar de totó, pingue pongue e sinuca. A música é lenta até as 20h, mas depois o pessoal cai no samba e na discoteque. A tal feijoada, segundo o barman, não será servida no verão — "é muito pesada" — e em seu lugar eles preparam um pequeno prato com pernil e maionese que é delicioso. Custa Cr$ 80,00 e a quantidade não é lá das maiores, mas dá para satisfazer.

As figuras que pintam por lá, na maioria mulheres, são muito bonitas e selecionadas — para quem gosta de seleção, pois para ir à Barra é preciso ter carro, e isto já é um fator que afasta os mais pobres. Quem quiser arriscar ir de ônibus existem quatro partindo de vários pontos da cidade: Rodoviária (233), Terminal Menezes Cortes (Taquara, frescão e é mais caro), Gávea (554 - Nova Ipanema) e Hotel Nacional (556).

A boate funciona numa casa próximo à praia e fica superlotada com o avançar da hora. Se o "Alemão", proprietário da casa, não te deixar entrar por falta de documentos, tente pular o muro que é baixo, mas sem que os garçons percebam.

Por falta absoluta de tempo, o repórter não pôde visitar outros locais quentes, mas recomenda a "Bolsa de Valores", a maior pra **gay** do Rio de Janeiro, que fica bem defronte ao Copacabana Palace. Lá o ambiente é de total descontração e você pode curtir adoidado com seu amigo ou encontrar alguém interessante. Segundo as más línguas, a moda na Bolsa, para o próximo verão, será o nu total; vamos conferir.

As saunas também serão o ponto alto do quente verão que se aproxima, ou que já chegou, não sei. A Termas Leblon é a mais movimentada e a que possui maior número de pessoas bonitas desfilando. Custa Cr$ 350,00 e funciona das 21 às 6h da manhã. Se você estiver a fim de uma boa trepada, lá você não escapa. A outra opção é a Termas Ipanema, onde o movimento é menor, mas de qualidade igual ou superior à concorrente. A sauna custa Cr$ 300,00 e a massagem comum Cr$ 400,00, funciona até as 5h da manhã. Nas salas de repouso vale tudo, não deixe de aparecer por lá. A mais barata é a Termas Flamengo, na Rua Buarque de Macedo. Por apenas Cr$ 230,00 você pode desfrutar de boas companhias. A massagem vale Cr$ 350,00 e funciona até as 2 da manhã. Não perca.

Por fim, recomendo o Schinitão, antiga boate de mulatas que foi transformada em boate **gay.** Dizem até que ali será instalado o primeiro Roller Gay do Rio, estamos aguardando. O Schinitão funciona na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo e possui um ambiente agradável, para se dançar **cheek to cheek.**

Bom, as dicas foram dadas; só espero que os turistas curtam muito este próximo verão carioca e os que moram por aqui curtam mais ainda, pois ele promete ser quentíssimo. Boa sorte e trepem bastante; faz bem para a saúde. (**Aristides Nunes**)

Estes são os termos quentes do verão

Banheirismo — Nova concepção política e ideológica, assumida pelos que gostam de freqüentar banheiros. Os públicos naturalmente.

Bira — Hotel de alta-rotatividade para viados, com o grande detalhe de que nunca receberia nem meia estrela da EMBRATUR. É aquele dos quartos em forma de gaveta.

Broto — Substitui os já "demodê" **gata** ou **gatinha**. Sendo muito popular tempos atrás — lembram-se do Francisco Carlos? —, agora está de volta.

Carcará — Bicha hiperpintosa. Cabelos desgrenhados, nariz de tucano salientar, andar cheio de dengos e um leve sotaque abaianado, apesar de nem sempre ser baiana. Está presente em todas as estréias festivas onde se faz confundir com Caetania ou Bethânio.

Convergetes — Bichas recém convertidas a atuação político-partidária. Ainda confusas, pois não descobriram, até agora, nada semelhante a expressão "**anauê**" para se saudarem umas as outras. **Assemelhadas**: são as que, simpáticas às convergetes, relutam em aderir.

Delfinianos — Designa o michê que aumenta o preço de seus serviços de acordo com os índices **inflacionários. Designa,** também, os que **perderam** o **emprego** e **aderiram** a chamada "vida **fácil**". **Muito** comum hoje em dia, **prometem grandes serviços para o verão** de 81.

Diaghlev — (leia-se diagueleife). Expressão caída em desuso a partir de março de 1964 e substituída por paranóica. Anistiada, ela retorna com a torrente de exilados. Atualmente muito em voga em nossa redação.

Donaldetes — Os que vão para o McDonald's da Rua São José comer hamburger e tentar serem comidos pelo garçon. (E tem uns ótimos!).

Eflúvias — Bichas pintosas que acham que ninguém sabe que o são. Geralmente negam até a morte. A não ser que antes apareça uma barata por perto.

Elza — Substantivo masculino. A bicha ladra.

Eufórica — Adjetivo. A bicha muito louca que, contra tudo e contra todos, insiste em dar pinta, às vezes cheia de balangandãs, na praia, sobretudo na Montenegro.

Fera — Define o garotão bonito.

Filhas d'Aníbal — Bonecas e menos bonecas adeptas de uma coisinha. Também conhecidas como "mayrinquetes". Quando presas rezam para acabar na sétima vara. Maiores informações no **Lampião** nº 30.

Fomos — O mesmo que **Éramos**, só que menos sofisticado. Serve para designar os que abandonaram os grupos homossexuais organizados.

Gato — O popular felino define o adolescente gostoso. É bom notar que só pode receber tal dominação quem tem um certo gingado, típico do felino.

Homossexualérrimas - A grosso modo são os que não pertencem, jamais pertenceram e nunca pertencerão a nenhum grupo organizado. Mas adoram dar bandeira.

Homossexualistas — Antônimo de Homossexualérrimas. Define os adeptos dos grupos homossexuais organizados.

Jaburu — Define a mulher feia. O mesmo que dragão, usado também para definir a bicha horrorosa.

Lampionetes — Os novos adeptos do **Lampião**. Aqueles que fizeram troca-troca com os integrantes dos grupos. As lampionetes deixaram os grupos e passaram ao **Lampião** em substituição aos que deixaram o **Lampião** e foram para os grupos.

Micagem — Define o ato de fazer dublagem. Muito comum entre as bonecas, que assim designam os que têm pretensão artística.

Mictóricas — São as banheiristas intelectuais, com pretensões oswaldianas. Geralmente poetisas. Há várias na redação deste jornal.

Motorizeldas — Os que adoram motoristas. Costumam ficar horas a fio fazendo o intinerário Campo Grande-São Francisco, no Rio, sobre o capô do ônibus. Nas horas vagas podem ser vistas nos pontos finais, pedindo caronas nas estradas ou freqüentando a Rodoviária.

Nosferatas — Bichas vampiras. As que vagam à noite pelos buracos, mas que, ao contrário do Nosferatu, não chupam exatamente o pescoço de suas vítimas. Não suportam a lua cheia e às vezes permanecem nas ruas até o sol nascer. Quando morrem, ao contrário dos vampiros da história, que se transformam em cinzas, as nosferatas costumam virar purpurina.

Patineiro — Substantivo masculino. Quem patina.

Patinha — O broto que patina.

Peroba — O termo vem do nordeste e substitui os velhos chavões usados para definir a bicha que patina. O o deve ser surdo, do contrário, definiria aquela madeira conhecida de nossos avós e que, com a destruição ecológica, quase acabou.

Pulseteiras — Bichas masturbatórias. Aquelas que, radicais, não comem e nem dão, e ao chegarem na cama dizem: "Vamos gozar juntos?".

Reflexivas — Bichas, também, masturbatórias. Em seu grau mais passivo são conhecidas como "Filhas de Ghandi".

Samambaia — Antigamente utilizada como filho de bicha. Hoje aplicado àquelas adeptas do verde. O mesmo que bicha ecologista.

Simonetas — Substantivo feminino. Vestem-se de branco, usam um sênhor topete, calçam 45 e só fazem uma coisa aos sábados à noite: Ficar na porta do Canecão esperando Simone passar.

Siriemas — Tipo de bicha freqüentadora de rodas granfinas, mas que não possui um tostão. Costumam andar aos bandos pela Zona Sul e vez ou outra debandam para outras áreas da cidade. Suas características principais são: o olhar sempre lânguido, corpo extremamente erecto, andar ligeiramente ciscante e vestuário vastamente propagandístico de uma tal loja Newsplan. Conselho: Mantenha-se sempre afastado delas.

Uvas — Integrantes da União dos Viados de Alagoas. O primeiro grupo **underground** do movimento homossexual. Os grupos mais ortodoxos evitam pronunciar tal palavra em público e já dispensaram por completo as frutas de igual nome, não por acharem que estas estivessem verdes.

Viado — É viado mesmo. Este termo está sempre em moda, em todos os verões. De pai pra filho desde 1910.

Essa história dá muito samba

Ainda não ocupados pelos turistas oficiais — os cucarachos, meninas dos olhos da Riotur, especialmente, e gringos no geral —, os ensaios de escolas de samba e blocos, sobretudo, formam ainda um espaço bem carioca. Sim, por que o temor que os tecnocratas da Riotur impõem aos turistas não os permite deixar a Zona Sul e se meter em um táxi a caminho da Zona Norte. Turista quer ver mesmo é escola de samba prontinha, a desfilar seus encantos sob os neons da Avenida, domingo de carnaval. Ainda bem, o que eles vêem na avenida não tem nada a ver com o que ocorre nos meses que antecedem o carnaval.

A festa começa agora, em dezembro. Novembro foi, sem dúvida, um mês de escolha de samba e quadra ainda meio vazia. Dezembro, com o disco de sambas enredos na rua e com as emissoras de rádios, até as elitistas FM, já anunciando os sucessos do próximo carnaval, as quadras enchem. O disco de samba enredo é o termômetro das grandes escolas. O samba mais tocado é o principal cartão de visita. As que alcançam sucesso de execução logo no início do mês alcançarão também sucesso do público nos ensaios, que a rigor não têm nada de ensaio.

Por isso, provavelmente a Imperatriz Leopoldinenese, uma das três vencedoras do último carnaval, será das mais freqüentadas este ano. O enredo foi muito bem sacado: apesar dos anos, Lamartine vende. E vende muito. E o samba do Zé Catimba é excelente. Isso talvez contribua para o fracasso da escola no desfile. Como confidenciou-me um filósofo — amigo da São Carlos certa vez, "escola com muita gente na quadra não ganha carnaval. Uma multidão de sambeiros invade a escola e daí para se candidatar ao desfile é um passo. Quadra cheia só agrada mesmo ao tesoureiro".

Para bicha, poucas escolas são mesmo convidativas. São Carlos ainda é a melhor, sem dúvida. Os seus ensaios de sexta-feira e sábado são o exemplo mais significativo de que o preconceito ainda é coisa de classe média. E classe média babaca. Senão é só se deslocar até o Mangue, bem pertinho da Zona. Ou melhor: do que ainda resta da Zona. É lá a escola. Na São Carlos não há meias-medidas. Não é comum se ver a Zona Sul a ocupar o seu espaço, a caretear comportamentos e a impor ritmo ao vai-e-vem das pessoas. Das escolas tradicionais — São Carlos é, historicamente, uma das primeiras escolas, senão a primeira — é a que ainda mantém um certo quê de escola de bairro. Sim, porque é para ela que se deslocam, nas noites de fim de semana, os moradores do Morro de São Carlos, da Lapa, e do Estácio. E quem for visitá-la deve levar isso em consideração.

Mangue, Estácio e Lapa, eis o mundo da São Carlos. De sangue e suor. Por isso, não se surpreenda com as putas, os travestis e os malandros que ocupam o seu terreiro. E e ocupam bem. Em um delírio incomparável. Não há repressões; sempre que vou a São Carlos tenho a impressão de estar em um terreiro de candomblé, onde o preconceito e a repressão ficam do outro lado da cerca.

"Preconceito e repressão ficam do lado de fora, mas há que se ter respeito", assinalava recentemente o meu amigo filósofo da São Carlos. Não vá se apropriar indevidamente do clima de liberdades que se respira na São Carlos. Curta as coisas, mas não force a barra com quem não estiver a fim. Jamais tente uma curra. Mesmo a curra educada, do gesto, do toque sutil, do discurso. As coisas pintam lentamente e quase sempre no final da festa.

Mesmo assim, São Carlos perdeu muito de sua força depois da mudança da sua sede da avenida onde hoje corre o desfile de domingo, para o local de agora. Na Marquês de Sapucaí, o clima era realmente mais intenso, mais louco. Sobertudo por causa dos terrenos baldios das obras do metrô, um pouco adiante. Mas não se decepcionem: São Carlos ainda é a melhor.

Mas não é a única. Mesmo a Portela, tão careta coitada, com os seus sambeiros requisitados na classe média suburbana, tem ainda um certo charme. No espaço da Escola, a multidão não permite muito clima. Quer pelo controle exercido pelo amigo ao lado, quer pelo controle exercido pela segurança da escola, zelosa em preservar a moral e o bom costume. O melhor se dá do lado de fora, sem dúvida. Antes, quando a garotada fica esperando alguém para lhe pagar o ingresso, ou depois, quando, na Avenida que margeia a quadra, fica repleta de garotões, quase a esmolar um fim-de-noite, uma carona, algum carinho.

É o mesmo clima da Beija Flor, Imperatriz Leopoldinense e do Salgueiro, esta com a agravante de ensaiar às noites de domingo, quando todo mundo fica incomodado pela hora e com o trabalho do dia seguinte. A Beija Flor é uma boa escola. A bichas de **pedigri** ficam em casa, com medo de assalto, que há tanto como na Zona Sul, e não sabem o que perdem. O maior problema é quanto ao local de transa. E cuidado com as curras. Elas são freqüentes, se você não escolhe o local para levar o seu acompanhante.

Mangueira, Ilha do Governador e Padre Miguel são as mais caretas. A Mangueira não permite homossexual em seu desfile, se ele não se "comportar devidamente". Em sua quadra, o melhor local para um papo, para uma pegação, é do lado de fora, nos bares que ficam ao lado, no pé do morro. É claro que precisa cuidado, mas ainda é o espaço mais acessível. É por isso que o Palácio do Samba está quase que entregue às moscas e os bares ao lado faturam loucamente.

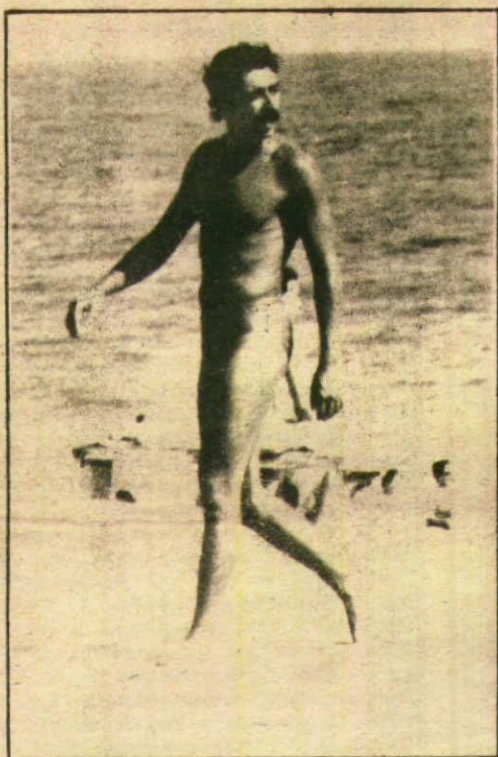
A minha preferida, em um plano muito próximo a São Carlos, é a Império Serrano. Foi lá, em Madureira, sob o teto de aço que cobre a garagem dos bondes da antiga light que vivi uma das noites mais intensas de minha vida: Em novembro de 1977, na escolha do samba enredo de 1978.

Cheguei depois da meia-noite de uma quinta-feira sob uma chuva fina e incômoda. A loucura começou a dois quilômetros de distância da quadra: um imenso congestionamento. Milhares de pessoas encontraram apenas um recurso: abandonar os seus carros e seguirem a pé. A entrada estava tomada desde muito cedo. Para se entrar, tinha de se usar de toda a virilidade escondida ou abandonada na adolescência. Valeu a pena: ninguém deixou a escola sozinha.

Fiquei freguês até depois do carnaval, mas nas últimas vezes já não era a mesma coisa. Talvez o leitor esteja intrigado com as minhas observações sobre as bichas de **pedigrí** ou da classe média da Zona Sul, a beirar o preconceito. O leitor teria razão se não soubesse como a Império acabou o carnaval. Ainda não sei explicar ao certo como tudo ocorreu. Uma noite, me deparei com todo o Baixo Leblon, com toda Ipanema, com toda Copacabana na Império Serrano. A se utilizar dos rapazes, a "corrompê-los" a peso de dólares. Até o garoto que ficava a se oferecer no banheiro incansavelmetne, como que fazendo as "honras da casa", em uma verdadeira maratona de amor, tinha sido literalmente **comprado.**

Não fiquei surpreso quando vi a escola se acabar e parar no segundo grupo, junto com a careta e repressiva Vila Isabel, eldorado da classe médica do subúrbio e da Zona Sul. Nos dois anos seguintes, a Escola ficou as moscas, embora todos ainda lutassem pela sua recuperação. Mas os garotos haviam sido arrastados para o Noites Cariocas e a festa acabou mesmo. Outro dia, como que para matar a saudade e chorar sobre suas cinzas, fui visitá-la. Não está tão cheia, a bem da verdade, mas o clima antigo parece ter voltado. Até o mictório estava animado e, qual não foi a minha surpresa, ao constatar o mesmo garoto de tempos atrás a ciceronear, incansavelmente, as visitas ao banheiro de fundo... (**Alceste Pinheiro**).

Praias: de Ubatuba ao doce Arraial

O verão da abertura em Ipanema (Foto O DIA)

Fotos do verão: Cyntia Martins

Se as pessoas consideradas "normais" usam a expressão "mais uma primavera" ao fazer mais um ano de existência, nós, os homossexuais, deveríamos usar "enfim, mais um verão"! Se o último verão abriu a década, e com sua "abertura" nos trouxe — pelo menos às praias cariocas — corpos mais despidos, exilados mais abertos, entre outras coisas, imaginemos o verão de 81! "Nenhuma nudez será castigada", sugiro.

Lampião já publicou diversos roteiros, que convém relembrar. Paraty e Ouro Preto são os meus preferidos por razões já explicitadas nesses mesmos roteiros. Mas tem mais: para quem for a Paraty, a Rio-Santos oferece uma infinidade de opções ótimas. Para quem faz a linha campinguei, perto de Angra dos Reis (90 km do Rio) a praia de Jacareí estará repleta de gente jovem; como não tem onda a freqüência não é de surfistas, mas — muito melhor — da rapaziada da Zona Norte do Rio, aquela que, segundo nos dizia Leila Diniz "é a única que depois das duas da madruga continua de pau duro". Não tem hotel, apenas umas biroscas. Monte a sua tenda e seja feliz. Se você conseguir chegar sozinho até lá (a estrada está cheia de meninos pedindo carona, mas não é aquela linha hippie, me dá um cigarro aí, etc. Aliás, pelo sotaque você saca logo, pois hippie agora só existe na Argentina ou em Cabo Frio) terá muito bofe para escolher.

Outra praia para acampar é a praia Grande — a uns 30 Km de Paraty, pouco freqüentada, também sem hotel, com bares incríveis e pescadores melhores ainda. Ao cair da tarde tem uma famosa "biquinha" de água doce que é um ponto de pegação ótimo.

Passando de Paraty, para quem curte um lugar isolado, depois de 8km do trevo tem uma placa Paraty-mirin, e uns 3km de terra (se chover vira linha Moreira da Silva: "Quem está fora não entra, quem está dentro — **de preferência** — não sai"). A praia é de mar calmo, tem um restaurante popular excelente, acampa-se perto de uma igrejinha do século XVIII, e a freqüência é um misto de garotões paulistas, paratyenses, pescadores locais, e muita moçada de Volta Redonda. A extensão da praia é incomensurável, sendo que a que você para chegar atravessa o Rio das Pedras Azuis, é um verdadeiro campo de nudismo. E muito longe de repressão...

Ainda a caminho de Santos, duas referências: Picinguaba, desértica a 22Km da entrada/saída de Paraty-mirin. **Belíssima, não tem alma comercial viva. Leve sua comida (empírica) e descole um gatinho "para ensinar o caminho"** de uma das várias cachoeiras. Muita garotada, e — por causa do desconforto — nada de família. Só nos fins de semana (mas aí ela baixa até na Cinelândia, meu amor!). A outra — para quem faz a linha surfista — são as muitas praias de Ubatuba (no centro tem hotel, restaurante, até boite), que vira um mar de parafina e muita vara. Garotões paulistas e cariocas, a moçada local. Não tem, no centro, um clima próprio para pegação. Eles ainda estão em outra, mas afinal alguém tem que reproduzir neste planeta! Mas nas praias, tem sempre um gatinho disfarçando sua homossexualidade (como disse muito bem alguém no último Lampião) sob a capa da necessidade econômica. Para quem não estiver de férias, é bom lembrar que domingo tem gasolina em Paraty. Aliás, em janeiro terá uma Mostra do Cinema Brasileiro lá. Vai pintar muita gente, e o resto, consultem o número onde está publicado o roteiro guei da cidade.

Ao norte do Estado do Rio de Janeiro, para os lados de Cabo Frio, os melhores lugares são Saquarema e Arraial do Cabo. Saquarema e Ponta Negra (ui!) é o paraíso dos surfistas, como vocês já sabem. Mas Arraial, é uma cidade guei. Todo mundo transa. O que tem de bicha que se mudou pra lá não está no gibi! Várias praias, pensões e restaurantes, pegação rasgada dia e noite. Se Cabo Frio virou, junto com Búzios, um lugar supercareta (não fosse a absolvição do Doca Street), Arraial banha na simplicidade. E virou ponto de convergência (não é socialista, não, viu?) dos bofes que já sabem onde vão caçar. Os melhores meninos do pedaço estarão lá. Chegue antes das outras. Mas se chegar depois, tudo bem. Sobra sempre. Tem ônibus para o Rio bastante, e gasolina domingo em Cabo Frio.

Agora se você prefere ficar no Rio, os lugares de sempre (Galeria/Praça Tiradentes/Cinelândia) estarão fervilhantes! Muito argentino, gaúcho, mineiro, paulista, catarina, tudo. E os pré-carnavalescos e os ensaios das Escolas (Alceste te conta)! Uma recomendação para os punheteiros de todos os gostos: não deixe de levar o Calendário do Lampião, porque além de você se orientar em que dia da semana está, nesses mares de loucura (porque não páras, relógio?), servirá certamente para "descascar uma banana" à sombra de um coqueiro, ou excitar "curiosamente" um dos milhões dos garotões espalhados nesse itinerário de erotismo e felicidade. (**Luiz Carlos Lacerda**).